

Joana Margarida Dias da Silva

A percepção dos professores sobre a Educação Sexual
nas escolas: Estudo qualitativo com professores do
3.º ciclo



UNIVERSIDADE
PORTUCALENSE

Departamento de Ciências da Educação e do Património

Maio de 2013

Joana Margarida Dias da Siva

A percepção dos professores sobre a Educação Sexual nas
escolas: Estudo qualitativo com professores do 3.º ciclo

Dissertação apresentada na Universidade Portucalense Infante D. Henrique, destinada à obtenção do grau de Mestre em Psicologia, especialização no domínio da Educação e da Orientação. O Trabalho foi realizado sob orientação do Professor Doutor Gil André da Silva Costa Nata.



UNIVERSIDADE
PORTUCALENSE

Departamento de Ciências da Educação e do Património

Maio de 2013

DECLARAÇÃO

Nome: _____

Nº. do B. I.: _____ Tel/Telem.: _____ e-mail: _____

Curso de Pós-Graduação: _____

Doutoramento

Área do doutoramento: _____ Ano de
conclusão: __ - __ - ____

Mestrado

Designação do mestrado: _____ Ano de
conclusão: __ - __ - ____

Título da tese / dissertação

Orientador (es):

Declaro, para os devidos efeitos, que concedo, gratuitamente, à Universidade Portucalense Infante D. Henrique, para além da livre utilização do título e do resumo por mim disponibilizados, autorização, para esta arquivar nos respectivos ficheiros e tornar acessível aos interessados, nomeadamente através do seu repositório institucional, o trabalho supra-identificado, nas condições abaixo indicadas:

[Assinalar as opções aplicáveis em 1 e 2]

1. Tipo de Divulgação:

- Total.
 Parcial.

2. Âmbito de Divulgação:

- Mundial (Internet aberta)
 Intranet da Universidade Portucalense.
 Internet, apenas a partir de 1 ano 2 anos 3 anos – até lá, apenas Intranet da UPT

Advertência: O direito de autor da obra pertence ao criador intelectual, pelo que a subscrição desta declaração não implica a renúncia de propriedade dos respectivos direitos de autor ou o direito de a usar em trabalhos futuros, os quais são pertença do subscritor desta declaração.

Assinatura: _____

Porto, ____/____/____

AGRADECIMENTOS

Aproveito para agradecer a todos aqueles que, de algum modo, contribuíram para a finalização deste estudo.

Primeiramente desejo enaltecer, o apoio, dedicação, paciência e exigência que o Professor Doutor Gil Nata teve ao longo de todo o processo de elaboração desta Dissertação.

O meu especial agradecimento aos docentes entrevistados, por terem prontamente aceitado integrar a investigação e pela demonstração de total disponibilidade para ajudar em tudo o que fosse necessário para o sucesso do estudo.

À minha Mãe Graça, ao meu Pai Norberto e à minha irmã Beatriz pelo apoio, incentivo e por nunca me terem deixado ‘cair’ quando fraquejei.

Ao meu marido Luís, pela compreensão e apoio incondicional prestado em todas as etapas deste estudo.

Por último, mas não menos importantes, aos meus amigos. Aqueles que nunca me faltaram nos inúmeros momentos de fragilidade, dispensando muito do seu tempo para me ‘aturar’ ao longo do processo.

A todos o meu sincero OBRIGADO!

RESUMO

Já há muitos anos que a sexualidade e a sua abordagem deixou de ser um tema omitido pela nossa sociedade. Inclusivamente, nos últimos anos, tem assumido uma posição mais activa pois, aos poucos, a sociedade foi-se apercebendo da necessidade de a exaltar para um melhor desenvolvimento dos indivíduos. Como é sabido, são vários os elementos que influenciam a sexualidade dos sujeitos, entre eles a escola. Assim, sabendo que a educação sexual se tornou tema obrigatório em ambiente escolar ao nível das áreas curriculares disciplinares e não disciplinares e tendo em conta que os professores são reconhecidos como um dos principais agentes de incitação de saberes e valores, e, que no que respeita à abordagem da educação sexual, é-lhes conferida uma certa ‘margem de manobra’ no planeamento e execução da temática, tornou-se importante, não só perceber qual a percepção de docentes acerca da inclusão da temática em meio escolar, como entender a sua perspectiva sobre a influência das características pessoais e envolventes nas suas escolhas para o seu desenvolvimento em contexto escolar. Para o efeito, no final do ano lectivo de 2010/2011, desenvolveram-se três entrevistas semi-estruturadas a professores de um dado estabelecimento de ensino da zona centro norte de Portugal Continental, que tivessem abordado a temática com os seus alunos.

Depois de analisados os dados, através do método qualitativo de análise de conteúdo, percebemos que, apesar de todos os participantes terem concordado com a abordagem da temática no contexto escolar, os três fazem subentender uma abordagem ‘forçada’ pelo carácter obrigatório do Programa de Educação Sexual, incluído na Educação para a Saúde, e por todas as diretrizes que este programa incita e não por a acharem tão importante ao ponto de a incluírem por vontade própria. Por exemplo, sentem-se ‘obrigados’ a abordá-la nas disciplinas cujos conteúdos curriculares compreendam a componente biológica da sexualidade; ‘coagidos’ pela docência da Formação Cívica, bem como pelo cargo de director de turma. Depreendeu-se também que, para além da interferência das características e opiniões pessoais, apesar de alguns argumentarem ter uma conduta neutra, existem outros factores que podem influenciar a abordagem dos docentes neste âmbito, como sejam: a opinião dos pais, a religião dos alunos, entre outros. No entanto percebeu-se ainda que os docentes que abordavam a educação sexual ao nível da sua unidade curricular, integrada na componente de transversalidade designada pela legalidade, não procederam a qualquer adaptação ou actividade específica para abordar o tema na unidade curricular pela qual eram responsáveis. Constatou-se sim que os docentes subentendiam algumas das suas temáticas curriculares como temas previstos para a educação sexual e assim já estariam implicitamente a abordá-la.

Palavras-chave: educação sexual, alunos, escola, docentes.

ABSTRACT

For many years sexuality and its approach is no longer an issue overlooked by our society. Even in recent years as assumed a more active position, slowly, the society began to understand the need to exalt for a better development of the individuals. Has its well-known, there are several elements that influence the subjects sexuality among them the school. So, knowing that sexual education has become a mandatory subject in the school environment in terms of subject areas and not disciplinary, knowing that teachers are recognized as one of the main agents of inciting knowledge and values and, as regards approach to sexual education, they are given a certain 'margin of maneuver' in the planning and execution of the theme, it's important not only understand the perception of teachers on the inclusion of the issue of sexual education in schools, how to understand their perspective about influence of personal characteristics and engaging in their choices for their development in the school context. For this purpose at the end of the academic year 2010/2011, were developed three semi-structured interviews with teachers of an educational institution of the central north of Portugal, who had approached the topic with their students.

After analyzing the data, using the method of qualitative content analysis, we realized, even that all the participants say that they agree with the thematic approach, the three suggest the 'forced' approach by the mandatory Program of Sexual Education, included on the Education for Health, and for all the guidelines and not for the importance of including them for free will. For example, is understood that teachers feel 'obliged' to address it in the disciplines whose curricular content comprehend a biological component of sexuality; 'coerced' by the teaching of Civics, as well as the position of the class director. It was also found, due to teachers' discourses, although some argue having a neutral conduct many are the elements that interfere with them. Therefore, in addition to the personal characteristics, there are other factors that can influence their methodology in this field of activity, such as: parents opinions, religion of the students and their family, among others. It was still possible to check that the teachers who treat sexual education in terms of their courses, part of the transverse component designated by legality, say not to proceed to any adjustment or specific activity to address the issue in the course for which they are responsible. Thus, this fact allows to suppose that teachers underlie some of their curriculum subjects such matters provided for sexual education and so are already implicitly address it.

Keywords: sex education, students, school, teachers.

Índice

AGRADECIMENTOS	4
RESUMO	5
ABSTRACT	6
INTRODUÇÃO	8
PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO	11
1. Objectivos da Educação Sexual	12
2. A Educação Sexual nas escolas	15
2.1. A implementação em Portugal.....	18
3. Modelos orientadores da Educação Sexual em ambiente escolar	26
4. Os docentes e a Educação Sexual em meio escolar.....	33
4.1. O papel dos docentes na Educação Sexual.....	33
4.2. Os docentes e a prática da Educação Sexual	35
PARTE II - ESTUDO EMPÍRICO	43
5. Metodologia	44
Método	44
Participantes	45
Análise dos dados	47
6. Resultados.....	48
7. Discussão dos Resultados.....	72
CONSIDERAÇÕES FINAIS	80
BIBLIOGRAFIA	82
ANEXOS	89

INTRODUÇÃO

É relevante recordar que ao longo de muitos anos a sexualidade foi encarada “(...) como sinónimo de reprodução, remetendo a sua essência apenas à esfera da genitalidade” (p.14). Porém nas últimas dezenas de anos, os avanços dos conhecimentos ao nível desta temática permitiram “(...) a organização de um corpus de conhecimento muito vasto e rico, onde a sexualidade deixa de estar ligada ao conceito de reprodução, pecado e de impureza e passa a compreender outras vertentes, como os afectos, comunicação, partilha e amizade” (Vieira, 2009, p. 14).

Neste sentido, a escola não pode “(...) ignorar a educação sexual”, pois além de ser um espaço de aprendizagem e socialização que passa um conjunto de competências e conhecimentos é também um local que “(...) prepara os jovens para a vida” (Vieira, 2009, p. 14). Já há muitos anos que a nossa sociedade tem vindo a falar da inclusão da educação sexual em meio escolar, sendo que o nosso primeiro documento legal remonta ao ano de 1984, pela Lei n.º 3 onde era reconhecido o direito à educação sexual nas escolas. Desde então muito foi dito e legislado até que, no ano de 2000, pelo Decreto-Lei n.º 259, foi mesmo considerada como conteúdo obrigatório nos currículos escolares.

Todavia, esta componente de obrigatoriedade deixa alguma ‘margem de manobra’ aos docentes. Pelo que se torna essencial, de modo a perceber como é que a educação sexual tem sido levada a cabo, conversar com os docentes e entender qual a sua percepção acerca da educação sexual em meio escolar e a influência das características pessoais e envolventes na sua abordagem, acabando mesmo por este vir a constituir a nossa questão de investigação.

Com vista a alcançar o objectivo de estudo proposto, este trabalho divide-se em sete capítulos compreendidos em duas partes: Parte I- Enquadramento teórico e Parte II- Estudo empírico.

Na primeira parte encontramos uma breve revisão teórica que integra a temática ao longo de quatro capítulos. No primeiro capítulo contextualizamos o tema da educação sexual, onde são explanados alguns dos seus conceitos e objectivos. No segundo, que dá pelo nome de ‘A Educação Sexual nas escolas’, primeiramente são referenciados alguns agentes que, de alguma forma, interferem com a sexualidade dos indivíduos, tais como a família, o grupo de pares, a religião e a escola, seguindo-se o subcapítulo designado por ‘A implementação em Portugal’ onde deambulamos sobre a legislação e orientações

ministeriais que retratam a evolução da educação sexual desde que foi referenciada a ingressar em contexto escolar, até à sua situação actual. Ao nível do terceiro capítulo são revelados um conjunto de modelos orientadores da prática da educação sexual em contexto escolar, através dos quais se pode pensar a Educação Sexual. Já o quarto capítulo converge a sua atenção para os professores, actores principais do nosso estudo, onde tentamos perceber o que a literatura defende acerca do seu papel enquanto docentes desta temática, como também identificamos alguns dos factores que podem influenciar a prática destes profissionais em âmbito escolar, entre eles, as atitudes face à educação sexual, os seus conhecimentos, a questão da formação, a sua motivação, o conforto, entre outros.

Na segunda parte, denominada como ‘Estudo empírico’ inicialmente encontramos a metodologia, o quinto capítulo do nosso estudo. Este subdivide-se em três subcategorias: ‘O Método’, ‘Participantes’ e ‘Análise dos dados’. Na primeira delas, ‘O Método’, damos a conhecer o processo escolhido para a presente investigação - o método qualitativo, justificando a sua pertinência, mas também referimos o método utilizado para a recolha de material. Seguidamente reportamo-nos mais especificamente aos ‘Participantes’ onde é apresentada uma breve descrição dos mesmos. Por último, neste capítulo, com o título ‘Análise dos dados’, são ainda apresentados os procedimentos utilizados para analisar os dados, que neste caso particular é pela análise de conteúdo. No sexto capítulo são explanados os resultados oriundos das entrevistas realizadas aos professores, enquanto no sétimo discutem-se esses mesmos resultados, reflectindo-se interpretativamente sobre os mesmos, de forma a dar resposta ao objectivo do estudo.

Finalmente é ainda possível encontrar algumas considerações finais que imprimem alguns aspectos do estudo a exaltar, as suas limitações, havendo também espaço para algumas sugestões para futuros estudos.

PARTE I - ENQUADRAMENTO TEÓRICO

1. Objectivos da Educação Sexual

Segundo Chauí (1985), Guimarães (1995), Maia (2001) e Nunes (1987) a sexualidade incorpora um conjunto de comportamentos humanos para além do genital que não devem ser encarados como a mesma coisa que sexo, relação sexual ou até mesmo orgasmo, mas como um conceito que engloba o amor, a sensualidade e o prazer, as relações de afecto e sexuais entre as pessoas, entre outras (*cit.in* Maia & Aranha, 2005). Já para Gherpelli (1995)

“(…) quando se fala de sexualidade, pressupõe-se intimidade. A sexualidade é um atributo de todo ser humano. Mas, para ser compreendida, não se pode separá-la do indivíduo como um todo. Ela é parte integrante e inter-comunicante de uma pessoa consigo mesma e com os outros. Contudo, é muito mais do que simplesmente ter um corpo desenvolvido ou em desenvolvimento, apto para propiciar e apresentar desejos sexuais. Trata-se também, de uma forma peculiar que cada indivíduo desenvolve e estabelece para viver suas relações pessoais e interpessoais a partir do seu papel sexual. Daí, podemos afirmar que a sexualidade é um instrumento relacional importante, embora não seja o único” (*cit. in* Souza & Ramos, 2002, p. 22).

Porém, no ano de 2002, decorrente do Convénio Internacional da Organização Mundial da Saúde (OMS), a sexualidade começa a ser entendida como:

“Um aspecto central do ser humano, que acompanha toda a vida e que envolve o sexo, a identidade, os papéis de género, a orientação sexual, o erotismo, o prazer, a intimidade e a reprodução. A sexualidade é vivida e expressa em pensamentos, fantasias, desejos, crenças, atitudes, valores, comportamentos, práticas, papéis e relações. Se sexualidade pode incluir todas estas dimensões, nem sempre todas elas são experienciadas ou expressas. A Sexualidade é influenciada pela interacção de factores biológicos, psicológicos, sociais, económicos, políticos, culturais, éticos, legais, históricos, religiosos e espirituais” (WHO, 2002, *cit. in*. Serrão, 2009, p. 25).

No entanto, de acordo com Vaz, Vilar e Cardoso (1996), ainda predominam perspectivas tradicionais acerca da sexualidade, tais como: a perspectiva reprodutiva, a perspectiva genital, a perspectiva heterossexual, a perspectiva masculina e a perspectiva do adulto.

Segundo este autor, a perspectiva reprodutiva, mais vincada na religião católica, defende a sexualidade direccionada principalmente para a reprodução em detrimento do prazer erótico. Já a perspectiva genital diz-nos que, caso exista permissividade ao prazer erotizado, este propenderá a ser afastado para a situação do coito vaginal e para o domínio dos órgãos genitais. Na perspectiva heterossexual admite-se o modelo de comportamento sexual referido imediatamente antes, e considera-se o amor e paixão como elementos expulsivos no relacionamento entre mulher e homem. A seguinte perspectiva, a masculina, é-nos trazida por Browne e France (1988), que realçam a

importância dada aos papéis de género, onde “(...) um «verdadeiro rapaz» tem de ser líder, não pode dar provas de fragilidade e não se deve preocupar com a sua atracção física; uma «menina respeitável» será dependente; carinhosa e cuidará do seu aspecto físico” (*cit. in Vaz et al., 1996, p. 15*). E finalmente a perspectiva do adulto, que defende a manifestação da sexualidade em associação ao casamento, incluindo os limites referenciados nas outras perspectivas (*Vaz et al., 1996*).

Remetendo-nos especificamente aos objectivos, a educação sexual, segundo o Grupo de Trabalho de Educação Sexual¹ (2005), é encarada como o processo através do qual se adquire informação e se compõem crenças e atitudes acerca da sexualidade e da conduta sexual (GTES, 2005). Nesta mesma linha de ideias, o documento *Educação Sexual em Meio Escolar - Linhas orientadoras* defende que a educação sexual não se pode cingir exclusivamente à componente informativa, obrigando assim ao debate de ideias acerca dos valores individuais e dando os meios indispensáveis para que os receptores possam tomar as suas decisões pessoais (*M.E. et al., 2000*).

No entanto, a principal finalidade da educação sexual, segundo o Grupo de Trabalho de Educação Sexual¹ deve ser o desenvolvimento de competências nos jovens, permitindo-lhes opções informadas nas suas condutas no que respeita à sexualidade, possibilitando que se sintam seguros e informados nas suas escolhas (GTES, 2005), mas também que permita a expressão de respeito por aqueles com quem se relacionam (*M.E., et al., 2000*). Enquanto que para Duarte, Canário, Serrão e Ricou (2007) a educação sexual pretende o desenvolvimento do autoconhecimento do sujeito, de modo a auxiliar a reflectir de acordo com valores e princípios.

Também a Lei n.º 60/2009 fez referência às finalidades da educação sexual, definindo, entre outros, como seus objectivos:

“A valorização da sexualidade e afectividade entre as pessoas no desenvolvimento individual (...); O desenvolvimento de competências nos jovens que permitam escolhas informadas e seguras no campo da sexualidade; (...) A redução de consequências negativas dos comportamentos sexuais de risco, tais como a gravidez não desejada e as infecções sexualmente transmissíveis; A capacidade de protecção face a todas as formas de exploração e de abuso sexuais; O respeito pela diferença entre as pessoas e pelas diferentes orientações sexuais; A valorização de uma sexualidade responsável e informada; A promoção da igualdade entre os sexos; O reconhecimento da importância de participação no processo educativo de encarregados de educação, alunos, professores e técnicos de saúde; A compreensão

¹ Grupo de Trabalho para a Educação Sexual (GTES), formado a partir do Despacho n.º 19737/2005, onde é condensada a sua actividade desenvolvida no que concerne à avaliação da educação sexual em Portugal.

científica do funcionamento dos mecanismos biológicos reprodutivos (...)” (Lei n.º 60/2009, p. 5097).

Todavia, em ambiente escolar, o maior objectivo da educação sexual passa por contribuir, mesmo que parcialmente, para uma vivência mais gratificante, informada, mais responsável e autónoma da sexualidade (M.E. *et al.*, 2000; Frade, Marques, Alverca & Vilar, 2009), intervindo não somente em conhecimentos biológicos, como também “(...) na área dos conhecimentos, das competências e das atitudes dos alunos (...)” (p. 283), apesar de, na prática diária das escolas, argumentarem que o mesmo não acontece por variados motivos (Fernandes & Paiva, 2005).

Importa ainda destacar que, segundo Frade *et al.* (2009), actualmente, organizações internacionais com reconhecida importância no campo da cultura, educação, juventude, infância e saúde, como a UNICEF, UNFPA, UNESCO e também a OMS, admitem a importância e a necessidade da Educação sexual em meio escolar. Neste sentido, Duarte, Canário, Serrão e Ricou (2007) acrescentam que, não só a educação sexual é positiva para o desenvolvimento do sujeito, bem como se converte num imperativo “(...) na persecução de uma sociedade mais justa e integrativa” (p. 24). Já Lorencini-Júnior (1997) consideram mesmo que as aulas de educação sexual constituem um “processo de transformação e mudança, que parte de um projeto coletivo e atinge os indivíduos, cada qual com sua busca particular do(s) sentido(s) da sexualidade” (p. 95, *cit. in* Silva & Carvalho, 2005).

É adicionalmente relevante exaltar que as actividades promovidas na escola no âmbito da educação sexual devem integrar todos os alunos, quaisquer que sejam as suas características pessoais, visto que a sexualidade pode ser pensada como uma necessidade básica para todos (Duarte, Canário, Serrão & Ricou, 2007).

Finalizada que está a integração do tema da educação sexual, onde foram revelados alguns conceitos e objectivos da mesma, importa agora concentrar a atenção no nosso contexto de estudo privilegiado - A escola.

2. A Educação Sexual nas escolas

Como nós sabemos, a sexualidade “(...) força estruturante do indivíduo (...)” (p. 168) expressa em todas as suas acções, em todas as fases da vida (Matos & Sampaio, 2009), é resultado de um processo de socialização de modo informal ou formal a que todas as pessoas estão sujeitas (Ramiro & Matos, 2008). Desde que o indivíduo nasce submete-se a várias influências educativas de elementos mais próximos, como seja, a família (Vaz *et al.*, 1996), em especial os pais, que fornecem conhecimento informal aos indivíduos (Matos & Sampaio, 2009).

No entanto, não é o único domínio a ter interferências no campo da sexualidade, podendo, de igual modo, serem influenciados por “(...) amigos e colegas de escola ou de vizinhança, os professores, os profissionais de saúde, a televisão, a internet, o cinema e as leituras diversas (livros, revistas, jornais, desdobráveis, cartazes...)” (M.E. *et al.*, 2000, p. 50).

Assim sendo, são vários os elementos que interferem na sexualidade dos indivíduos. Neste estudo atribuímos relevância, não só aos pares, aos *media*, aos pais, aos professores e à escola, referidos acima, mas também destacamos a influência de elementos como a religião, esclarecida posteriormente.

Os **pares**, considerados como a fonte principal de informação, são verdadeiros modelos sexuais, que beneficiam os processos de identificação dos indivíduos, tendo em conta itens como os interesses, a idade próxima, entre outros. Mas nem sempre as aprendizagens pelos grupos de pares são positivas, visto que a informação difundida é muitas vezes imprecisa e a pressão exercida pelo grupo favorece a descoberta da sexualidade experienciada frequentemente sem estarem preparados, nem considerando os ritmos pessoais (Vaz *et al.*, 1996).

É indiscutível a influência dos *media* na educação sexual. A televisão, considerada como uma das principais fontes de informação, constitui uma das actividades em que as crianças despendem mais horas de atenção por dia (Vaz *et al.*, 1996).

Também a **religião** tem importância na sociedade, sendo que tem a capacidade de gerir condutas sexuais e a apontar valores morais, por meio da imposição de normas e repressões, no que concerne à sexualidade (Reis & Vilar, 2004).

De acordo com Lefkowitz, Gillen, Shearer e Boone (2004), aqueles que têm a religião como uma parte valorizável para si propendem a dispor de uma postura mais conservadora para com a componente sexual.

No que concerne à vertente familiar, Baier e Wampler (2008) referem que existem evidências de que, ambientes familiares envoltos em religiosidade exercem uma grande influência nas atitudes sexuais dos seus elementos, principalmente na dos jovens.

Os **pais** constituem os modelos com maior importância pois, ao mesmo tempo que são figuras de vinculação, são também de identificação (Vaz *et al.*, 1996). Efectivamente, não é discutível o importante papel que a **família** tem na educação sexual, sendo com esta que, entre outros factos, ocorrem também as primeiras socializações (Serrão, 2009) e vivências da sexualidade (Vaz *et al.*, 1996), onde, a partir do nascimento do indivíduo, sugerem o que pode ou não pode ser desenvolvido (Silva & Neto, 2006).

A **escola** tem um contributo relevante na socialização do indivíduo, sendo que é nesta que os jovens permanecem numa parte significativa do seu tempo e apreendem grande parte dos valores sociais que possuem. Tem também funções no que concerne à formação de pessoas (Fernandes, s/d), à construção da identidade dos jovens (Matos & Sampaio, 2009), podendo também dar um contributo significativo na promoção de condutas salutaras futuras dos indivíduos (Precioso, 2004), pois, segundo Vaz *et al.* (1996), a “(...) escola e os professores são o contexto e os agentes privilegiados para intencionalizar processos de análise, consciencialização e mudança ao nível dos conhecimentos, sentimentos e comportamentos em termos de Sexualidade Humana” (p. 21). Portanto, é na **escola** que os **docentes**, consciente ou inconscientemente transmitem ideias sobre educação sexual e sexualidade (Silva & Neto, 2006).

A sexualidade é parte integrante do currículo escolar. No entanto, normalmente não é tratada em plenitude (Fernandes, s/d) e de forma regular (Reis & Vilar, 2004) e o que é referenciado, ao nível do currículo da educação sexual, está completamente distanciado da vida e do prazer, remetendo-se aos problemas, doenças e perigos (Fernandes, s/d).

Ainda assim, são várias as objecções que têm sido levantadas à concretização da educação sexual nas escolas. Por um lado recai na possibilidade da referenciação da educação sexual, apreendida ao longo do processo de crescimento, poder contrariar o processo natural de aquisição de aprendizagens em meio escolar e por outro fomentar a

aquisição de condutas sexuais prematuras. Este segundo ponto não se confirma na literatura científica existente sobre a avaliação de programas de educação sexual em desenvolvimento noutros países. Os estudos consideram sim “(...) que a participação em aulas ou actividades de Educação Sexual não provoca maior precocidade e, pelo contrário, constatou-se que os jovens que frequentaram este tipo de acções, em comparação com outros que as não frequentaram, iniciaram, em média, a actividade sexual em pouco mais tarde” (p. 24) (M.E. *et al.*, 2000). Adicionalmente, alguns estudos, desenvolvidos por Meschke, Bartholomae e Zental (s/d); Vilar (2003) ainda sugerem que “(...) a atitude parental positiva em relação à sexualidade, bom relacionamento e a percepção de supervisão parental influenciam no adiamento da primeira experiência sexual dos filhos, no aumento da contracepção e na redução de gravidez não planeada” (*cit. in* Ramiro & Matos, 2008, p. 685).

Todavia, no que diz respeito à sexualidade, o documento *Educação Sexual em Meio Escolar - Linhas orientadoras* defende que é responsabilidade da família e não da escola a orientação comportamental e moral dos jovens (M.E. *et al.*, 2000). Embora Matos e Sampaio (2009) se oponham dizendo que compete tanto à escola como aos pais tornarem os jovens mais capazes para fazerem opções o mais responsáveis e livres possível no que respeita às suas vidas sexuais.

Finalmente, e sabendo que é no ambiente familiar que as crianças se integram, é fundamental então considerar a perspectiva da família, caso contrário o sucesso de qualquer acção educativa pode estar comprometido e por isso é importante informar não só a sociedade como os pais acerca das vantagens da educação sexual (Duarte, Canário, Serrão & Ricou, 2007).

Agora, posteriormente a termos identificado alguns dos agentes que, conjuntamente com a escola, interferem na sexualidade dos sujeitos, não menos importante será percebermos os contornos legais e orientações ministeriais que retratam a evolução da educação sexual ambiente escolar.

2.1. A implementação em Portugal

A primeira abordagem da educação sexual nas escolas, no que respeita a documentos legais, remonta ao ano de 1984, com a Lei n.º 3, onde o órgão estatal promove o direito à educação sexual. Ao Estado é reconhecido o dever de inclusão da educação sexual em meio escolar, disponibilizando nos programas dos jovens “(...) conhecimentos científicos sobre a anatomia, fisiologia, genética e sexualidade humanas (...)” (p. 981) ajustados aos variados níveis de ensino (Lei n.º3/84).

Em 1999 divulgou-se o documento «Orientações Técnicas sobre a educação sexual em Meio Escolar - contributos das equipas do projecto» (p. 11) que resulta da experiência e resultados do Projecto «Educação e Promoção da Saúde nas Escolas - Um Projecto Experimental» (p. 16). O documento *Educação Sexual em Meio Escolar - Linhas orientadoras*, publicado no ano seguinte, advém da actualização, adaptação e reformulação do registo imediatamente acima referido, e propõe-se, não só a “(...) clarificar, reforçar e explicitar melhor as linhas orientadoras e as propostas (...)” (p. 11) do anterior documento que se propôs actualizar, como de igual modo “(...) facultar aos profissionais da Educação, da Saúde e de outros Sectores que trabalham em educação sexual, nomeadamente em meio escolar, um documento técnico de apoio que se aproxime das expectativas e das necessidades, nesta matéria, quer de quem planeia e coordena acções, quer, em particular, de quem desenvolve actividade diária com crianças e jovens” (p. 17) (M.E. *et al.*, 2000).

Com o aparecimento da Lei n.º 120/99 previu-se a implementação de um **programa de promoção de saúde sexual** nas escolas, ao nível do ensino básico e secundário. Com o programa serão fornecidas informações ajustadas acerca de conteúdos da sexualidade, adaptando-as às características psicológicas, biológicas e sociais e a diferentes idades. Este terá também o cuidado de englobar a comunidade educativa e prever a colaboração com as unidades de saúde da zona e com as associações de estudantes, de pais e encarregados de educação (Lei n.º 120/99).

Na mesma linha de pensamento, e com o objectivo de guiar, acompanhar e desenvolver os trabalhos da Educação e Promoção da Saúde, o Despacho n.º 15987 de 2006 estabeleceu a formação de um Núcleo de Educação para a Saúde. Ideia corroborada pela subcomissão para a avaliação de manuais (2007), criada pelo Grupo de

Trabalho para a Educação Sexual (GTES)², que sentiu necessidade de criar uma subcomissão para, no âmbito da educação sexual nas escolas, “(...) proceder à avaliação dos materiais em uso, designadamente os manuais (...)” (p. 3). Assim, esta subcomissão acredita ser necessário a **criação de uma equipa multidisciplinar** ligada à área da Educação e Promoção da Saúde que tivessem como finalidade procederem a

“(...) orientações curriculares e de avaliação correspondendo entre outras às seguintes preocupações: 1 – Estabelecimento de orientações curriculares com base em competências; 2 – Integração das competências gerais/transversais nas Orientações Curriculares; 3 – Garantir a estreita articulação currículo-avaliação; 4 – Estabelecimento de uma correspondência/síntese entre saberes e competências; 5 – Especificação de níveis de apropriação das competências terminais de cada ciclo; 6 – Definição de níveis de apropriação das competências e de critérios de avaliação” (Subcomissão para avaliação de manuais, 2007, p. 16).

E ainda de destacar, no que respeita à criação da equipa de Educação para a Saúde, que a Portaria n.º 196-A/2010 atribui ao director da escola a nomeação dos seus constituintes, dando preferência aos docentes do 1.º ciclo ou directores de turma do agrupamento.

Já com a Lei n.º 46/86 dizia-se que os “(...) planos curriculares do ensino básico incluirão em todos os ciclos e de forma adequada uma área de formação pessoal e social, que pode ter como componentes a educação ecológica, a educação do consumidor, a educação familiar, a educação sexual, a prevenção de acidentes, a educação para a saúde, a educação para a participação nas instituições, serviços cívicos e outros do mesmo âmbito” (Lei n.º 46/86, p. 3078), mas só o Decreto-Lei n.º 259/2000, que veio regulamentar a Lei n.º 120/99, legislou, de forma **obrigatória**, “(...) a abordagem da promoção da saúde sexual e da sexualidade humana (...)” ao nível do ensino básico e secundário, numa vertente interdisciplinar e englobada nas disciplinas curriculares, onde os programas contemplassem a temática. Assim como designou que o “(...) projecto educativo (...)”, relativo a cada estabelecimento de ensino, incluísse métodos promotores da saúde sexual, não apenas no que respeita ao desenvolvimento curricular, como no planeamento de dinâmicas “(...) de enriquecimento curricular (...)” (Decreto-Lei n.º 259/2000, p. 5784). Em conformidade, também a Subcomissão para a avaliação de manuais (2007) considera importante a obrigatoriedade de uma abordagem específica “(...) em Educação e Promoção da Saúde (...)” (p. 14) onde está contida educação sexual.

² Grupo de Trabalho para a Educação Sexual (GTES), formado a partir do Despacho n.º 19737/2005, onde é condensada a sua actividade desenvolvida no que concerne à avaliação da educação sexual em Portugal.

Porém, só com a Lei n.º 60/2009 a inserção da educação sexual foi dada como obrigatória “(...) nos projectos educativos dos agrupamentos (...)” das escolas. Esta legislação que estabeleceu “(...) o regime de aplicação da educação sexual em meio escolar” nas instituições do ensino básico e secundário, realçando o seu emprego a “(...) todos os estabelecimentos da rede pública, bem como aos estabelecimentos da rede privada (...)” de todo o território nacional, reiterou também que tanto ao nível do ensino básico, secundário como do profissionalizante, a educação sexual incluir-se-ia na Educação para a Saúde. No ensino básico a educação sexual estaria incluída nas áreas curriculares não disciplinares, ajustando-se a cada grau de ensino e a cada turma. No 1.º e 2.º ciclo do ensino básico a educação sexual compreenderia um período de tempo não inferior a seis horas, enquanto para o 3.º ciclo foi estabelecido pelo menos doze horas repartidas ao longo do ano lectivo. Respeitante ao ensino secundário, não só, a educação sexual deveria estar remetida às áreas curriculares não disciplinares, como às disciplinares, distribuídas nos mesmos moldes temporais acima referidos para o 3.º ciclo. Todavia a transversalidade da educação sexual não é posta em causa nas demais disciplinas dos outros anos (Lei n.º 60/2009, p. 5097).

A Portaria n.º 196-A/2010 exaltou de igual modo que a educação sexual seria desenrolada ao nível das áreas curriculares não disciplinares, mais concretamente na Formação Cívica, complementando-se nas áreas curriculares, e também que o conselho pedagógico deve garantir que os encarregados de educação e pais sejam escutados ao longo de todas as etapas de estruturação da educação sexual na sua respectiva escola.

Remetendo-nos aos conteúdos, foi com a Lei n.º 120/99 que pela primeira vez foram exaltados alguns dos conteúdos acerca da sexualidade. Mais especificamente informações ajustadas sobre os métodos contraceptivos, as doenças como a sida e outras sexualmente transmissíveis, os relacionamentos interpessoais, o aparelho reprodutor e fisiologia da reprodução, a igualdade de géneros e sobre a divisão de responsabilidades.

Mais tarde, o Relatório de Progresso³ do Grupo de Trabalho de Educação Sexual, não só enfatizou a necessidade das escolas incluírem “(...) o equivalente a uma sessão mensal na área específica da sexualidade (...)”, efectivarem “(...) avaliação específica e obrigatória aos conteúdos em causa (...)” (GTES, 2007a, p. 17), como também

³ No Relatório de Progresso do Grupo de Trabalho de Educação Sexual de Janeiro de 2007 são resumidas as suas actividades, desenvolvidas ao longo do ano de 2006 e definidas as “ (...) suas principais linhas de acção (...) ” até ao final do ano lectivo de 2007 (GTES, 2007a).

explicitou alguns **objectivos mínimos** da educação sexual a serem respeitados do 6.º ao 9.º ano de escolaridade. Os mesmos objectivos que, posteriormente, com o Relatório Final⁴, são reafirmados, com a diferença dos anos lectivos a que se destinam não serem os mesmos (GTES, 2007a; GTES, 2007b).

Assim, segundo o Relatório de Progresso⁵, para os alunos do 6.º ao 9.º ano, e de acordo com o Relatório Final⁴ dirigido aos alunos do 7.º ao 8.º ano, designaram-se os seguintes conteúdos: (GTES, 2007a; GTES, 2007b).

“Compreender a fisiologia geral da reprodução humana; Compreender o ciclo menstrual e ovulatório; Compreender a sexualidade como uma das componentes mais sensíveis da pessoa (...); Compreender a prevalência, uso e acessibilidade dos métodos contraceptivos e conhecer (...) os mecanismos de acção e tolerância (...); Compreender a epidemiologia e prevalência das principais IST em Portugal e no mundo (...) bem como os métodos de prevenção (...)” (GTES, 2007a, pp. 17-18).

No entanto, é da exclusiva responsabilidade do Relatório Final⁴ atribuir ao 7.º e 8.º ano a necessidade de “(...) Saber como se protege o seu próprio corpo, prevenindo a violência e o abuso físico e sexual e comportamentos sexuais de risco, dizendo não a pressões emocionais e sexuais” (GTES, 2007b, p. 21).

Voltando ao relatório de Progresso⁵, este prevê igualmente, para os alunos do 6.º ao 9.º ano “Conhecer as taxas e tendências de maternidade na adolescência e compreender o respectivo significado; Conhecer as taxas e tendências das interrupções voluntárias de gravidez, suas sequelas e respectivo significado” (GTES, 2007a, p. 18). Os mesmos conteúdos são também contemplados ao nível do Relatório Final⁴, mas direccionados para o 8.º e 9.º ano de escolaridade (GTES, 2007b). Porém, a estes assuntos, o Relatório Final⁴ adiciona ainda, a qualquer nível de ensino do terceiro ciclo, a necessidade de se fazer “Compreender a noção de parentalidade no quadro de uma saúde sexual e reprodutiva saudável e responsável” (GTES, 2007b, p. 22).

Adicionalmente, para o 3.º ciclo, a Portaria n.º 196-A/2010 veio afirmar que a educação sexual teria como objectivos mínimos a

⁴ O “Relatório Final do Grupo de Trabalho de Educação Sexual/Saúde” veio confirmar a utilidade conferida à “Promoção e Educação para a Saúde” nos estabelecimentos de ensino do 1.º ao 12.º ano de escolaridade, bem como propor “ (...) um Programa mínimo e obrigatório de Educação Sexual para todos os estudantes, consoante a fase de estudos” (GTES, 2007b, p. 4).

⁵ No Relatório de Progresso do Grupo de Trabalho de Educação Sexual de Janeiro de 2007 são resumidas as suas actividades, desenvolvidas ao longo do ano de 2006 e definidas as “ (...) suas principais linhas de acção (...) ” até ao final do ano lectivo de 2007 (GTES, 2007a).

“Dimensão ética da sexualidade humana: Compreensão da sexualidade como uma das componentes mais sensíveis da pessoa; (...) Compreensão da fisiologia geral da reprodução humana; Compreensão do ciclo menstrual e ovulatório; Compreensão do uso e acessibilidade dos métodos contraceptivos e (...) dos seus mecanismos de acção e tolerância (...); Compreensão da epidemiologia das principais IST em Portugal e no mundo (...) bem como os métodos de prevenção. Saber como se protege o seu próprio corpo, prevenindo a violência e o abuso físico e sexual e comportamentos sexuais de risco (...); Conhecimento das taxas e tendências de maternidade e da paternidade na adolescência e compreensão do respectivo significado; Conhecimento das taxas e tendências das interrupções voluntárias de gravidez, suas sequelas e respectivo significado; Compreensão da noção de parentalidade no quadro de uma saúde sexual e reprodutiva saudável e responsável (...)” (Portaria n.º 196-A/2010, p. 1170 - (4)).

Debruçamo-nos agora nas inferências feitas no Relatório Final⁶, que até ao momento não foram exaltadas. Assim, o Relatório Final⁶ ainda considerou alguns objectivos mínimos para os alunos do 1.º ao 4.º ano de escolaridade, como sejam: “Noção de corpo; O corpo em harmonia com a Natureza; Noção de família; Diferenças entre rapazes e raparigas; Protecção do corpo e noção dos limites, dizendo não às aproximações abusivas (...)” (GTES, 2007b, p. 19). Objectivos estes partilhados pela Portaria n.º 196-A/2010 exactamente nos mesmos moldes.

Para o segundo ciclo, que engloba o 5.º e o 6.º ano de escolaridade, o Relatório Final⁶, bem como a Portaria n.º 196-A/2010, sugerem a abordagem dos “(...) aspectos biológicos e emocionais; O corpo em transformação; Caracteres sexuais secundários. Normalidade e importância e frequência das suas variantes biopsicológicas (heterocronia); Diversidade, tolerância; Sexualidade e género; Reprodução humana e crescimento. Contracepção e planeamento familiar” (GTES, 2007b, pp. 19-20). Contudo a Portaria n.º 196-A/2010 não fica por aqui, incluindo para o 2.º ciclo a “(...) Compreensão do ciclo menstrual e ovulatório; Prevenção dos maus tratos e das aproximações abusivas; Dimensão ética da sexualidade humana” (p. 1170 - (4)).

Em relação ao ensino secundário o “Relatório Final⁶ do Grupo de Trabalho de Educação Sexual/Saúde” designa a abordagem de temáticas como:

“(...) o género, família, parentalidade, interacção no namoro, respeito/violência, dizer ‘não’ a pressões emocionais e sexuais, interacção inter pares, comportamentos sexuais virtuais pela Internet, maus tratos (...) e sexualidade e projecto de vida devem ser abordados”. “Importa que estes conteúdos abordem (...) tendências na idade de início das relações sexuais, métodos contraceptivos disponíveis e utilizados, razões do seu falhanço e não uso, evolução e consequência nas taxas de

⁶ O “Relatório Final do Grupo de Trabalho de Educação Sexual/Saúde” veio confirmar a utilidade conferida à “Promoção e Educação para a Saúde” nos estabelecimentos de ensino do 1.º ao 12.º ano de escolaridade, bem como propor “ (...) um Programa mínimo e obrigatório de Educação Sexual para todos os estudantes, consoante a fase de estudos” (GTES, 2007b, p. 4).

gravidez e aborto (entre nós e na UE), aspectos relacionados com a incidência e sequelas das IST (...)” (p. 22). “No que se refere à fisiologia da reprodução humana deve ser dado ênfase à compreensão do ciclo menstrual em geral (...). Analogamente em relação à espermatogénese” (GTES, 2007b, p. 23).

Todavia, é importante dirigir-se a temáticas anteriormente referenciadas, sempre que se revele essencial (GTES, 2007b).

Já para a Portaria n.º 196-A/2010 o ensino secundário admite a

“Compreensão ética da sexualidade humana. (...) sempre que se entenda necessário, devem retomar-se temas previamente abordados(...). A abordagem deve ser acompanhada por uma reflexão sobre atitudes e comportamentos dos adolescentes na actualidade: Compreensão e determinação do ciclo menstrual em geral (...). Informação estatística, por exemplo sobre: Idade de início das relações sexuais, em Portugal e na UE; Taxas de gravidez e aborto em Portugal; Métodos contraceptivos disponíveis e utilizados; segurança proporcionada por diferentes métodos; motivos que impedem o uso de métodos adequados; Consequências físicas, psicológicas e sociais da maternidade e da paternidade de gravidez na adolescência e do aborto; Doenças e infecções sexualmente transmissíveis (...) e suas consequências; Prevenção de doenças sexualmente transmissíveis; Prevenção dos maus tratos e das aproximações abusivas” (p. 1170 - (4)).

Adicionalmente importa dizer que, com a Lei n.º 120/99, foi considerada a criação de um **gabinete de apoio aos alunos** que teria como objectivo, levar a cabo “(...) acções diversas para a promoção da educação para a saúde, particularmente sobre a sexualidade humana e saúde reprodutiva, em articulação com os serviços de saúde” (p. 5233). Em 2005 o Relatório Preliminar⁷ do Grupo de Trabalho para a Educação Sexual, também destacou a importância de implementar e/ou manter um Gabinete de Atendimento ao Aluno, em especial nas escolas secundárias, visto que os docentes e os próprios alunos deste nível de ensino consideram não ter disponibilidade horária para “(...) espaços curriculares extra (...)”, tendo em conta a “(...) carga horária lectiva (...)” (GTES, 2005, p. 66).

Com a Lei n.º 60/2009, previu-se novamente, no âmbito da Educação Sexual e Educação para a Saúde, a disponibilização de um gabinete de informação e apoio aos alunos nos agrupamentos de escolas e nas escolas não agrupadas dos 2.º, 3.º ciclos e ensino secundário. No atendimento desses gabinetes poder-se-á encontrar profissionais das áreas da educação sexual e Educação para a Saúde, pelo menos uma manhã e uma tarde obrigatoriamente todas as semanas. Nesta Lei, foi igualmente considerado que, o

⁷ No ano de 2005, é apresentado o Relatório Preliminar do Grupo de Trabalho para a Educação sexual (GTES), formado a partir do Despacho n.º 19737/2005, onde é condensada a sua actividade, desenvolvida no que concerne à avaliação da educação sexual em Portugal e onde é proposto um conjunto de medidas para que seja possível uma Educação Sexual e Educação para a Saúde em meio escolar mais efetiva (GTES, 2005).

gabinete de informação e apoio trabalharia em estreita comunicação, não apenas com as unidades de saúde da sua abrangência, que, em conjunto, certificariam o acesso a métodos de contraceção apropriados, como também com outros elementos estaduais, como o “(...) Instituto Português da Juventude” (p. 5098).

Já o Despacho n.º 2506/2007, não só previu que as escolas ou agrupamentos que integrassem um Projecto de actividades na Educação para a Saúde nomeassem um coordenador da Educação para a Saúde, professor do 2.º ou 3.º ciclo, como considerou que a direcção executiva apontasse o cargo de **professor-coordenador**, tendo em consideração a formação e experiência dos docentes na execução de Projectos e trabalhos na área da Educação para a Saúde.

No que concerne ao cargo de professor-coordenador da Educação para a Saúde, posteriormente, no “Relatório Final⁸ do Grupo de Trabalho de educação sexual/Saúde” (p. 4), foi possível encontrar uma referência ao seu perfil. Neste documento foram exaltadas as suas componentes pessoais, como a motivação e a necessidade do desenvolvimento do sentido de coerência. Característica última esta, que engloba a competência para interpretar factos reais, para localizar os meios a disponibilizar e o empenho no manuseamento dos tais meios (GTES, 2007b).

Novamente, com a Lei n.º 60/2009, reafirmou-se a competência das escolas na nomeação de um professor-coordenador para a “(...) educação para a saúde e educação sexual (...)” (p. 5097). Este deverá também ser o orientador da equipa interdisciplinar a ser formada nas escolas, neste âmbito de actuação, com uma dimensão ajustada ao volume de turmas presentes (Lei n.º 60/2009).

Neste documento legal defendeu-se igualmente que caberia ao **director de turma**, ao docente encarregado da Educação para a Saúde, como também aos restantes professores da turma, abrangidos no âmbito da transversalidade, o projecto de educação sexual para a turma. Nele constaria, por exemplo, os temas e conteúdos a serem referenciados e as actividades a efectivar, podendo envolver entidades exteriores à instituição escolar (Lei n.º 60/2009).

Com a Portaria n.º 196-A/2010 acrescentou-se que, seria pela voz do **director da escola** que sairia a nome do professor-coordenador responsabilizado pela Educação para

⁸ O “Relatório Final do Grupo de Trabalho de Educação Sexual/Saúde” veio confirmar a utilidade conferida à “Promoção e Educação para a Saúde” nos estabelecimentos de ensino do 1.º ao 12.º ano de escolaridade, bem como propor “(...) um Programa mínimo e obrigatório de Educação Sexual para todos os estudantes, consoante a fase de estudos” (GTES, 2007b, p. 4).

a Saúde, onde se insere a educação sexual, de acordo com uma panóplia de condicionantes, como sejam: serem directores de turma, possuírem uma prática na Educação para a Saúde superior a um ano e formação credenciada neste âmbito, com uma experiência de pelo menos três anos. Ao nível do ensino profissionalizante seriam também os directores de cada escola, em parceria com os directores de turma e coordenador da área da Educação para a Saúde, a contemplarem as temáticas que deveriam ser alvo de desenvolvimento ao nível das áreas curriculares. Todavia o seu papel não ficaria por aqui, remetendo a este também a função de estabelecer as regras de actividade e estruturação do gabinete de informação e apoio ao aluno após reunião com a equipa da Educação para a Saúde.

Como já foi referido, a dada altura o Grupo de Trabalho de Educação Sexual, sentiu necessidade de criar uma subcomissão para, no âmbito da educação sexual nas escolas, “(...) proceder à **avaliação dos materiais** em uso, designadamente os manuais (...)” (p. 3). Dos resultados obtidos através dos 52 elementos analisados, a subcomissão construiu uma lista de materiais aconselhados, uma das partes da mesma a ser utilizada por docentes, e outra orientada para os alunos desde o 1.º ciclo até ao ensino secundário (Subcomissão para avaliação de manuais, 2007).

Relativamente à **componente formativa**, a Lei n.º 3/84 prevê, pela primeira vez, a atribuição de formação inicial e contínua aos professores, para que se tornem conhecedores dos conteúdos relacionados com a temática da educação sexual, especificamente no que respeita aos jovens. Também o artigo 35.º da Lei n.º 46/86, voltou a tocar o tema, exaltando o direito à formação contínua dos professores, educadores e demais profissionais de educação, devendo esta ser diversificada para que possibilite um complemento e actualização das competências e conhecimentos. Já com a Lei n.º 120/99, perspectivaram-se acções específicas para os docentes no âmbito da educação sexual e reprodutiva. Respeitante à Formação específica, o “Relatório Final⁹ do Grupo de Trabalho de educação sexual/Saúde” acrescenta ainda que a “(...) os Centros de Formação de Associação de Escolas devem continuar a considerar a área de Educação para a Saúde como prioritária, disponibilizando módulos de formação contínua ao corpo docente da sua área” (GTES, 2007b, p. 26).

⁹ O “Relatório Final do Grupo de Trabalho de Educação Sexual/Saúde” veio confirmar a utilidade conferida à “Promoção e Educação para a Saúde” nos estabelecimentos de ensino do 1.º ao 12.º ano de escolaridade, bem como propor “(...) um Programa mínimo e obrigatório de Educação Sexual para todos os estudantes, consoante a fase de estudos” (GTES, 2007b, p. 4).

No entanto, o Ministério da Educação, com a Lei n.º 60/2009, assegurou a formação imprescindível para abordar a temática, aos professores que são responsabilizados pela educação sexual e Educação para a Saúde em cada turma, aos docentes-coordenadores da educação sexual e Educação para a Saúde e aos professores que constituem as equipas interdisciplinares de Educação para a Saúde e educação sexual. Finalmente, no que concerne à questão da formação, com a Portaria n.º 196-A/2010, distingue-se que a Direcção-Geral de Inovação e de Desenvolvimento Curricular do Ministério da Educação, em parceria com o Instituto Português da Juventude, Direcção-Geral da Saúde, entre outras, zelará por levar a cabo a efectivação dos projetos e acções essenciais à mesma, trabalhando em conjunto com o Instituto Português da Juventude, Direcção-Geral da Saúde, entre outras.

Neste momento, após nos termos debruçado mais especificamente no contexto escolar, onde vimos, entre outras coisas, que a educação sexual tornou-se conteúdo obrigatório, é importante perceber quais as várias formas possíveis pelas quais é possível guiar a educação sexual nas escolas.

3. Modelos orientadores da Educação Sexual em ambiente escolar

Do mesmo modo que em toda a actividade educativa, na educação para a sexualidade, é igualmente possível identificar variados objectivos, finalidades, bem como distintos “(...) quadros de valores orientadores (...)” (p. 62) que possibilitam diferenciar distintos modelos de educação que ilustram diversas dinâmicas escolares (Santos, 2010).

Muitos autores têm avançado propostas orientadoras da educação sexual em meio escolar, entre eles encontramos, por exemplo: Jensen (1994; 1995; 1997, *cit. in* Vilaça, 2007); Vitiello (1995); Vaz, Vilar e Cardoso (1996); Vilar (2002, *cit. in* Santos, 2010, p.66); Sánchez (2008 *cit. in* Santos, 2010) e Ribeiro (2009) que passamos a apresentar.

Assim, para iniciar, Jensen enuncia dois paradigmas inconciliáveis (1997, *cit. in* Vilaça, 2007), onde se terá de tomar partido por um deles desde o princípio (Jensen 1994; 1995, *cit. in* Vilaça, 2007). Estes dois paradigmas dão pelo nome de *moralista* e *democrático* (Vilaça, 2007).

O *paradigma moralista*, fundamentado em “culpar a vítima” (Jensen, 1997, *cit. in* Vilaça, 2007, p. 973), que tem como base o fornecimento de informação, encara o jovem como um elemento passivo no processo, sem que possa argumentar as suas ideias e concepções de saúde (Jensen, 1995, *cit. in* Vilaça, 2007). Por este motivo, Vilaça (2007) defende que o “(...) conceito fechado e pré-definido de saúde do paradigma moralista focado na dimensão da doença, viola a definição de saúde da OMS” (pp. 973-974).

Já o *paradigma democrático*, tendo como base a educação, vê os estudantes como activos na elaboração do seu conhecimento e das competências de acção (Jensen, 1995, *cit. in* Vilaça, 2007). A título de exemplo, segundo Jensen (1997) “(...) a informação relevante sobre os factores que provocam doenças (...)” não “(...) deverá ser retirada da educação para a saúde, pelo contrário, essa informação deverá ser trazida para as discussões, tal como as visões e preferências dos próprios alunos. Tais discussões equilibradas poderão ajudar a *qualificar* os alunos para fazerem escolhas em relação à sua própria saúde” (*cit. in* Vilaça, 2007, p. 972).

De acordo com as Linhas Orientadoras do Ministério da Educação para a educação sexual em meio escolar (2000) os alunos, de forma preponderante, devem activamente e participativamente actuar desde o planeamento das actividades, passando pela pesquisa e recolha de informação, orientação de debates, até à avaliação do processo e resultados obtidos (M.E. *et al.*, 2000).

Também Vitiello (1995) veio anunciar alguns modelos de focagem da educação sexual, entre eles: O *modelo demográfico*, o *modelo médico*, o *modelo feminista* e o *modelo humanista*.

O *modelo demográfico*, empregado muitas vezes como método de controlo da sexualidade das mulheres e de repressão ao nível sexual, baseia-se no ensinamento de processos de controlo de natalidade (Vitiello, 1995).

O *modelo médico* prevê a transmissão aos alunos de práticas com vista a prevenir doenças sexualmente transmissíveis, com relevo para a prevenção da Sida. Trata-se de um modelo, segundo o autor, muitas vezes utilizado, como meio de reprimir sexualmente, visto que considera a sexualidade como perigosa, arriscada e podendo levar a morte (Vitiello, 1995).

O *modelo feminista*, que se preocupa essencialmente em promover a igualdade de géneros, tentando abolir os preconceitos que incidem sobre as mulheres, fomentando a

sua liberdade ao nível da sexualidade, pode em última instância despreocupar-se com a promoção da igualdade entre sexos e tentar destacar as mulheres em relação aos homens (Vitiello, 1995).

O modelo *humanista*, tido como o eleito pelo autor, defende que a educação sexual terá como intuito apetrechar “(...) as pessoas para usarem de uma maneira responsável sua liberdade, sendo assim um agente de promoção da felicidade individual e colectiva” (p. 23), como também entende a sexualidade como salvaguarda de prazer sem que esta englobe malefícios (Vitiello, 1995).

Vaz, Vilar e Cardoso (1996) enunciaram também alguns modelos no domínio da educação para a sexualidade, entre eles: os *modelos impositivos de educação sexual*, que englobam os *modelos conservadores*; os *modelos de ruptura impositivos*; os *modelos médico-preventivos e o modelo de desenvolvimento pessoal*.

Os *modelos impositivos de educação sexual* consideram que se deverá adoptar determinadas condutas e regras comportamentais que limitem as opções de cada indivíduo no que concerne à sexualidade. Baseados em motivos ideológicos ou religiosos, estes modelos têm como finalidade principal o estabelecimento de regras comportamentais rígidas ao nível sexual (Vaz *et al.*, 1996).

É de referir que, ao longo dos tempos a educação foi utilizada para alcançar fins religiosos, ideológicos, sociais ou políticos e, sem permitir contestação de valores, tentou-se moldar indivíduos a certas normas e padrões culturais (Santos, 2010).

Incluídos nos modelos impositivos, estão os *modelos conservadores* que, entendem a sexualidade “(...) como um impulso intrinsecamente negativo que deve ser submetido a um severo controlo” (p. 37). Esta sexualidade encontra-se confinada unicamente a funções reprodutivas nos cônjuges casados, que a devem moderar, mesmo no casamento a este mesmo fim, sem incluir a dimensão erótica. Qualquer outra expressão sexual que não esta, não é desejável e tem de ser controlada, como por exemplo a homossexualidade e masturbação (Vaz *et al.*, 1996).

Assinalemos ainda que, segundo os autores, os modelos conservadores dominaram e ainda continuam a ter uma presença considerável na nossa sociedade pela mão de organizações de carácter confessional que pretendem estar incluídas no processo da educação sexual (Vaz *et al.*, 1996).

Os *modelos de ruptura impositivos* apareceram no sentido de reagir aos *modelos conservadores*. Esta reacção deu origem a “(...) movimentos sociais de contestação,

como o movimento Sex-Pol, que nos anos 30 procurava associar a necessidade de uma revolução sexual com a revolução social e cuja principal figura é Willhem Reich e, nos anos 60 e 70, os movimentos estudantis, feministas e de homossexuais” (Vaz *et al.*, 1996, pp. 38-39).

Sucintamente, estes modelos vieram opor-se à “(...) existência de uma moral sexual repressiva, protagonizada pelos vários aparelhos ideológicos do Estado e, entre eles, o sistema educativo, contra a qual (...)” (p. 39), argumentam haver a indispensabilidade de começar-se uma luta ideológica, por meio de uma proposta de uma moral sexual diferente (Vaz *et al.*, 1996).

Os *modelos médico-preventivos* têm como objectivos principais: a obtenção de conhecimentos acerca da fisiologia e anatomia da reprodução, conhecimentos sobre os sintomas e formas de tratamento das doenças sexualmente transmissíveis; bem como conhecimentos dos métodos contraceptivos e das maneiras mais frutíferas da prevenção das doenças sexualmente transmissíveis. Estes modelos que se debruçam principalmente nas vertentes médicas e fisiológicas da sexualidade, descurando a estrutura relacional e a emocional da mesma, são modelos característicos dos conteúdos programáticos das disciplinas de Biologia e Ciências Naturais em uso nas nossas escolas e da intervenção de numerosas unidades de saúde (Vaz *et al.*, 1996).

Segundo Meredith (1990) a educação para esta tipologia de modelos adopta moldes de “(...) instruções sobre higiene sexual”, havendo uma substituição dos tabus morais e religiosos pelos médicos, passando assim a sexualidade a ser um perigo ambiental a ser controlado cientificamente, ao invés de ser considerada um estado pecaminoso (p. 13, *cit. in* Serrão, 2009).

E finalmente o *modelo de desenvolvimento pessoal* que originou-se, de acordo com Meredith e Deven (1989), da necessidade dos profissionais e estabelecimentos incluídos em programas de educação sexual expandirem o modelo biomédico e incluírem a componente psicossocial nas finalidades e conteúdos da educação sexual (*cit. in* Vaz *et al.*, 1996).

Este modelo, que defende a sexualidade como uma construção individual, integra três vertentes: a vertente *psicológica*, a *biológica* e a *social*. A vertente *psicológica* inclui, por exemplo, a orientação sexual, identidade de género e a auto-imagem. A vertente *biológica*, engloba a fisiologia e a anatomia da sexualidade, enquanto a vertente *social* abarca a discussão das atitudes e valores (Vaz *et al.*, 1996).

De acordo com os mesmos autores, este tipo de abordagem em referenciação, é a “(...) mais actual e pertinente (...)” (p. 45) e não se limita apenas a informar, nem tão pouco impor normas de comportamento. Preocupa-se sim em fomentar “(...) **o debate e a escolha crítica**” (p. 44), contando com a colaboração activa de todos, como sejam os alunos, os professores, os familiares e também outros profissionais, para a abordagem da educação sexual (Vaz *et al.*, 1996).

Exalta-se ainda que no nosso país, a Associação para o Planeamento da Família (A.P.F.), numa prática centralizada na contracepção e no planeamento familiar, desde muito cedo incluiu esta vertente psicossocial, acima referida (Vaz *et al.*, 1996).

Vilar (2002), após ter presenciado uma acção desenvolvida pela Associação para o Planeamento da Família (A.P.F.), intitulada “*Questões éticas e modelos de educação sexual*”, exalta o modelo *Biográfico, profissional e democrático* (*cit. in Santos, 2010, p. 66*). *Biográfico* pois tenta auxiliar os infantes a decidirem moralmente, respeitando-se a si e aos demais; *profissional* porque, no âmbito de esclarecer questões relacionadas com a temática, pode solicitar a participação de profissionais. E finalmente *democrático* visto argumentar que a educação sexual é um ambiente de debate de perspectivas morais dissemelhantes e por isso rejeitar metodologias com vista a convencer (Vilar, 2002, *cit. in Santos, 2010*).

Também López Sánchez (2008, *cit. in Santos, 2010*), que publicou um artigo no *site* da A.P.F., considerou alguns modelos de educação sexual em ambiente escolar, mais especificamente seis, que são eles: O *modelo revolucionário*, *modelo de riscos* ou *modelo preventivo*, o *modelo moral* ou de *abstinência*, o *modelo biográfico-profissional*, o *modelo democrático* e o *modelo pós-moderno*.

O *modelo revolucionário* realça temáticas como a igualdade a nível social, tanto das mulheres como dos transexuais e homossexuais, pois considera a educação sexual como uma forma de atingir uma mudança da sociedade ao nível socioeconómico (Sánchez, 2008, *cit. in Santos, 2010*). Segundo Duarte (2010), este modelo equivale aos modelos de *ruptura impositivos* de Vaz *et al.* (1996).

O *modelo de riscos* ou *modelo preventivo* é o modelo mais frequente e o que obtém mais apoios materiais por parte dos governos. Engloba especialmente a abordagem de temas como a prevenção doenças sexualmente transmissíveis, gravidezes indesejadas e abusos e agressões sexuais a indivíduos nas diferentes fases de desenvolvimento

(Sánchez, 2008, *cit. in* Santos, 2010). Para Duarte (2010), este modelo tem correspondência com os modelos *médico-preventivos* trazidos por Vaz *et al.* (1996).

Para Allen (2007) a educação sexual, que se centra na informação acerca dos perigos da actividade sexual, sugere que as manifestações sexuais dos jovens são um risco, reforçando assim a ideia de que a sexualidade é algo que não deve ser apreciado livremente.

O *modelo moral* ou de *abstinência* tem em vista a prevenção de problemas e a preparação para o matrimónio, e incentiva os jovens a manterem-se sexualmente abstinentes (Sánchez, 2008, *cit. in* Santos, 2010). De acordo com Duarte (2010), este modelo corresponde aos modelos *conservadores* referidos por Vaz *et al.* (1996).

O modelo *biográfico-profissional*, diz-se *biográfico* porque, tendo em conta a individualidade de cada pessoa, no que respeita aos seus valores e crenças, considera que os sujeitos sejam possuidores de capacidade de deter uma postura reflexiva e crítica, tomando decisões que fomentem o seu bem-estar e que lhes possibilitem fazer as suas construções sexuais. *Profissional* visto que a informação que é fornecida engloba os vários domínios da sexualidade, como os afectos, os valores, os comportamentos sexuais, as construções sexuais e finalmente componentes biológicos, contraceptivos e reprodutivos (Sánchez, 2008, *cit. in* Santos, 2010).

O modelo *democrático*, que está estabelecido nos países do Centro e Norte da Europa, disponibiliza conteúdos informativos variados, promove o respeito pelas diferenças e partilha valores comuns à sociedade, pois incentiva a postura crítica e prevê a existência de diferentes realidades sexuais salutaras (Sánchez, 2008, *cit. in* Santos, 2010). Conforme Duarte (2010), estes dois últimos modelos fazem corresponder ao modelo de *desenvolvimento pessoal* descrito por Vaz *et al.* (1996).

O *modelo pós-moderno* caracteriza a actividade sexual como obrigatória em qualquer estado ou idade. Considerando-a como consumível, aborda-a, principalmente por meio dos *media*, de um modo muito vago e pela rama (Sánchez, 2008, *cit. in* Santos, 2010).

Após a explicitação destes modelos produzidos por López Sánchez (2008, *cit. in* Santos, 2010) é de destacar que o mesmo acredita que o *modelo revolucionário*, acima descrito, pode ser apenas identificado em alguns grupos que lutam pelos direitos dos transexuais, homossexuais e o das mulheres, sendo também, de entre todos, o que está mais ausente do dia-a-dia das escolas.

Teresa Tomé Ribeiro (2009) revelou um modelo de educação sexual, apelidado por *modelo conceptual de desenvolvimento integral da pessoa*, considerado pela autora como o mais ajustado à actualidade da sociedade. Neste, a sexualidade é considerada como componente integrada na personalidade e tem por objectivo o treino de competências do indivíduo, como seja a construção do auto-controlo, da auto-estima, da gestão ao nível emocional, da tomada de opções e da assertividade, e assim auxiliar no crescimento individual dos jovens, capacitando-os para a tomada de posição livre, responsável, informada e elucidada acerca do modo de vida que tenham intenção de viver. Neste modelo, os sujeitos têm de ter mais de dez anos de idade.

Em jeito de conclusão, Santos (2010) considera mesmo que a educação deverá ser “(...) um processo reflexivo (...)” (p. 62) e não apenas de comunicação de informações, como também ter uma componente de socialização, tendo em vista o desenvolvimento integral da pessoa, preparando-a para a vivência em sociedade e apetrechando-a de competências críticas que possibilitem ao indivíduo abdicar de padrões e refazer questões da sociedade, sempre que preciso for.

Enquanto para Serrão (2009) a educação sexual, desenvolvida em contexto escolar, tem-se resumido à componente biológica, incidido essencialmente na prevenção de patologias, na gravidez na adolescência, sendo ocasionalmente referida com uma visão mais “(...) positiva da própria Sexualidade Humana” (p. 42).

Já para Frade *et al.* (2009) a sexualidade é uma vertente muito rica e complexa dos sentimentos e condutas de mulheres e homens, e, por esse motivo, não deve nem pode ser tratada por moldes rígidos ou seja quais forem os métodos de “(...) comportamentos individuais” (p. 10).

Os mesmos autores defendem que para a abordagem da educação sexual é preferível um método de ensino-aprendizagem participativo, que se concentre nas vontades dos alunos (Frade *et al.*, 2009).

No entanto, é efectivamente importante que, para além de se levar em conta as vontades dos alunos, se considere igualmente o grau de desenvolvimento do grupo-alvo, apesar do mesmo só ser possível se os seus constituintes agirem activamente no processo (M.E. *et al.*, 2000).

Sendo assim, tendo em conta tudo o que foi dito neste capítulo, é possível perceber que existem distintos modelos com diferentes formas de guiar toda a abordagem da educação sexual nas escolas.

Sumariando, até ao momento, já houve espaço para a contextualização da educação sexual e para nos debruçarmos especificamente no que à escola diz respeito. Então agora, posteriormente a termos também revelado alguns dos vários modelos orientadores da educação sexual em meio escolar, vamos concentrar-nos mais concretamente nos docentes.

4. Os docentes e a Educação Sexual em meio escolar

4.1. O papel dos docentes na Educação Sexual

De acordo com autores como Bowden, Lanning, Pippin e Tanner (2003); López (1990); e Vilar (2003) os docentes são os elementos centrais para que a educação sexual seja bem-sucedida (*cit. in Ramiro & Matos, 2008*). E para que a implementação da educação sexual seja eficaz, Glanz (1999, *cit. in Anastácio, Z., Carvalho, G., Clément, P., s/d*) defende ser imprescindível que estes confiem na sua possível contribuição para a saúde das crianças no futuro. Mostrando-se também concordantes com a mesma (Ramiro, Reis e Matos, 2008).

Renaud (2001) considera que os docentes, encontrando-se afastados de ter com os seus alunos uma relação familiar, estão na posse das condições ideais, sendo-lhes permitido, no âmbito da sexualidade, partilhar as suas concepções sobre a fidelidade, felicidade, o prazer espiritual e físico, e os sacrifícios e os esforços impostos pela gestão da afectividade (*cit. in Silva, I., 2006*).

Porém, é essencial que se crie, entre os alunos e os profissionais, uma relação pedagógica benéfica que favoreça o à-vontade necessário para que, de uma maneira facilitada, sejam expressadas opiniões e questões, de modo a que se ultrapassem dificuldades, dissolvam-se interrogações e que também propicie uma visão gratificante e positiva da sexualidade (M.E. *et al.*, 2000).

Relativamente à educação sexual propriamente dita, estes mentores do conhecimento (M.E. *et al.*, 2000), segundo Bruschini (1980, *cit. in Rosemberg, 1985*), têm como função revelarem perspectivas diferenciadas sobre questões respeitantes ao

sexo, auxiliando os jovens a construírem valores que guiem a sua forma de viver e padrões que lhes permitam a tomada de decisões sobre o seu comportamento sexual.

Já Sanders e Swiden (1995) argumentam que os factores de sucesso na actuação da educação sexual passam pelo docente: revelar confiança e disponibilidade, ao invés de impor conceitos do saber; ter a sua actuação pedagógica por meio da partilha; consentir a tomada de opções; não empregar antecipadamente correctos e errados; ser o mais imparcial possível; controlar a produção de juízos valorativos; proporcionar a identificação de valores individuais, concebendo um ambiente aberto e não inibidor; referenciar assuntos adequados ao grau de desenvolvimento e idade dos alunos, considerando sempre os interesses dos mesmos; facultar materiais de apoio; sustentar os seus conhecimentos e informações em elementos científicos actualizados e correctos; empregar vocabulário ajustado da perspectiva técnica e pedagógica e tentar ser congruente entre as suas práticas pedagógico-profissionais e as suas intervenções como sujeito (*cit. in M.E. et al., 2000*).

Por sua vez Harrison (2000, *cit. in Silva, I., 2006*) admitiu igualmente certas sugestões de sucesso para os docentes nesta área de actuação, como por exemplo: serem quem são, não mencionando factos da sua vida sexual; serem genuinamente interessados com os seus alunos, falando e tentando desvendar as suas perspectivas, realidades, necessidades e tabus no que respeita à educação sexual; concebam um grupo mínimo de normas permanentes na aula, apesar de maleáveis; pensem acerca de si e da sua acção; façam uso metodologias activas e de variados recursos, como sejam, alterar a aparência do espaço da aula, originando um clima distinto, ajudando assim à conversação entre os jovens; fomentem a realização de reuniões com outros colegas que abordem esta dimensão para debaterem e lhes ajudarem na sua actuação; e constituam uma rede de apoio, compartilhando com amigos e colegas as suas práticas no campo da educação sexual.

Yara Sayão (1997) ao se debruçar sobre a temática em voga, defende que “Não há necessidade de habilitação [...] na área biológica, uma vez que fundamental é a postura do professor, sua capacidade de reconhecer como legítimas as questões dos alunos, aconselhando-os com respeito. É claro que serão necessários conhecimentos de anatomia do corpo humano, mas nada tão profundo e detalhado que não possa ser assimilado por um professor de outra área por meio de estudo ou pesquisa” (p. 115, *cit. in Souza & Crisostimo, s/d, p. 6*).

Importa ainda referir que os docentes não necessitam ser peritos em educação sexual, precisam sim estar bem informados sobre a sexualidade humana e já terem tido espaço, enquanto pedagogos, para reflectir acerca da mesma (M.E. *et al.*, 2000).

No entanto, só os docentes dotados de uma personalidade sexualmente equilibrada, amadurecida e humanizada, têm os requisitos mínimos para abordar a temática (Silva, I., 2006). Porém, deverão igualmente contemplar uma perspectiva integradora e integrada da sexualidade humana (Silva, I., 2006).

De seguida, depois de termos tentado compreender o que a literatura defende acerca do papel dos docentes enquanto intervenientes nesta temática, falta-nos perceber quais são alguns dos factores que podem influenciar o seu desempenho em ambiente escolar.

4.2. Os docentes e a prática da Educação Sexual

São vários os factores, ao nível da literatura, que, pela mão dos professores, podem interferir com a abordagem da educação sexual, entre os quais destacamos os factores **atitudinais**, os **conhecimentos**, a **formação**, o **conforto**, a **motivação**, a **experiência de ensino**, a **perspectiva dos pais**, com a **receptividade dos alunos**, a sua **biografia sexual**, entre outros, que agora serão mencionados.

No que se refere a factores atitudinais, estudos identificam nos docentes uma atitude maioritariamente favorável em relação à abordagem da educação sexual nos estabelecimentos de ensino (Reis & Vilar, 2004; Ramiro & Matos, 2008). E, embora os professores não retirem aos pais a responsabilidade de, em conjunto com a escola, educar sexualmente (Cohen, Byers, Sears & Weaver, 2001), estes consideram que a abordagem da educação sexual em meio escolar pode ajudar no “(...) (i) aumento dos conhecimentos sobre sexualidade; (ii) facilidade de dialogar com os pais sobre sexualidade; (iii) autoconhecimento; (iv) desenvolvimento da capacidade de agir perante situações de risco; (v) autoconfiança; (vi) auto-estima positiva; (vii) equilíbrio emocional; (viii) prevenção da gravidez na adolescência; (ix) e desenvolvimento de competências de relacionamento interpessoal” (Anastácio, Z., Carvalho, G., Clément, P., s/d, p. 6)

Ainda Silva e Neto (2006) concluem que existem professores que defendem que a educação sexual deverá ter início a partir do momento em que a criança ingressa na

escola, sendo tratada como um facto normal da vida. Por sua vez outros, apesar de considerarem que os rapazes e raparigas deveram ter a mesma educação sexual, argumentam que esta deve ser feita em separado.

De igual modo foi encontrada uma relação crescente entre o à-vontade em tratar o tema da sexualidade e a atitude positiva dos docentes no respeitante à mesma (Reis & Vilar, 2004), como também admitido que são os docentes que já haviam desenvolvido actividades neste âmbito a revelarem atitudes mais favoráveis (Ramiro & Matos, 2008).

No entanto, dizem os resultados das investigações de Anastácio, Carvalho e Clément (s/d) que os professores continuam a oferecer resistência no que se refere à exploração da educação sexual nas escolas. Silva e Neto (2006) confirmam a mesma ideia nas suas pesquisas, onde verificaram que os professores negam a sexualidade nas crianças, visto que alguns encaram as crianças de níveis académicos inferiores como assexuadas, ingênuas e pequenas, das quais devem-se encobertar estes assuntos sexuais. O estudo revela também que estes profissionais que “(...) não conseguem lidar com a sexualidade infantil (...)” (p. 193), têm tendência a tratar a educação sexual de maneira diferente para os dois sexos, conservando assim os estereótipos e discriminação e finalmente possuindo dificuldades no que remete às relações de género e homossexualidade.

Um outro estudo desenvolvido por Cohen *et al.* (2001) relata ainda que a maioria dos docentes admitem que a educação sexual deve assegurar uma panóplia de temas, com particular realce para a coacção e agressão sexual, a puberdade, a segurança pessoal, a tomada de decisões sexuais nas relações de namoro, a abstinência e doenças sexualmente transmissíveis.

Munro e Ballard (2004) referem ainda que temas como a importância do uso do preservativo, o modo como as doenças sexualmente transmissíveis são contraídas e tratadas e os motivos para retardar a actividade sexual, são entendidos como menos polémicos e mais fáceis de ensinar do que o prazer e desejo sexual.

Já Clément (1998) veio a destacar um esclarecimento para o valor que estas representações sociais assumem, colocando as práticas sociais e os sistemas de valores no mesmo patamar que os conhecimentos ao nível científico. Assim depreende-se que as concepções dos docentes no âmbito da educação sexual são reflexo da relação entre o seu sistema de valores e os conhecimentos científicos adquiridos neste domínio.

No que a conhecimentos diz respeito, um estudo desenvolvido por Cohen, Byers, Sears e Weaver (2001) demonstra que os professores sentem ter algum conhecimento sobre todos os temas. Revelam estarem muito bem informados sobre a imagem corporal, a segurança pessoal, a denominação correcta para os genitais, a abstinência, o amor, a atração, a intimidade, a puberdade, reprodução e nascimento. Encontram-se confortáveis com os métodos contraceptivos, com o sexo como parte de uma relação de amor, com as práticas de sexo seguro e as doenças sexualmente transmissíveis/SIDA. Porém a menstruação é o único tema em que todos sentem ter muito conhecimento.

Além de se sentirem menos conhecedores, os docentes do estudo também sentem-se menos confortáveis e dispostos a ensinar temas polémicos da saúde sexual, como sejam a masturbação, a pornografia, o prazer sexual e orgasmo, a homossexualidade, a prostituição na adolescência, o comportamento sexual e problemas sexuais (Cohen *et al.*, 2001).

Cohen *et al.* (2001) com a sua investigação entenderam que o conhecimento dos docentes foi expressivamente maior que o seu grau de conforto, onde este conforto se mostrou significativamente maior que a sua vontade de instruir saúde sexual. Resumindo, percebeu-se que a eficácia do currículo de saúde sexual está dependente do conhecimento dos professores acerca dos temas de saúde sexual, assim como da sua vontade e conforto em leccionar estas temáticas.

Porém, de acordo com Serrão e Barbosa-Ducharne (2006) estes profissionais, apesar de admitirem altos conhecimentos nos variados assuntos que englobam o tema da educação sexual que podem ser explorados, reconhecem-se com poucas competências neste âmbito (*cit. in* Serrão, 2009).

É assim de destacar que a formação figura-se como prioritária (WHO, 1999, *cit. in* Precioso, 2004), pois esta, em educação sexual, possibilita não apenas aferir linguagens, conceitos e delinear estratégias de intervenção (M.E. *et al.*, 2000), alicerçando competências para que a totalidade dos temas relacionados com a sexualidade sejam abordados sem preconceitos e de modo natural (Fernandes & Paiva, 2005), como os seus docentes, além de serem os transmissores de informação dos seus alunos, são tidos como seus modelos (WHO, 1999, *cit. in* Precioso, 2004).

Deste modo a “(...) sensibilização, a formação e a informação do corpo docente tem portanto uma importância preponderante” (Precioso, 2004, pp. 22-23) pois, como

Zapiain (s/d, *cit. in* Ramiro & Matos, 2008) refere, os conhecimentos no âmbito da educação sexual constituem também um pré-requisito para o êxito da mesma.

É de exaltar que um estudo levado a cabo por Ramiro e Matos (2008) depreendeu que os professores que haviam frequentado acções de formação na área da educação sexual, não só conferiam mais importância à temática, como mostraram atitudes mais favoráveis perante a mesma. Também numa investigação desenvolvida por Cohen *et al.* (2001) percebeu-se que os docentes que tinham obtido formação neste âmbito mostravam-se, entre outros aspectos, mais confortáveis e dispostos a leccionar saúde sexual, quando comparados com professores que não a tinham tido.

Anastácio, Carvalho e Clément (s/d) realçam o facto de uma investigação revelar que a formação específica em educação sexual torna os docentes mais convencidos dos benefícios futuros no que concerne à saúde das crianças, como também que este modo de formação poderá ser eficiente no que remete à superação de obstáculos e à alteração de “(...) concepções no sentido do conhecimento cientificamente aceite, da reestruturação do sistema de valores e da mudança das práticas sócio-pedagógicas” (p. 11).

Leger (1998, *cit. in* Oliveira, 2008) vem afirmar que estudos expõem que quando os docentes ostentam uma formação de base consistente em Educação para a Saúde, as concepções dos mesmos neste domínio refletem-se positivamente na actividade lectiva. Já Wight e Buston (2003) indicaram, através da avaliação de um programa de formação para professores, que uma formação de grande qualidade pode expandir as competências e o conhecimento dos docentes para implementar determinados materiais, melhorar a sua motivação e confiança, como também origina uma educação sexual de alta qualidade (*cit. in* Anastácio, 2007, p. 72).

Posto isto, Silva e Neto (2006) destacam que os estabelecimentos de ensino superior devem então ser sensibilizados para a temática e incluir a educação sexual nos seus currículos em cursos ligados ao tema, como por exemplo, a Fisioterapia, Enfermagem, Medicina, Serviço Social e Psicologia, bem como em cursos do Ensino Médio no âmbito da Saúde e para habilitação ao magistério, com o intuito de formarem profissionais preparados para abordar esta temática.

Os mesmos autores elevam o facto de vários estudos relatarem que os docentes mostram-se a favor da inserção da educação sexual nos cursos de formação inicial,

admitindo igualmente a necessidade do desenvolvimento de acções educativas que lhes permitam reverem as suas concepções e preconceitos (Silva & Neto, 2006).

Neste sentido, de acordo com os dados de um estudo desenvolvido por Anastácio, Carvalho e Clément (s/d), os docentes desejam mesmo é uma formação específica em educação sexual que se baseie especialmente em:

“i) dar preparação específica aos professores para leccionarem o que é necessário; ii) preparar os professores para responderem naturalmente a questões imprevisíveis das crianças; iii) preparar para trabalhar valores; iv) ajudar os professores a identificarem e resolverem problemas de abusos sexuais; v) ser em articulação com o desenvolvimento de processos de educação sexual na escola; vi) apresentar os objectivos específicos adequados a cada ano; vii) ensinar a lidar com os pais sobre este tema; viii) e apresentar todos os conteúdos teóricos a abordar em cada ano” (p. 7).

Uma investigação de Cohen *et al.* (2001) percebeu que 63% dos docentes questionados mostraram-se interessados em obter estratégias para o ensino da saúde sexual, por exemplo, pequenos grupos de discussão e *role-plays*; receber informação factual acerca de temas de saúde sexual e formação com o intuito de ampliar o conforto na instrução de temáticas neste campo de acção.

Ainda Mbananga (2004) revela num estudo que, as docentes respondentes necessitavam de um curso de formação no âmbito da sexualidade, SIDA/VIH e aborto, caso tivessem que os leccionar com as crianças, visto defenderem não estarem na posse de um conhecimento profundo sobre estes conteúdos.

Assim, segundo Anastácio, Carvalho e Clément (s/d)

“As necessidades de formação expressas pelos professores situam-se ao nível da apropriação de conhecimentos científicos, da clarificação dos conteúdos e dos objectivos adequados a cada ano de escolaridade, ao nível dos valores, bem como ao nível do saber lidar com situações do seu quotidiano relacionadas com a curiosidade das crianças, as situações problemáticas das mesmas (...) e a intervenção dos pais na escola” (p. 9).

Porém, “(...) as acções dos profissionais acabam norteadas pelos valores pessoais dos mesmos (...)” (Silva & Neto, 2006, p. 192).

Apesar da sexualidade estar inerente à vida humana, a maioria dos professores não só não está à-vontade (Souza & Crisostimo, s/d), condição essencial para a eficiência da educação sexual (Anthony & Williams, 1994, *cit. in* Anastácio, 2007), como, às vezes, não se encontram preparados para abordar a sexualidade com os seus alunos adolescentes (Souza & Crisostimo, s/d).

Fernandes e Paiva (2005) acreditam mesmo que a ausência de formação específica faz com que os docentes não se sintam muito à-vontade para abordar os assuntos da educação sexual de um modo efectivo e sério. O estudo desenvolvido por Cohen *et al.* (2001) acrescenta ainda que o conforto e o conhecimento dos docentes, em especial o conforto, surtem influência na sua vontade de leccionar. Assim, os docentes com menos conforto e conhecimento são menos dispostos a instruir a temática.

Contudo, pode prevalecer o desconforto do docente, mesmo partindo do princípio que este possui uma atitude positiva no que respeita à referenciação de assuntos sexuais e que foi sujeito a formação neste domínio (Reis & Vilar, 2004).

O GTES¹⁰ considera ainda que, muitos docentes, devido à dificuldade que têm com a temática da educação sexual e sexualidade, não conseguem expressar posições coerentes e precisas para dar competências aos jovens para poderem tomar as suas decisões, de forma a que possam progredir com segurança, satisfação e responsabilidade ao longo da sua adolescência (GTES, 2007b).

Todavia, “(...) é essencial que seja sentida a importância de abordar o tema da sexualidade humana. Ou seja, é necessária uma motivação de base, assim como uma compreensão da utilidade e necessidade deste tema (...)” (Frade *et al.*, 2009, p. 10). E para que esta motivação se faça sentir pelos docentes, aquando da adesão de um programa inovador, é preciso que sejam concebidas algumas condições pelo ministério (Reis & Vilar, 2004).

Concluindo, Corteen (2006) admite, como resultado de um estudo que teve em vista analisar os programas de três escolas secundárias da Inglaterra, que o medo e a ausência de vontade e confiança dos docentes são, entre outras, razões para o fracasso do programa.

De acordo com a investigação desenvolvida por Cohen *et al.* (2001), as docentes que ensinam há mais tempo, mostram-se com menos conforto, menos dispostas a instruir saúde sexual, mas não menos conhecedoras, quando comparadas com as professoras que leccionam há menos tempo. Já os docentes do sexo masculino que instruem há mais tempo, têm menos conhecimento que os professores homens com

¹⁰ Grupo de Trabalho para a Educação Sexual (GTES), formado a partir do Despacho n.º 19737/2005, onde é condensada a sua actividade desenvolvida no que concerne à avaliação da educação sexual em Portugal

menos tempo de ensino, no entanto não se revelam com menos conforto e menos predispostos a abordar a saúde sexual.

Um estudo de Anastácio (2007) relata que um dos maiores medos dos docentes passa pela percepção de discórdia por parte dos pais. Em conformidade, os resultados da investigação de Cohen *et al.* (2001) mostram que o apoio dos pais impacta significativamente a vontade dos docentes abordarem saúde sexual.

Frade, Marques, Alverca e Vilar (2009) realçam ainda que os docentes sentem-se também inseguros em relação aos colegas, com a receptividade dos alunos, como também, segundo Hilton (2003), com o que lhes é ou não permitido ensinar, pois têm receio de serem denunciados. Adicionalmente, Buston e Scott (2001) referem como igualmente importante para os professores, o amparo do coordenador dos docentes.

Já Kehily (2002) admite que a referenciação da educação sexual, por parte dos docentes, está condicionada pela sua vivência como aluno e pela sua biografia sexual.

Para fins de ensino da sexualidade, as docentes envolvidas no estudo de Silva e Carvalho (2005) realçam a influência do “(...) reconhecimento das necessidades evidenciadas pelos alunos de discutirem sobre sexualidade (...)”, assim como a “(...) disposição para um repensar de suas próprias vidas”. Porém, os autores evidenciam ainda a necessidade destas professoras estarem bem com a sua sexualidade para que possam abordar esse mesmo assunto com os alunos.

Reis e Vilar (2004), por intermédio de um estudo, destacam ainda que quanto mais religioso for o indivíduo, mais desconfortável está para abordar conteúdos de educação sexual.

Por fim, devido ao facto da sua educação não ter sido efectuada na mesma linha da que hoje se espera que se eduque as crianças, as docentes da investigação de Anastácio (2007) consideram difícil dialogar com as crianças acerca da sexualidade.

Como foi possível perceber, ao longo da revisão da literatura a sexualidade do indivíduo sofre influências desde o nascimento, prolongando-se ao longo do seu percurso de vida. São vários os elementos que interferem neste processo, inicialmente os pais, e posteriormente os amigos, media, religião, escola, entre outros. A “(...) escola e os professores são o contexto e os agentes privilegiados para intencionalizar processos de análise, consciencialização e mudança ao nível dos conhecimentos, sentimentos e comportamentos em termos de Sexualidade Humana” (Vaz *et al.*, 1996, p. 21). Assim sendo, e sabendo que estes técnicos de educação, centrais na abordagem do tema,

sofrem influências de vária ordem, como por exemplo: as características pessoais, o conforto, a formação. E tendo em conta que também o Programa de Educação Sexual, incluído no Programa de Educação para a Saúde da escola, comporta uma certa ‘margem de manobra’ na escolha dos temas a abordar com os seus alunos, de acordo com o seu ciclo de estudos dos mesmos, na forma como a levam a a cabo, etc., tornou-se um imperativo chegar à fala com alguns professores que abordassem a educação sexual na escola, por forma a conseguirmos compreender, não só como estes interpretam e lidam com a temática, como de igual modo perceber quais os demais influentes para a sua abordagem e tomada de decisões.

PARTE II - ESTUDO EMPÍRICO

5. Metodologia

Método

Sabe-se que a investigação nas Ciências Sociais constitui um trabalho de construção teórica e também empírica que tem como finalidade certos objectivos. (Hébert, Goyette & Boutin, 1998).

A investigação de índole qualitativa vai-se alicerçando não só no âmbito das Ciências Sociais e da Psicologia (Flick, 2005) como a sua utilização ao nível das Ciências Sociais tem mesmo vindo a crescer (Denzin & Lincoln, 1998).

Esta metodologia tem uma conduta mais intuitiva, mais flexível e mais ajustável “(...) a índices não previstos (...)” (p.141) (Bardin, 2009). Tendo em conta as palavras anteriores, e se o objectivo de estudo desta investigação passa por perceber qual a percepção de docentes acerca da educação sexual em meio escolar e a influência das características pessoais e envolventes no seu desenvolvimento da temática neste mesmo âmbito de actuação, entendemos que esta abordagem seria a que melhor exploraria e analisaria este tema.

Para que fosse possível a obtenção de registos para a nossa investigação, utilizou-se a entrevista, que tem como intuito obter informações, chegando às concepções do sujeito sobre um assunto (Berg, 2001). As entrevistas semi-estruturadas visam “(...) revelar o conhecimento que existe, de maneira a expressá-lo em forma de respostas e assim torná-lo acessível à interpretação” (Flick, 2005, p. 86). Dado o nosso objectivo de estudo acima explicitado, optámos por fazer uso de uma forma particular de entrevistas, as entrevistas semi-estruturadas, mais especificamente a “entrevista de especialistas”, pois nestas “(...) o entrevistado tem menos interesse como pessoa total do que como perito num certo campo de actividade. É incluído no estudo, não como caso único, mas como representante de um grupo (...)” (Meuser & Nagel, 1991, *cit. in* Flick, 2005, p. 92) que neste caso seriam os professores que abordassem esta temática.

Com vista a dar resposta ao nosso objectivo de estudo e também orientar as entrevistas com os docentes, foi elaborado um guião com um conjunto de questões abertas, como sejam:

- Genericamente, qual é a sua opinião sobre a educação sexual nas escolas? [objectivos, conteúdos relevantes]
- Tendo em conta a pessoa que é, sente-se confortável na generalidade dos temas que puderam ser escolhidos? [motivação, a sua posição como condicionante]
- Com base em quê preparou e organizou as suas aulas? [Moldes de intervenção em sala de aula e o porquê dos mesmos]
- No seu caso, como viu a receptividade dos alunos ao tema da educação sexual? [reações e necessidades na alteração do modo de intervenção]
- Obteve formação específica para leccionar educação sexual? [impacto na sua intervenção]
- Sentiu algum tipo de dificuldade para cumprir os objectivos desta temática? Porquê? Quais? Modificava alguma coisa?

É de destacar que antes de chegarmos à composição deste guião, tiveram lugar duas pré-entrevistas que auxiliaram a aperfeiçoar o mesmo, não só no que remete às questões a formular, como também à função do moderador em contexto de entrevista.

Participantes

Com vista ao esclarecimento do objectivo desta investigação acima descrito, foram seleccionados três docentes que tivessem desenvolvido a temática da educação sexual no âmbito da sua docência. Para o efeito foram considerados os professores de uma escola da zona centro norte de Portugal Continental, pois nesse momento havia cessado uma relação de estágio académico da investigadora na instituição escolar em causa, o que facilitou todo o processo.

A autorização para o desenvolvimento da investigação no estabelecimento escolar em causa, foi solicitada por meio de um documento escrito dirigido ao Presidente do

Conselho Executivo da mesma, que posteriormente foi devidamente autorizado e autenticado.

A selecção dos participantes deste estudo acabou por ocorrer por conveniência, pois a investigadora tinha conhecimento prévio do trabalho desses docentes na prática desta temática, sendo que este foi o único critério utilizado para a escolha dos docentes, excluindo-se qualquer outro.

Foram assim entrevistados três docentes do 3.º ciclo que leccionavam entre o 8.º ao 9.º ano de escolaridade. Relativamente à sua receptividade, salienta-se que todos amavelmente se disponibilizaram a integrar o estudo, após uma breve explanação sobre os objectivos e condições de anonimato e confidencialidade que o mesmo compreendia.

Posto isto, importa dizer que a primeira entrevista, aconteceu no dia 12 do mês de Julho do ano de 2011, com um docente de História do sexo feminino, de cinquenta e três anos. Esta abordava o tema da educação sexual em grande parte com os alunos de 9.º ano da sua Direcção de turma, ao nível da unidade curricular de História, apesar de mencionar abordar também, ainda que pontualmente, com os seus alunos de 11.º ano.

No dia 15 de Julho de 2011 decorreu a segunda entrevista, também com um docente do sexo feminino de sessenta anos de idade, com formação inicial em Ciências Naturais. A sua intervenção na educação sexual centrou-se nos seus alunos de 8.º ano da sua Direcção de Turma, de quem era docente de Formação Cívica, ainda que tenha referido ter abordado com os seus alunos de Ciências Naturais do 9.º ano.

Finalmente, no dia 19 de Julho de 2011 teve lugar a terceira e última entrevista, com um docente de Educação Tecnológica de formação, do sexo masculino com cinquenta e cinco anos. No que se refere à educação sexual, interveio com os seus discentes do 8.º ano ao nível da disciplina de Formação Cívica dos quais era também Director de Turma.

É de realçar que as entrevistas decorreram sob a direcção da investigadora numa sala da escola participante no final do ano escolar de 2010/2011. Após o consentimento dos profissionais em análise, as entrevistas foram gravadas em formato de áudio compreendendo uma duração entre os cinquenta e um e os cento e treze minutos. Mais especificamente, a primeira durou cerca de cento e treze minutos acima referidos, a segunda sessenta e seis minutos e a terceira cinquenta e um minutos exactos.

Análise dos dados

A interpretação dos dados segundo Strauss (1987, *cit. in* Flick, 2005) “(...) é a espinha dorsal do procedimento empírico (...)” (p. 179), enquanto que para Flick (2005) não é só “(...) o ponto de ancoragem da decisão sobre os dados ou os casos a integrar em seguida, na análise (...)” (p. 180), como é o “(...) cerne da investigação qualitativa (...)” (p. 179).

Para proceder à análise dos dados fez-se uso de um dos mecanismos clássicos de análise do material redigido (Flick, 2005) - a análise de conteúdo (Bardin, 2009), que, de acordo com Bardin (2009) não “(...) se trata de um instrumento, mas de um leque de apetrechos; ou, com maior rigor, será um único instrumento, mas marcado por uma grande disparidade de formas e adaptável a um campo de aplicação muito vasto: as comunicações” (p. 140). Realçemos ainda que, neste método, o “(...) analista, tendo à sua disposição resultados significativos e fiéis, pode então propor inferências e adiantar interpretações a propósito dos objectivos previstos (...)” (Bardin, 2009, p. 127).

Tendo tudo isto em consideração, o processo de análise iniciou-se com a preparação dos dados, isto é, a transcrição (Flick, 2005) integral das três entrevistas que haviam sido gravadas em formato áudio. Findada a transcrição, é altura de inaugurar a análise de conteúdo propriamente dita.

Numa primeira fase, que tem como finalidade a organização, levou-se a cabo uma “(...) leitura «flutuante»” (p. 122) que se destina ao contacto com os dados a estudar e ao conhecimento do texto possibilitando a incorporação de um conjunto de impressões e orientações, que aos poucos aclaram a leitura (Bardin, 2009).

Seguidamente procedeu-se à codificação do material, procedimento esse que para Bardin (2009) define-se como “(...) o processo pelo qual os dados em bruto são transformados sistematicamente e agregados em unidades, as quais permitem uma descrição exacta das características pertinentes do conteúdo” (p. 129). Estas unidades que dão pelo nome de unidades de registo dizem respeito “(...) ao segmento de conteúdo a considerar como unidade de base, visando a categorização e a contagem frequencial” (p. 130) (Bardin, 2009). Note-se, no entanto, que não foi feito uso deste último procedimento referenciado, pois o que nos queríamos analisar não era o número de vezes que se repetia um determinado elemento, mas sim o conteúdo das comunicações dos entrevistados. É ainda de destacar que a selecção destas unidades

foram de encontro ao tema, englobando os “(...) «núcleos de sentido» que compõem a comunicação e cuja presença, ou frequência de aparição podem significar alguma coisa para o objectivo analítico escolhido” (Bardin, 2009, p. 131).”

Posteriormente, tendo em conta as finalidades do estudo e as questões do investigador, procedeu-se à formação de categorias, que se definem como “(...) rubricas ou classes, as quais reúnem um grupo de elementos (unidades de registo, no caso da análise de conteúdo) sob um título genérico, agrupamento esse efectuado em razão das características comuns destes elementos” (p. 145) (Bardin, 2009).

Numa última etapa, relativa ao tratamento de resultados, foi possível construir um quadro de resultados que reunisse e destacasse as informações facultadas pela análise (Bardin, 2009), de modo a “(...) atingir uma representação do conteúdo, ou da sua expressão (...)” (Bardin, 2009, p. 129). Finalmente é chegado o momento em que o investigador procedeu à interpretação dos resultados com recurso a apoio em todo o material produzido através do processo de análise.

6. Resultados

Primeiramente, começamos por apresentar um quadro que espelhe, de forma resumida, os dados obtidos através das nossas entrevistas. Este está dividido por vários níveis de informação, ao longo de várias dimensões de análise que incorporam categorias reflexivas com assuntos mais abrangentes, ao que por sua vez, estas, em determinadas situações, ainda integram elementos mais diminutos das mesmas - as subcategorias. Posteriormente, logo após a explicação, de forma faseada, dos constituintes do quadro que se segue, também é possível encontrar um conjunto de transcrições de excertos relativos a cada categoria ou subcategoria, escolhidos com vista a melhor ilustrar o discurso dos docentes entrevistados, para que depois se possam fazer inferências sobre os mesmos.

Dimensões de análise	Categorias	Subcategorias
Objectivos da educação sexual em ambiente escolar	Desenvolvimento pessoal	
	Orientação	
	Desconhecimento dos objectivos	
Relevância da educação sexual	Muito Importante	Ausência de comunicação com os pais
		Pares ignorantes
		Modelos parentais indesejáveis
	Questionável	Desinteresse dos alunos
		Acesso à informação garantido
		Ausência de resultados
Temas tratados na educação sexual	Relacionamentos Interpessoais	
	Princípios Morais	
	Áreas curriculares disciplinares	Conteúdos Programáticos de História
		Conteúdos Programáticos de Ciências Naturais
	Outras temáticas referenciadas	
	Temas não abrangidos	
Processo	Tempo disponibilizado	
	Flexibilidade limitada	Disciplinas
		Programa de Educação para a Saúde
		Características da turma
		Escolha sob direcção do professor
	Aproveitamento de materiais	
Dinâmicas		
Onde ocorre a educação sexual	Disciplinas não “naturais”	
	Disciplinas naturais	
	Formação Cívica/Área de Projecto	
	Cargo de Direcção de Turma	
Conforto/Resistência	Limites sociais e pessoais	Choque com os pais
		Religião
		Prevenir comportamentos
		Questões de género
	Características pessoais	Homossexualidade
		Opiniões pessoais
		Formação
	Programa/Conteúdos mínimos	Experiência de vida
Características demográficas		

Dimensão de análise 1- Objectivos da educação sexual em ambiente escolar

Esta primeira dimensão tenta descrever os objectivos que os docentes reconhecem à educação sexual. Esta integra três categorias distintas. A do ‘Desenvolvimento pessoal’, a da ‘Orientação’ e finalmente a do ‘Desconhecimento dos objectivos’.

Categoria- Desenvolvimento pessoal

Esta categoria foi criada a fim de integrar as concepções dos docentes que sugerem a educação sexual como promotora do crescimento dos jovens ‘enquanto pessoas’.

“(…) ajudar a crescer... não é? A todos os níveis, não só intelectual (...) desenvolverem o espírito crítico (...)” [P1]

“(…) o mudar as mentalidades, o desenvolver os afectos (...)” [P1]

“O principal objectivo (...) haver uma (...) sexualidade mais pensada, mais responsável por parte dos miúdos... não haver tanta gravidez na adolescência (...)” [P2]

Categoria- Orientação

Não só com carácter de desenvolvimento pessoal os docentes concebem os objectivos da educação sexual. Defendem-na também com objectivo de orientar, isto é, tendo em vista auxiliar os alunos a encontrar respostas para as suas questões.

“Eles suscitarem dúvidas, nós... quererem se esclarecer de determinadas situações, não somos nós necessariamente que temos que lhes resolver, mas encaminhá-los... depois de encaminhados a tentarem encontrar as suas próprias respostas (...)” [P1]

Categoria- Desconhecimento dos objectivos

No entanto, é ainda possível verificar, decorrente do discurso de um dos docentes, que há, em certos casos, ‘Desconhecimento dos objectivos’ desta temática.

“Olhe eu sou sincero, não conheço os objectivos gerais da disciplina...do projecto em si... sou sincero, confesso. (...) Eu acho que os objectivos é preparar o miúdo pró... para os obstáculos do dia-a-dia que ele vai ser confrontado.” [P3]

Dimensão de análise 2- **Relevância da educação sexual**

Consideramos a elaboração desta segunda dimensão pois, os docentes do nosso estudo, revelam estar na posse de diferentes entendimentos em relação à importância desta temática na escola. Assim sendo, foram formadas duas categorias que vão ao encontro dos seus discursos: a ‘Muito Importante’ e a ‘Questionável’.

Categoria- Muito Importante

Esta categoria nasce, pois os professores implicados no nosso estudo percebem a educação sexual em meio escolar como muito importante. Todavia, essa importância é retratada por diferentes motivos, que acabaram por justificar a necessidade de originar três subcategorias, que são elas: a ‘Ausência de comunicação com os pais’, ‘Pares ignorantes’ e ‘Modelos parentais indezessáveis’.

Subcategoria- Ausência de comunicação com os pais

“(...) serão poucos aqueles que têm coragem de falar com os pais (...).” [P1]

“(...) porque os miúdos têm sempre... necessidade de saber algumas coisas e alguns miúdos não se sentem (...) com o à vontade suficiente para falar disto com os pais.” [P2]

Subcategoria- Pares ignorantes

“(…) dar-lhes estes meios para eles reflectirem... sobre as coisas que eles muitas das vezes o que é que têm? (...) que é as trocas de impressões com os colegas... não é? Que sabem tanto ou menos do que eles... e portanto nesse aspecto eu acho que a escola... tem um papel muito importante (...).” [P1]

Subcategoria- Modelos parentais indesejáveis

“(…) eu disse-lhes: “onde é que está escrito... que... um homem não pode chorar?” ... e diz-me o miúdo... “o meu pai está-me sempre a dizer isso”. Portanto, para ver a importância [da educação sexual na escola] (...) se eles não tiverem [educação sexual] (...) eles vão reproduzir o quê? O que vêem em casa (...).” [P1]

“Não, são miúdos apáticos, em casa não os puxam... em casa não lhes exigem.” [P2]

Categoria- Questionável

Apesar dos docentes considerarem a educação sexual nas escolas como muito importante, também existem relatos que a indicam como ‘Questionável’. Os vários motivos alegados justificam assim a atribuição de quatro subcategorias: a do ‘Desinteresse dos alunos’, a do ‘Acesso à informação garantido’, a da ‘Ausência de resultados’ e a da ‘Não obrigatoriedade’.

Subcategoria- Desinteresse dos alunos

“Não, os meus alunos foram muito claros de dizer que não precisavam de aulas de educação sexual (...).” [P2]

“(…) a dada altura um ou outro aluno que dizia (...) “Ah, falar disto para quê?” (...) quer dizer esse tipo de... de atitude em aula que surge, então temas destes, não é?” [P3]

Subcategoria- Acesso à informação garantido

“(...) mesmo o facto de eles poderem ter muitos conhecimentos... não é? Dos perigos, das coisas (...) eles têm imensa informação (...).” [P1]

“(...) a fisiologia do acto sexual, as posições, as doenças transmissíveis (...) eles isso até têm... acesso (...).” [P1]

Subcategoria- Ausência de resultados

“(...) alguma coisa fica, não ficará em todos, mas nalguns (...).” [P1]

“Para alguns sim... para outros não. [não surtiu qualquer efeito].” [P2]

“Fiquei muito apreensivo e continuo um pouco apreensivo, porque nunca cheguei a ter resultados finais efectivamente, não é?” [P3]

Subcategoria- Não obrigatoriedade

“(...) também acho que, que não era, digamos assim, tão espontâneo e natural, dizer assim... “tal dia educação sexual”, não... achei que as coisas a propósito... saíam muito mais espontaneamente... e, e com efeitos... melhores, digamos assim, mais válidos, do que propriamente... se fosse assim... “ai agora vamos tratar de educação sexual.” [P1]

“Como obrigatória não, mas acho que facultativa na Educação para a Saúde, sim. Porque acho que se for uma questão obrigatória, os miúdos não vão... “olha é mais outra, é mais outra coisa que temos que aprender” e tudo isso, se forem eles a dizer: “olha hoje vamos tratar este assunto”... chama-lhes mais à atenção e fica-lhes mais, do que ser imposto”. [P2]

“(...) não creio que deva ser uma disciplina... acho que sim (...) deve ser transversal a todas as disciplinas, porque todas as disciplinas podem dar o seu contributo (...). (...) e não devia ser só uma disciplina, é claro que, por exemplo, as Ciências têm uma base científica, muito mais para tratar disto, mas eu acho que qualquer disciplina... pode entrar (...) e acho que devia ser assim... mais transversal do que, propriamente fazer a dizer: (...) “a Formação Cívica tem que ter esta preponderância porque é... daqui de onde se pode fazer.” [P2]

“(…) falando sempre na Formação Cívica, acho que é uma mais-valia (...). (...) agora tentar alargar isto para todas as disciplinas... fazer com que todas as disciplinas contribuam para ali... é um bocado mais difícil, é capaz de não ser adequado, em termos do ensino complica-se um bocado.” [P3]

Dimensão de análise 3- Temas tratados na educação sexual

A presente dimensão de análise, como o próprio nome indica, abarca os temas que os docentes mencionam abordar. Assim, de modo a melhor os espelhar, agrupá-los em cinco categorias: que dão pelo nome de: ‘Relacionamentos Interpessoais’, ‘Princípios Morais’, ‘Áreas curriculares disciplinares’, ‘Outras temáticas referenciadas’ e ‘Temas não abrangidos’.

Categoria- Relacionamentos Interpessoais

Esta categoria toma esta designação, pois, das entrevistas efectivadas, resultaram referências a um conjunto de temas que implicam o relacionamento entre pessoas.

“(…) o desenvolver os afectos (...).” [P1]

“(…)foquei-me muito mais nesse aspecto (...) da partilha (...).” [P1]

“No oitavo ano fomos mais pela via dos afectos (...).” [P2]

“(…) falámos um bocadinho nas, na violência das relações(...).” [P2]

“(…) este ano no oitavo ano, foi mais a parte dos afectos, a parte das relações interpessoais, porque isso também tava já na própria disciplina.” [P3]

Categoria- Princípios Morais

Em adição aos temas correspondentes à anterior categoria, juntam-se os temas que, de acordo com o discurso dos participantes deste estudo, fazem subentender a estruturação de valores morais.

“(...) a questão das mentalidades (...) o peso dessas mentalidades na actualidade (...).” [P1]

“(...) foquei-me muito mais nesse aspecto da... dos valores (...).” [P1]

Categoria- Áreas curriculares disciplinares

Esta categoria identifica os conteúdos programáticos cujos docentes, que abordam a temática ao nível da sua unidade curricular disciplinar, associam às temáticas da educação sexual nas escolas. Para os apresentar, foram desenhadas duas subcategorias: a dos ‘Conteúdos Programáticos de História’ e a dos ‘Conteúdos Programáticos de Ciências Naturais’.

Subcategoria- Conteúdos Programáticos de História

“(...) no âmbito de História (...) era o movimento feminista... e emancipação da mulher (...).” [P1]

Subcategoria- Conteúdos Programáticos de Ciências Naturais

“(...) no programa do nono ano... eles têm os conteúdos científicos relacionados com a base da hereditariedade, têm o sistema reprodutor, (...) as infecções sexualmente transmissíveis, os métodos contraceptivos (...).” [P2]

Categoria- Outras temáticas referenciadas

Além das temáticas já destacadas, os docentes ainda destacam outros assuntos tratados na sua prática no âmbito da educação sexual.

“(...) eu falo-lhes da higiene, que, que é fundamental (...).” [P1]

“Falámos da gravidez em adolescentes (...).” [P2]

“(...) da questão do género (...).” [P2]

Categoria- Temas não abrangidos

Resultante das nossas entrevistas, os nossos participantes ainda identificam alguns assuntos que não foram abordados e que entendem faltar na educação sexual.

“(...) que há muitos traumas a nível de jovens, as experiências, as frustrações que poderão vir a ter as suas consequências futuras na vida, digamos assim, no desempenho, até sexual... mas acho que é essa parte que, que... que falta muito.” [P1]

Dimensão de análise 4- Processo

Esta dimensão diz respeito ao modo como os docentes afirmam ter desenvolvido a sua actividade ao nível da educação sexual. Assim, o seu discurso fundamenta a criação das seguintes categorias: ‘Tempo disponibilizado’, ‘Flexibilidade limitada’ e ‘Dinâmicas’.

Categoria- Tempo disponibilizado

Nesta categoria é revelada a carga horária que os docentes referem ter dispensado para tratar a educação sexual nos seus contextos de actuação.

“(...) surgiram espontaneamente, claro que não foram contabilizados (...) que não sei se foi mais, se foi menos, não me preocupei com isso. (...) **Investigadora** - Mais ou menos, assim uma ideia (...) **Professora** - Eu levei dois blocos, assim no conjunto,

devo ter destinado dois blocos de noventa minutos. **Investigadora**- Distribuídos como ao longo do ano? **Professora** - Não. Foi naquela altura, abordamos o tema (...).” [P1]

“O tempo não foram aquelas seis ou doze horas que eram previstas, levamos muito mais. (...) **Investigadora** – (...) Não contabilizou? **Professora** – Não (...). (...) No nono ano foram as aulas previstas para Ciências na, na disciplina, mas mesmo assim eu levei mais horas... ou seja, não foram aquelas previstas, levei mais algumas.” [P2]

“Olhe a temática, tinha-se falado que havia um número X de sessões, nós ultrapassámos esse número... de sessões (...). (...) Acho que haviam... eram doze horas, não é? Doze (...).” [P3]

Categoria- Flexibilidade limitada

A categoria da ‘Flexibilidade limitada’ encerra um conjunto de elementos mencionados pelos docentes que, da mesma forma que conferem uma certa flexibilidade na abordagem da educação sexual em meio escolar, também a limitam de alguma forma, pois são factores que a condicionam. Por forma a apresentá-los, nomeamos as seguintes subcategorias: ‘Disciplinas’, ‘Programa de Educação para a Saúde’, ‘Características da turma’, ‘Escolha sob a direcção do professor’ e o ‘Aproveitamento de materiais’.

Subcategoria- Disciplinas

“Pronto, aqui ficou, ficou decidido na escola que seriam os professores de Formação Cívica que iriam tratar, principalmente esse tema, depois haveriam disciplinas que poderiam participar, no caso do nono ano as Ciências.” [P1]

[Numa reunião de professores onde se abordou a questão da educação sexual]
“Abertamente falamos, quais eram as... matérias que se proporcionavam a isso, depois, claro que, a professora de Ciências... naturalmente, até pela matéria que iria leccionar... comprometeu-se... logo...a professora de Formação Cívica e Área de Projecto também, e a professora de Moral (...) porque já no âmbito da sua disciplina abordava isto (...) e eu... no âmbito de História... porque... como sabia que tinha uma matéria que era o movimento feminista... e emancipação da mulher... foi nessa altura que eu abordei o... tema.” [P1]

“Depois tive uma ajuda muito importante no Estudo Acompanhado e na Área de Projecto... no nono ano (...) porque Área de Projecto depois também serviu de isco para, para fazer os projectos lá... e eles fizeram no nono ano, uma das turmas... fez muitos... fez um, um trabalho a nível das infecções sexualment.e transmissíveis que foi avaliado em Ciências... nesta temática e foi avaliado em Área de Projecto (...).” [P2]

“Por acaso no oitavo A3, a disciplina que mais colaborou com, com a Formação Cívica, porque nós na Formação Cívica tínhamos essa temática, não é? Para desenvolver... foi a Área de Projecto (...).” [P3]

Subcategoria- Programa de Educação para Saúde

“**Investigadora** - Mas essa selecção dos temas foi feita... porquê esses temas e não outros, por exemplo? **Professora** - Isto... isto teve muito em base o programa que há de Educação para a Saúde daqui da escola... que eles têm num caderno de actividades (...) e aí fomos ao oitavo ano e tirámos, entre as que lá estavam, aquelas que (...).” [P2]

Subcategoria- Características da turma

“Relativamente aos temas (...). (...) alguns que foram escolhidos pelos miúdos (...).” [P1]

“Foram precisamente dependente das intervenções deles e das questões levantadas (...).” [P1]

“(...) houve uma aula que eu destinei como debate... e (...) a preparação foi feita por eles, particularmente elas, que foram, eu nem sabia... quantificaram ou... foram investigar a quantidade de neurónios, por causa dos homens se acharem mais inteligentes...eu nem isso sabia, portanto, e deixei-os (...).” [P1]

“(...) o meu oitavo ano não... não apetece fazer nada ... eles são apáticos (...).” [P2]

“(...) mais ou menos em função daquilo que eles queriam... fizemos.” [P2]

“(...) a maneira de ser deles... também fez com que (...) fizesse certas opções (...).” [P2]

[relativamente a uma turma com idades díspares] “(...) tentei (...) arranjar actividades... em que a idade não fosse... um factor que, que houvesse essa diferenciação.” [P2]

“(...) com uma série de questões... para eles verem, depois e depois respondem em voz alta ou por escrito, isso... isso agora depende depois muitas vezes do que eles querem.” [P2]

“(...) a partir daí eles foram formando grupos, eles próprios é que foram debitando... mensagem, as mensagens foram, foram, foram fluindo a partir deles.” [P3]

“(...) a questão que pode... digamos, complicar-se se nós quisermos abordar temáticas para níveis etários, que não são os adequados, não é?” [P3]

Subcategoria- Escolha sob direcção do professor

“(...) os temas, lá está, aquilo que eu escolhi foi de acordo com a minha disciplina... e aquilo que eu considero, lá está... a educação sexual (...).” [P1]

“Fazer-lhes ver que, na prática, está muito dependente das mentalidades do próprio (...).” [P1]

“**Investigadora** - Mas é, é você que orienta, por assim dizer a, a forma como é dada a aula? **Professora** - No oitavo ano tem que ser... que eles não têm autonomia (...).” [P2]

“**Investigadora** - E porquê esses e não outros? [em relação à escolha de temas] **Professora** - Sei lá, (...) porque talvez achamos que aqueles fossem os melhores e mais fáceis de tratar. **Investigadora** - Acha que esse “mais fáceis de tratar”... o que é que quer dizer com isso? **Professora** - Materiais.” [P2]

“**Investigadora** - Mas era essa a questão. Por exemplo, quando escolheram uns determinados textos... o que é que tiveram, por base, para escolher aquele texto em detrimento de outro texto? (...) **Professor** - Isso é mais iniciativa nossa, do professor.” [P3]

Subcategoria- Aproveitamento de materiais

“É assim, na Formação Cívica no oitavo ano, geralmente fiz muita pesquisa... de actividades e... e de materiais e tudo isso e muito de revistas e entre os três professores de Formação Cívica... íamos trocando materiais e tudo isso (...).” [P2]

“(...) nós trabalhamos muito em equipa eu e os, os oitavos anos (...) pronto isso foi organizado em... em conjunto. (...) os textos eram os mesmos, os que provocavam o debate (...).” [P3]

Categoria- Dinâmicas

Nesta categoria é possível encontrar um conjunto de actividades desenvolvidas pelos professores, aquando da abordagem da educação sexual.

“(...) provoqueei, digamos assim, um debate (...).” [deixou desabrochar] [P1]

“(...) li- lhes alguns documentos, que a mulher não podia sair, não podia ir ao cinema... e até era considerada, praticamente incapaz de se deslocar até de comboio... sem autorização do marido (...) e esclarecê-los que o movimento de emancipação da mulher não foi para queimar soutiens (...). (...) depois mostrar-lhes precisamente que, uma convivência saudável... é muito mais agradável para os dois... e que não é o superiorizar (...).” [P1]

“(...) fiz um apanhado sobre a turma, mais ou menos o que é que eles queriam fazer... e depois mais ou menos em função daquilo que eles queriam... fizemos.” [P2]

“(...) dei casos... ‘casos - problema’ em que ficaram chocados porque eram casos verídicos (...). Quando fazíamos o *brainstorming* para palavras ... relacionadas com... com educação sexual, eles começaram a ver que havia... de tudo.” [P2]

“(...) mas como eu tinha alunos de dezasseis e dezassete anos e tinha alunos de doze (...) com esses, com esses fiz, por exemplo, entreguei-lhes poemas de amor, cartas de amor, o poema de Fernando Pessoa “As cartas de amor são ridículas”... e depois fi-los fazer uma carta de amor ... em grupo, entre todos eles, fazerem uma carta... uma carta de amor. (...).” [P2]

“Também a outra que eu fiz era, primeiro faziam um desenho... também foi uma técnica que eu vi... numa actividade que fizemos na formação. (...) depois íamos ver com quem, que desenhos é que havia igual ao nosso (...) depois eles todos tinham que fazer uma história... em grupo (...).” [P2]

“(...) tivemos uma ... para enunciado, um artigo da *visão júnior*... sobre as relações (...) retirámos excertos e eles foram comentando se isso era verdade se não era, o que é que isso significava (...).” [P2]

“(...) uma das actividades que fiz, o António Gedião... tem um poema sobre o coração (...). Depois, fiz isso, pus lá uns corações e tudo isso, com uma série de questões (...) e depois respondem em voz alta ou por escrito (...).” [P2]

“Nós tentámos-lhes passar o ‘Filadélfia’... em todas as turmas.” [P2]

“(...) a nível do trabalho prático, o que eles fizeram, foram escrever cartas a amigos... fictícios, a pessoas, podia ser o namorado, podia ser o amigo, podia ser uma mulher, podia ser um homem, podia ser um rapaz, uma rapariga, quer dizer, foi assim esse tipo de exercícios (...).” [P3]

“Mas é como eu disse, digamos os grandes debates de confronto entre o grande grupo, eles, eles dialogaram entre eles e depois eu andava tipo... junto deles, também ... e quando eu juntava-me a um grupo... eu via a realidade daquele grupo, depois juntava-me a outro, prontos foi trabalhos assim de, de grupo, grupos restritos (...).” [P3]

Dimensão de análise 5- Onde ocorre a educação sexual

Esta categoria revela alusões dos participantes a diferentes âmbitos escolares onde a temática foi desenvolvida. Com fim de os retratar, foram estabelecidas as seguintes categorias: ‘Disciplinas não “naturais”’, ‘Disciplinas naturais’, ‘Formação Cívica/Área de Projecto’ e ‘Cargo de Direcção de Turma’.

Categoria- Disciplinas não “naturais”

A categoria ‘Disciplinas não “naturais”’ encerra as unidades curriculares cujos professores, ao longo do seu discurso, parecem sugerir que os seus conteúdos programáticos não estão directamente ligadas aos assuntos a desenvolver pela educação sexual nas escolas.

“(…) estou-me a lembrar das mecânicas, das oficinas, da electricidade, “hoje não dou electricidade porque” ... acho que isso... não é natural, eu isso sinceramente que não... concordo (...) e vi colegas aflitos... estou-me a lembrar agora dessas áreas, não é? Electricidade, os profissionais, etc. (...)” [P1]

“(…) se me pedissem a mim para desenvolver isto na Educação Tecnológica ou na, na, na disciplina técnica, também é possível! (...) mas teria que fazer um esforço muito maior. (...).Teria que, que ser uma coisa muito mais pensada, muito mais trabalhada ainda.” [P3]

Categoria- Disciplinas naturais

Por ‘Disciplinas naturais’ entende-se exactamente o oposto da anterior categoria. Isto é, de acordo com as palavras dos docentes, existem unidades curriculares, cujos seus currículos estão directamente ligados a temáticas que a educação sexual se propõe desenvolver.

[Docente de Ciências Naturais] “(...) no nono ano estava no programa por isso... indiferentemente de querermos ou não, já que está no programa...vamos participar.” [P2]

Categoria- Formação Cívica/Área de Projecto

Esta categoria é assim denominada, pois os professores envolvidos na presente investigação, parecem sugerir estas unidades curriculares não disciplinares, como espaços onde a educação sexual tem mais espaço.

“(…) ao nível da Formação Cívica e Área de Projecto, porque felizmente que a professora era a mesma... e que juntou as duas áreas (…).” [P1]

“Houve o programa, não é? Que nós elaborámos em termos da ... e introduzi-lo na Formação Cívica (…).” [P2]

“Por acaso no oitavo A3, a disciplina que mais colaborou com, com a Formação Cívica, porque nós na Formação Cívica tínhamos essa temática, não é? Para desenvolver... foi a Área de Projecto (…).” [P3]

Categoria- Cargo de Direcção de Turma

Esta categoria teve origem, pois os docentes parecerem indicar que os Directores de Turma são praticamente forçados a tratar a educação sexual.

[deu educação sexual] “(…) porque era a minha Direcção de Turma, mas basicamente como não tinha Formação Cívica nem outro espaço (…).” [P1]

“(…) no oitavo ano eu era a, sou Directora de Turma... e tenho a Formação Cívica.” [P2]

“**Investigadora** - Como é que ficou responsável e não outro? (...) **Professor** - Quer dizer eu não fui o responsável. Sou responsável como Director de Turma (…).” [P3]

Dimensão de análise 6- Conforto/Resistência

Ainda, achámos por bem estabelecer uma dimensão de análise que envolva a dicotomia ‘Conforto/Resistência’, pois, por diversas vezes, os docentes transparecem a existência de determinadas circunstâncias que os possibilitam estar mais à vontade e outras que os fizeram hesitar na sua conduta no que concerne a esta área em estudo. Para responder à mesma, foram criadas três categorias: a dos ‘Limites sociais e pessoais’, a das ‘Características pessoais’ e finalmente a do ‘Programa/Conteúdos mínimos’.

Categoria- Limites sociais e pessoais

A categoria vem ilustrar o discurso dos docentes, que parece sugerir a existência de factores promotores ou inibidores de conforto, provenientes do exterior. Isto é, resultam das ideias e valores adquiridos pela sua vivência em sociedade, que acabam por interferir com a sua atitude educacional perante os seus alunos. De modo a melhor os descrevermos, nomeamos cinco subcategorias, designadamente: ‘Choque com os pais’, ‘Religião’, ‘Prevenir comportamentos’, ‘Questões de género’ e ‘Homossexualidade’.

Subcategoria- Choque com os pais

“(…) mas depois em relação ao, ao outro aspecto [parte íntima] (...) acho que aí não se deve entrar (...). Aí é que eu acho que é entrar na intimidade dele, na intimidade quer dizer, em aspectos que poderemos entrar em choque, por exemplo com os pais.”
[P1]

“A mim chocou-me muito chegar cá a Portugal e ver... esta, este tema que para mim era... tive professores homossexuais, colegas homossexuais assumidos, com, com, com par... e, e a aqui a mim chocou-me e por isso eu não gosto muito de falar na turma se a turma não, não chamar. Tenho medo de dizer alguma coisa (...) que possa chocar ou que possa chocar algum pai que eu aviso sempre aos pais no nono ano, que vou tratar essa... e, e no oitavo ano avisei que íamos tratar a educação sexual. (...) já tive muitos pais que se opuseram. **Investigadora** - E condicionou a abordagem?
Professora - Condicionou.” [P2]

“(…) não havia ali oposições em termos de... de opinião dos pais, por exemplo essa, essa dos pais foi muito importante (...). (...) eu tava sempre a à vontade porque sabia que os pais achavam oportuno que a gente falasse daqueles assuntos.” [P3]

“[abordar a homossexualidade] Não aconteceu muito (...). (...) porque... prontos, como eram... os, os afectos também levaria a isso... só que... se calhar a relação dos pais, entre eles, não... prontos, inibiu-os um pouco disso, não é?” [P3]

Subcategoria- Religião

[falar da homossexualidade e do abuso sexual] “Esses temas eu acho que, lá está, essa parte, eu não me sentiria muito confortável... a falar e aí sim, acho que deveram ser técnicos de saúde... não é propriamente o professor. (...) Porque aí sim, acho que poderá entrar o papel até das religiões... e eu tinha pessoas de diferentes religiões, particularmente numa turma... e mesmo na minha... e portanto, aí sim... ai já eu me... não me sentiria muito confortável.” [P1]

“Também não quero que os pais... há pais que podem ser mais religiosos, por exemplo, nos métodos contraceptivos, acharem que só se devem utilizar os naturais... apesar da eficiência ser muito baixa, mas pronto, os pais são... não querem que faça por questões religiosas (...).” [P2]

Subcategoria- Prevenir comportamentos

“**Investigadora** - Mas, por exemplo, pensa que pode ser um desencadeador de comportamentos sexuais ou, pelo contrário, pode preveni-los? Falar sobre a colocação do preservativo, por exemplo. **Professora** - Ah eu acho que deverá, deverá sempre no sentido de (...) prevenir.” [P1]

“(…) muitas vezes ... uma curiosidade dos miúdos é saber qual é a idade que se deve começar e eu costumo dizer-lhes: “a idade é a que uma pessoa quiser, quanto mais tarde melhor... porque somos uma máquina, a máquina ainda está a começar ali (...).” [P2]

“Eu acho que pode servir como, como prevenção... exactamente.” [P3]

Subcategoria- Questões de gênero

“(...) a princípio, eu li-lhes alguns documentos, que a mulher não podia sair (...) e até era considerada, praticamente incapaz de se deslocar até de comboio... sem autorização do marido (...) esclarecê-los que o movimento de emancipação da mulher não foi para queimar soutiens, como às vezes os homens... naturalmente fazem correr, não é? (...) ou que fosse para a mulher... se superiorizar ao homem... (...) perguntei-lhes mesmo “quais são os homens que admitem inclusive ficar em casa para que a mulher tenha a sua carreira” ...não é?” [P1]

Subcategoria- Homossexualidade

“(...) para já vocês estão numa idade que não sabem o que é que vos pode vir a acontecer”... em relação à homossexualidade, etc. que eu disse: “o que é que importa... são as pessoas ou as opções sexuais?... Não há boas e más pessoas nos heterossexuais?”, pô-los a pensar, “será que aquilo é pura e simplesmente uma opção?... Quem é que teria uma opção que lhes traz uma série de problemas? (...). (...) aquilo que eu sempre tentei passar foi a tolerância, a aceitação do outro, a aceitação de ideias diferentes (...).” [P1]

“A homossexualidade, eu creio que é mais por curiosidade do que saber o que é ou se eles têm. O, o que acontece é que eu acho que, se há homossexuais ali, ou ainda não são assumidos, ou têm medo de, de assumir e depois retraem-se um bocado e, por isso, eu geralmente esses temas falo se... houver algum... alguma coisa que dê para ali, senão não falo porque realmente eu não sei o que é que está por lá, do outro lado (...).” [P2]

[abordar a homossexualidade] “Não aconteceu muito (...). (...) porque... prontos, como eram... os, os afectos também levaria a isso... só que... se calhar a relação dos pais, entre eles, não... prontos, inibiu-os um pouco disso, não é?” [P3]

Categoria- Características pessoais

Os docentes revelam também a interferência de elementos exclusivamente intrínsecos ao indivíduo, ou seja, especificidades que podem condicionar a sua actividade neste âmbito de actuação em estudo. Decorrente do discurso dos professores, foi então possível exaltar quatro subcategorias representativas. A das ‘Opiniões pessoais’, a da ‘Formação’, a da ‘Experiência de vida’ e a das ‘Características demográficas’.

Subcategoria- Opiniões pessoais

“(…) que eu chamo à atenção também... alguns que já começam aí com namoricos, que há determinadas coisas, se são íntimas, não são para ser expostas em público... não são para exhibir... que eu chamo-os à atenção para isso que, muitas das vezes é um exibicionismo... e se efectivamente as coisas tão lá, não, não há necessidade.” [P1]

“(…) e eu agora quando entro às vezes e estão a ver futebol (...) no café, ponho-me a imaginar aqueles homens que estão ali desocupados sem fazerem nada... as mulheres é que estão a tomar conta das crianças (...) e eles impávidos e serenos a ver televisão e eu imagino-os logo a fazer malha [trabalho de costura manual] (...) e a seguir eu falei-lhes... porque achei aquilo um espanto... mesmo... e eu acho que é muito por aí (...)” [P1]

“(…) mas depois em relação ao, ao outro aspecto [parte íntima], e é esta a minha opinião, acho que aí não se deve entrar (...)” [P1]

“**Investigadora** - Nós já falámos em relação a alguns temas, como por exemplo, o abuso sexual e a homossexualidade... em relação, por exemplo, à informação sobre contraceptivos, colocação de preservativos, por exemplo (...). (...) **Professora** - Esses temas eu acho que, lá está, essa parte, eu não me sentiria muito confortável... a falar e aí sim, acho que deveriam ser técnicos de saúde... não é propriamente o professor. (...) Porque lá está (...) o que é para mim... poderá não ser para eles ou outras pessoas (...)” [P1]

“(…) que nós nos confrontamos, então com eles às vezes com os odores e é extremamente desagradável... e, e aí falo na generalidade, porque sinceramente tenho muita dificuldade, quando eles às vezes se queixam de um miúdo que cheira mal, e não sei quê? Tenho muita dificuldade em fazer essa abordagem.” [P1]

“A mim chocou-me muito chegar cá a Portugal e ver... esta, este tema que para mim era... tive professores homossexuais, colegas homossexuais assumidos, com, com, com par... e, e a aqui a mim chocou-me e por isso eu não gosto muito de falar na turma se a turma não, não chamar.” [P2]

“**Investigadora** - E a sua posição acerca de um assunto, é um condicionante ou um desencadeador para a escolha dos temas a abordar? **Professor** - Claro que é, então.” [P3]

“(…) houve algumas reacções negativas em termos de... mas que não tem a ver propriamente com o tema, foi mesmo... eu penso que tem a ver com a idade (...) e aquilo há ali um turbilhão... de, de... de sentimentos e de pensamentos e de, e de... e digamos de guiões que (...) se calhar houve pontualmente alguns... se me perguntasse assim: “olha se fosse há um mês, escolhias estes coisos”, se calhar dizia que não, penso eu.” [P3]

“(…) agora na parte psicológica, também na... na parte da Psicologia, isso aí, o lidar com eles o... ter uma palavra no momento certo ou... que a gente pense, outras vezes pode não ser, não é? ... não tou... penso que estou à vontade.” [P3]

“**Investigadora** - Mas condiciona-o, isto é, deixa de falar de determinados assuntos porque não se sente... **Professor** - Ah, pontualmente também acontece, sem dúvida (...).” [P3]

Subcategoria- Formação

“**Investigadora** - Então não sente grande influência por essa ausência de formação? **Professora** - Não, mas como também tive esta intervenção pontual ... digamos assim (...).” [P1]

“(…) se eu vejo que... eles estão, alguns alunos querem um tema e que esse tema não é... não ou que eu não esteja também muito ou seja os meus conhecimentos não sejam também assim tanto... provavelmente eu tento não ir tanto por esse e ir mais por outro (...).” [P2]

“(…) fiz formação... e ainda vinha ‘tenra’, ainda, ainda apanhei o fim... apanhei... apliquei-lhes duas, duas... falei com, com a formadora, uma já tinha feito e perguntei-lhe como é que eu podia abordar aquilo e a outra fizemos mesmo lá e eu apliquei (...).” [P2]

“E o impacto que essa formação teve na sua intervenção? **Professora** - Ah, foi, foi porque muitas vezes eu nem sequer pensaria em determinados assuntos. Em primeiro lugar nem sequer sabia algumas coisas... vim a saber, não sabia o que era ‘uma espanholada’, não sabia o que era ‘uma segóvia’, não sabia o que era ‘uma chuva dourada’... coisas dessas assim.” [P2]

“**Investigadora** - E quais são os assuntos que se sente mais preparada para abordar? **Professora** - A parte fisiológica e anatómica sem me levar a dúvidas. (...) Porque é da mesma área, eu já tive formação... tenho a morfologia, a fisiologia... os métodos, as doenças, tudo isso... sinto-me muito mais à vontade.” [P2]

“(…) tive uma outra disciplina daquela altura, do meu, do meu trajecto como professor, que foi desenvolvimento pessoal e social, I.P.S. Prontos, em que nós abordámos muito estas temáticas, pronto e aí também nós deu alguma, deu-me alguma capacidade para lidar com estas, com estas temáticas na presença dos alunos.” [P3]

“**Investigadora** – E o impacto que esta ausência de formação teve na sua intervenção? Neste caso, na educação sexual. **Professor** - Eu penso que é sempre negativo, porque no fundo a gente, eu tive de fazer tudo um pouco à custa da minha... da minha, da minha... digamos da minha privação pessoal, da minha formação pessoal, do meu tempo, da minha dedicação, quer dizer coisas... sendo eu um professor da área científica, ainda por cima, que não sou da área da Psicologia... traz-me ainda... digamos dificuldades acrescidas, não é? Como é evidente.” [P3]

“(…) em termos pessoais, também não me chateia muito, isso não, não me aborrece. **Investigadora** - Mas também não, não, o põe, por assim dizer, feliz? **Professor** - Não, porque... pá, porque lá está, porque também requer um bocadinho mais de... de base de formação... de auto-formação (...).” [P3]

Subcategoria- Experiência de vida

“**Investigadora** - (...) com o seu filho até deve ter dado... deve ter tido um contributo, até na sua função, não é? **Professora** – Exacto (...) o que eu conhecia dos alunos, contribuiu para o chamar a ele à atenção... tal como as coisas que aconteciam com ele (...).” [P1]

“(...) o meu tipo de trajecto de vida ajuda-me a abordar essas questões. (...) Mas a vantagem de, digamos, de ter tido uma vida, digo eu, normal, não é? Sem grandes desvios em termos dos princípios... permite-me abordar os assuntos de uma forma simplista, não é? De uma forma aberta, não é simplista, aberta, numa forma desprendida.” [P3]

“(...) mais na área da toxicodependência, prontos, também é um tema que a mim custa-me um bocado abordar quando (...). (...) isso aí é mais difícil, porque o meu contacto com essas coisas foi, foi mínimo ou zero (...).” [P3]

“O objectivo específico da abordagem do objectivo geral... às vezes era um pouco... digamos, por, por experiência, digamos de... também de ensino (risos) ... da abordagem da... digamos, da dinâmica da aula e outras coisas, era por aí que eu ia fazendo (...).” [P3]

Subcategoria- Características demográficas

“**Investigadora** - E o facto de ser mulher, acha que teve alguma influência no modo como eles reagiram à sua intervenção? **Professora**- (...) eles diziam logo que elas estavam (...) que elas já partiam a ganhar por eu estar do lado delas. Eu assim: “não eu vou aqui servir essencialmente de moderadora”. **Investigadora** - Sim, mas a forma como eles reagiram à intervenção, em geral. O facto de ser mulher, neste caso se fosse homem, acha que eles iam ter outro tipo de reacção, no geral? **Professora** - Provavelmente... provavelmente porque é isso, eles viram-me à partida... do lado de lá. Os rapazes, as raparigas não (...).” [P1]

“**Investigadora** - E o facto de ser homem, acha que tem alguma influência ou teve, neste caso, alguma influência no modo como os alunos foram reagindo à sua intervenção, nesta temática? **Professor** - Não, não senti isso. (...) eu não senti, por acaso...tenho, tenho... penso que consegui criar uma boa empatia com os alunos (...).” [P3]

Categoria- Programa/Conteúdos mínimos

Esta categoria realça a segurança demonstrada pelos docentes em relação aos temas a tratar. Facto este justificado por se salvaguardarem na obrigatoriedade dos programas curriculares ou nas decisões institucionais acerca dos conteúdos mínimos a abordar.

“(...) já tive muitos pais que se opuseram. **Investigadora** - E condicionou a abordagem? **Professora** - Condiçionou. (...) Tive que dar só com... pronto, no início do ano (...) foi no nono ano, que nos íamos cingir apenas e só ao conteúdo do, do programa, porque aí os pais, mesmo que estavam contra, não podiam fazer nada. (...) eu disse: “ olhe se está no programa, tem de ser dado, se... se eles quiserem sair, eles saem, depois quando for a avaliação têm zero... não sabem, não sei como é que vai ser”. Mas os miúdos assistiram, mas cingi-me, automaticamente, só e só ao que estava no programa (...).” [P2]

“(...) foi sempre dada a informação que este ano no oitavo ano era o tema das relações interpessoais, do amor, de (...) de actividades dos pares, mas não havia parte de... digamos da parte física, que não íamos falar nisso...nem da, da, nem (...) dos dispositivos, nem dessas coisas, quer dizer, isso ficaria para o nono ano...e aí eles também... entenderam logo.” [P3]

Neste capítulo expusemos os resultados provenientes do tratamento dos dados auferidos por meio da análise de conteúdo. Agora, após a obtenção desses mesmos dados junto dos docentes entrevistados no âmbito do nosso objectivo de estudo, de seguida, passamos à discussão dos resultados.

7. Discussão dos Resultados

Posteriormente a nos termos debruçado sobre os dados provenientes das entrevistas com os docentes, à luz do nosso objectivo de estudo, importa agora, apoiando-nos também nos constructos teóricos que suportam a nossa investigação, reflectir sobre os nossos dados.

Para o efeito, e de modo a orientar a nossa discussão, organizamos três conteúdos chave, entre eles: a questão da **importância da escola** na educação sexual, a influência do sentimento de **conforto ou desconforto** dos docentes e ainda um espaço dedicado à **preparação e desenvolvimento das aulas**.

Inicialmente, um dos conteúdos que se mostra essencial realçar, recai na **importância** conferida à escola na abordagem da educação sexual em meio escolar, pois a escola é um local que oferece um contributo relevante na socialização do indivíduo (Fernandes, s/d) e que pode também dar um auxílio significativo na promoção de condutas salutares futuras dos sujeitos (Precioso, 2004).

Os nossos docentes, em consonância com os estudos desenvolvidos por Reis e Vilar (2004) assim como de Ramiro e Matos (2008), assumem uma postura favorável e reconhecem a importância da abordagem desta temática em contexto escolar. Até porque consideram que a influência do grupo de pares, reconhecidos como verdadeiros modelos sexuais (Vaz *et al.*, 1996) e a influente forma de educar dos pais que, de acordo com as palavras de [P1], é admissível que esteja próxima da perspectiva masculina de Browne e France (1988), onde “(...) um «verdadeiro rapaz» tem de ser líder, não pode dar provas de fragilidade (...)” (Browne & France, 1988, *cit. in.* Vaz *et al.*, 1996, p. 15), podem não constituir o modo mais adequado para construir e desenvolver a sexualidade dos jovens.

No entanto, apesar de todos se mostrarem concordantes, nem só de factores positivos se pautam as perspectivas dos professores acerca do assunto em voga. Existem também outros factores que fazem os docentes considerar questionável a sua abordagem, como por exemplo a questão da obrigatoriedade do tema da Educação Sexual em meio escolar. Remonta ao ano de 1999, com a Lei n.º 120, a previsão da implementação de um programa de promoção da saúde sexual nas escolas no ensino básico e secundário, mas só com o Decreto-Lei n.º 259/2000 e seguidamente com a Lei n.º 60/2009 o tema veio a ser considerado com carácter obrigatório. É nesta questão da

obrigatoriedade que queremos nos centrar, pois deparamo-nos com um discurso, apesar de concordante com a educação sexual, opositor ao seu cariz obrigatório. Esta oposição deixou uma certa ideia de incongruência no discurso, pois se o sujeito identifica-a como importante, porque não a considerar obrigatória? O que dista um facto do outro?

Se é derivado à concepção dos alunos como conteúdo ‘obrigatório’ e por isso motivador do seu desinteresse como alega no seu discurso, não haverá estratégias de abordagem que a tornem do mesmo modo apelativa? Mesmo até porque sendo um conteúdo sem avaliação sumativa, poderia, pelas estratégias de intervenção mais adequadas aos alunos em causa promover o seu interesse.

Uma outra questão intimamente ligada com a obrigatoriedade é a transversalidade, também prevista pela Lei n.º 60/2009, na medida que sendo obrigatória terá que se realizar em alguma área curricular. Acerca desta questão encontramos participantes com uma posição favorável e outros discordantes, muitas vezes pela inclusão em disciplinas ‘não naturais’ isto é, unidades curriculares que em nada se relacionam com as temáticas a abordar pela educação sexual, como por exemplo as disciplinas relacionadas com mecânica e electricidade.

Sumariamente depreende-se que, apesar de todos os participantes terem concordado com a importância da abordagem da temática no contexto escolar, nem todos concordam com a abordagem da educação sexual de um modo obrigatório e transversal.

Assim sendo, os três participantes fazem supor um ‘voluntariado forçado’ pelo carácter obrigatório do Programa de Educação Sexual, incluído na Educação para a Saúde pela Lei n.º 60/2009, e não por a acharem tão importante ao ponto de a incluírem por vontade própria. Por exemplo, sentem-se ‘obrigados’ a abordá-la nas disciplinas cujos conteúdos curriculares compreendam a componente biológica da sexualidade; ‘coagidos’ pela docência da Formação Cívica, que havia sido exaltada pela Portaria n.º 196-A/2010 como área curricular não disciplinar onde, complementando-se nas áreas curriculares, se desenrolaria a educação sexual nas escolas; bem como pelo cargo de director de turma, pois, como a Lei n.º 60/2009 indica, é da sua responsabilidade, conjuntamente com o docente encarregado da Educação para a Saúde, e os restantes docentes da turma, o projecto da educação sexual. Contudo, tendo em conta todas estas circunstâncias descritas, e apesar da importância que lhe é conferida, será que a educação sexual seria abordada em meio escolar, caso não fosse obrigatória?

Ao longo da nossa análise dos dados fomos nos apercebendo que os docentes sofrem influências de várias ordens, o que acaba por, de alguma forma, os condicionar. Assim sendo, para nos guiar, decidimos categorizá-las entre o sentimento de **conforto e desconforto**, pois identificamo-los como dos factores centrais, que norteiam muitas vezes, a sua conduta no que concerne ao planeamento e desenvolvimento da temática.

São vários os elementos que fazem variar o grau de conforto dos docentes na abordagem da educação sexual. Um deles é a formação, que, segundo a Lei n.º 60/2009, só é assegurada aos professores que são responsabilizados pela educação sexual e Educação para a Saúde em cada turma, aos docentes-coordenadores da educação sexual e Educação para a Saúde e aos professores que constituem as equipas interdisciplinares de Educação para a Saúde e educação sexual. Contudo, apesar da formação ter sido legislada como um elemento que lhes seria proporcionado, apenas um dos entrevistados teve a oportunidade de a ter, pois foi selecionado a integrar uma formação para a qual havia feito uma pré-inscrição. O mesmo não aconteceu com um segundo participante, que, do mesmo modo, também se havia inscrito, mas que não foi escolhido. Todavia, ao longo da análise das nossas entrevistas e conforme os dados do estudo de Zapiain (s/d *cit. in* Ramiro & Matos, 2008) é visível que o conhecimento em educação sexual é um dos pré-requisitos para o seu êxito. Principalmente para aqueles que abordam a temática na disciplina de Formação Cívica, como é o caso de dois dos nossos participantes. Foi notória a influência positiva no docente que fez formação em educação sexual, pois conseguiu não só adquirir maiores conhecimentos, como pôde pôr em prática algumas das actividades da formação, o que proporcionou mais ‘bagagem’ na abordagem do tema. Sendo assim, é de concluir que, uma formação de grande qualidade pode expandir as competências e o conhecimento dos docentes para implementar determinados materiais, melhorar a sua motivação e confiança, como também origina uma educação sexual de alta qualidade (Wight & Buston, 2003, *cit. in* Anastácio, 2007, p. 72). Por isto mesmo a “ (...) sensibilização, a formação e a informação do corpo docente tem portanto uma importância preponderante” (Precioso, 2004, pp. 22-23)

Ainda assim, pode estar relacionada com o seu grau de conforto, podendo estar ou não implícita também a formação, a escolha de certos temas e certas dinâmicas a integrar as aulas. Na escolha de temas, fomos nos apercebendo que temas como a homossexualidade, assunto pelo qual Silva e Neto (2006) argumentam que os docentes

sentem dificuldades na sua abordagem, o abuso sexual e a colocação de preservativos poderiam não ser assuntos escolhidos para desenvolver no âmbito de aula. Efectivamente um dos maiores medos dos docentes passa pela percepção de discórdia por parte dos pais acerca do assunto (Anastácio, 2007) e também por receio de ir contra a doutrina religiosa dos alunos e das suas famílias. Visto que, como é sabido, aqueles que têm a religião como uma parte valorizável para si tendem a dispor de uma postura mais conservadora para com a componente sexual (Lefkowitz, Gillen, Shearer & Boone, 2004). Mas será que a questão da religiosidade deverá ser impedimento ao desenvolvimento de temáticas essenciais? Não será benéfico, em determinadas situações, a educação sexual ser feita ‘contra’ o entendimento dos pais? Isto é, contra valores que, apesar de já ter havido uma certa evolução, ainda dominam na nossa sociedade? Uma intervenção mais direccionada para os modelos revolucionários da educação sexual? Modelos que tentam romper com estas questões ideológicas e religiosas?

No entanto, ainda se escolhem temas pela razão inversa, isto é, por fazer crer que se sentem confortáveis, com por exemplo as questões de género, abordadas pelo participante [P1]. Porém, este conforto poderá advir, não só por motivos de formação académica, como simplesmente por ser um assunto pelo qual a sua componente pessoal permite estar à-vontade para o abordar. Relativamente às dinâmicas também foi perceptível uma forte influência da formação em educação sexual, bem como a influência das suas características pessoais, isto é, escolheram as dinâmicas conforme as suas preferências pessoais, acabando mesmo por, em alguns casos partilharem actividades a dinamizar nas suas aulas.

Todavia, não são só as anteriores componentes a interferir com o conforto dos docentes. O programa curricular de determinadas áreas curriculares disciplinares, como é o caso das Ciências Naturais, também confere uma salvaguarda para o seu conforto. Ou seja, se por algum motivo houver desagrado, neste caso por parte dos pais, à abordagem de temáticas tocadas pela educação sexual, os docentes apoiam-se na presença indispensável desses mesmos temas ao nível dos conteúdos programáticos das áreas curriculares pelas quais são responsáveis e assim, querendo ou não, os assuntos vão ter de ser abordados e por isso permanecem seguros e confortáveis para tratar esses assuntos.

Neste momento, podemos perceber que os docentes não desenvolvem uma conduta neutra, sem tomar partido, como argumentam ter. E apesar de considerarem tentar ir ao encontro do que os alunos querem, agindo com imparcialidade, acabam por não o fazer em plenitude, pois são notórias as influências das suas características pessoais que acabam por, de alguma forma, os condicionar. A prova disso passa, não só, como já referido, pela influência do seu conforto/desconforto, por exemplo na escolha dos temas e dinâmicas a executar, mas também se evidencia na sua postura de abordagem da temática.

Consideremos primeiramente a questão da Homossexualidade. Na sua conduta prática realçam um discurso que, a nosso entender, resvala com o preconceito, podendo ser interpretado como associação a uma doença ou um problema, onde é possível identificar expressões como: “(...) será que aquilo é pura e simplesmente uma opção?... Quem é que teria uma opção que lhes traz uma série de problemas? (...)” [P1] ou até mesmo “A homossexualidade, eu creio que é mais por curiosidade do que saber o que é ou se eles têm.” [P2].

Contudo, não é só em relação à Homossexualidade que se denotam influências das suas características pessoais. A mesma ‘falsa neutralidade’ é evidente quando realçam a abordagem de alguns conteúdos com o objectivo de prevenir comportamentos, o que faz supor uma abordagem da educação sexual direccionada para o modelos de índole preventiva que incidem por exemplo, na prevenção de doenças sexualmente transmissíveis, gravidezes indesejadas, entre outras (Sánchez, 2008, *cit. in* Santos, 2010), ao invés de desenvolverem uma conduta baseada no modelo “(...) mais actual e pertinente (...)” (Vaz *et al.*, 1996, p. 45)- o modelo *de desenvolvimento pessoal* – que não se preocupa em impor normas de comportamento, mas sim em fomentar “(...) o debate e a escolha crítica” (p. 44), contando com a colaboração activa de todos, como sejam os alunos, os professores, os familiares e também outros profissionais, para a abordagem da educação sexual (Vaz *et al.*, 1996).

Todavia, e apesar de serem evidentes nas suas entrevistas outras passagens que denunciam influência das suas características pessoais, sentimos necessidade de particularizar um depoimento, pois nos pareceu repleto de intencionalidade. É o caso do docente [P1] quando se refere aos temas escolhidos para a sua intervenção no âmbito desta temática, designadamente, a emancipação da mulher e o movimento feminista. No seu discurso foi possível verificar traços vincados de defesa das mulheres, arriscando-

nos a afirmar a evidência de um certo feminismo ou até estar, de certa forma, a defender intencionalmente ou não o modelo de abordagem *feminista* de Vitiello (1995) que se preocupa essencialmente em promover a igualdade de géneros, tentando abolir os preconceitos que incidem sobre as mulheres, fomentando a sua liberdade ao nível da sexualidade. Um exemplo da sua conduta aparentemente ‘feminista’ é conjeturável no excerto: “(...) a princípio, eu li-lhes alguns documentos, que a mulher não podia sair (...) e até era considerada, praticamente incapaz de se deslocar até de comboio... sem autorização do marido (...) esclarecê-los que o movimento de emancipação da mulher não foi para queimar soutiens, como às vezes os homens... naturalmente fazem correr, não é? (...) ou que fosse para a mulher... se superiorizar ao homem... (...) perguntei-lhes mesmo “quais são os homens que admitem inclusive ficar em casa para que a mulher tenha a sua carreira” ...não é?” [P1]

Mais uma vez nota-se uma intencionalidade no discurso do entrevistado. Mas será possível neutralidade em temáticas como a homossexualidade ou temas directamente relacionados com os direitos das mulheres como a emancipação da mulher ou movimento feminista? Não tem aqui a educação sexual que assumir necessariamente uma posição, seja ela qual for? Se sim, resta questionarmo-nos sobre qual seria essa posição? Se se diz, por exemplo, que a homossexualidade é uma doença, faz ou não sentido educar? Ou permanecer neutro? Como seria ser neutro?

Todavia, será possível uma intervenção, sem que sofra influências directas ou indirectas nos seus desempenhos? Os dados do nosso estudo indicam que, apesar da tentativa dos docentes em se manterem neutros e imparciais, existiram sempre condicionantes que não o possibilitam. De um modo geral entendemos que tem que haver sempre uma estruturação, um delineamento que de certa forma oriente a intervenção. Há coisas em que não é possível neutralidade, ou pelo menos é muito questionável. Para nós torna-se inconcebível uma abordagem sem interferências, o que neste caso não será diferente, visto que, para além das características pessoais, houve a influência do, várias vezes referenciado, Programa de Educação para Saúde no qual se insere a educação sexual. Nele existem diretrizes que, de uma maneira ou outra, foram utilizadas pelos docentes no sentido de estruturarem a sua intervenção, como seja a escolha dos conteúdos a integrar a sua prática. Porém, também é visível no discurso dos docentes a influência das reuniões e das indicações dos coordenadores do projecto neste

âmbito de actuação, que acabaram por, de alguma maneira, organizar a abordagem da educação sexual em meio escolar.

Resumindo e concluindo, o que nos parece mais importante, é fazer uso de uma estratégia de intervenção baseada no denominado *modelo democrático* de Sánchez (2008) que disponibiliza conteúdos informativos variados, promove o respeito pelas diferenças e partilha valores comuns à sociedade, incentivando a postura crítica e prevendo a existência de diferentes realidades sexuais salutarres (*cit. in Santos, 2010*). Assim, ao mesmo tempo que se promove a postura crítica dos alunos, também o educa para uma vivência mais salutar em sociedade.

Outro dos nossos conteúdos chave passa pela **preparação e desenvolvimento das aulas**. Assim, e tendo em conta a transdisciplinaridade prevista pela Lei n.º 60/2009, depreendeu-se que há uma distinção na preparação da educação sexual dependendo se se trata de uma área curricular disciplinar ou não disciplinar.

Primeiramente, debruçando-nos nas áreas curriculares disciplinares leccionadas pelos profissionais abrangidos pelo estudo. Tendo em conta o seu discurso nas entrevistas, parece que os mesmos não procederam a qualquer adaptação ou preparação de alguma actividade específica para abordar o tema na unidade curricular pela qual eram responsáveis, acabando assim por subentenderem algumas das suas temáticas curriculares como temas previstos no Programa da educação sexual e assim já estarem implicitamente a abordá-la. Já os docentes que abordaram a temática nas áreas curriculares não disciplinares optaram, por exemplo, por partilhar materiais no sentido de desenvolvem actividades com os seus alunos do 8º ano.

É ainda possível verificar que, um dos nossos entrevistados que não desenvolveu a temática ao nível da sua unidade curricular de formação académica, mas sim na área curricular não disciplinar da Formação Cívica, defende que, caso tivesse que o fazer, “(...) teria que fazer um esforço muito maior. [...] Teria que ser uma coisa muito mais pensada, muito mais trabalhada” [P3].

Ora, considerando este último parágrafo e considerando as palavras dos docentes aquando das entrevistas, é possível subentender que, contrariamente ao que foi designado, só algumas disciplinas se prepararam e desenvolveram uma abordagem da educação sexual. Contudo, há uma pergunta que se impõe: Será que a abordagem da temática numa vertente transdisciplinar não acontece simplesmente porque os docentes não estão dispostos a isso ou será porque a transversalidade a que são remetidos é

estabelecida de uma forma muito vaga? Os professores não necessitarão de instruções mais específicas acerca dos conteúdos e estratégias de intervenção, por forma a melhor estruturarem a abordagem da temática nas diferentes disciplinas que compõe o currículo escolar? A nosso ver, não detendo esta estruturação pré-definida, a educação sexual desenvolvida pelos docentes participantes, parece ser levada a cabo nos âmbitos escolares onde há um sentimento de ‘coação’, ou seja, nas áreas curriculares das Ciências Naturais e da Formação Cívica, como também no cargo de Direcção de turma, pelos motivos já explorados anteriormente. Assim, sentindo-se nessa obrigação, os docentes parecem tentar planear a sua intervenção da melhor forma que encontrarem. O que poderá justificar o facto de, como já referido, os docentes participantes que, por exemplo, leccionavam a educação sexual na área curricular não disciplinar da Formação Cívica, terem previamente optado por partilhar materiais, enquanto os professores entrevistados que abordaram a educação sexual nas suas unidades curriculares disciplinares preferiram subentender algum conteúdo que tivessem no programa da unidade curricular e chamarem-lhe educação sexual.

Sucintamente, podemos dizer que os docentes reconhecem importância à educação sexual em meio escolar, apesar de não se mostrarem favoráveis à sua componente de obrigatoriedade, como também não serem consensuais em relação à componente da sua transversalidade. Assim, embora apoiem a sua abordagem e também se dizerem de na generalidade confortáveis, fazem transparecer um ‘voluntariado forçado’ pela índole de obrigatoriedade do Programa de Educação Sexual nas escolas, assumida pela legislação, que acaba por os ‘forçar’ a isso. É também importante exaltar a influência de vários componentes na intervenção que, apesar dos docentes afirmarem tentar ter uma atitude o mais neutra possível em dinâmica de aula, interferem com a mesma. São eles por exemplo: a formação, o conforto, a opinião dos pais, a religiosidade, a sua perspectiva pessoal, a receptividade dos alunos, etc.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como fomos vendo ao longo da bibliografia, a escola tem um contributo relevante na socialização do indivíduo, na formação de pessoas (Fernandes, s/d), como também pode dar um contributo significativo na promoção de condutas salutareas futuras dos sujeitos (Precioso, 2004). A sexualidade é parte integrante do currículo escolar. No entanto, ao nosso ver, os docentes do estudo, não mostram investimento, nem interesse declarado em tratar a temática. Resumem-se a seguir as indicações do programa implementado na sua escola. Deste modo, fazem subentender que ainda não estão perfeitamente cientes da importância premente de uma educação para a sexualidade nas escolas. Talvez por a nossa sociedade estar também ainda impregnada de estereótipos e preconceitos acerca da mesma. Sendo assim, e dado que o homem é um ‘animal social’, que influencia e é influenciado pela sociedade, compreende-se a necessidade de desmistificar a questão da sexualidade, não só com a sociedade em geral, mas, remetendo-nos ao nosso estudo, particularmente com os docentes. Pois muito ainda haverá a fazer para que a mesma tenha os contornos educativos a que se propõe.

Todavia, é de referir, que a inexperiência como investigador, com frágeis competências de entrevista, pode ter influenciado, de certa forma, a qualidade dos dados obtidos, assim como as conclusões do estudo. Também o facto de, na nossa investigação, terem sido poucas as entrevistas efectuadas, faz-nos questionar se, caso tivéssemos outros sujeitos, os dados seriam muito diferentes. Adicionalmente, não excluímos a possibilidade dos nossos docentes terem sustentado um discurso pautado por ‘desejabilidade’, deixando em aberto a questão da fidedignidade de algumas respostas.

Visto que incidimos nos professores, por estes serem considerados, segundo Vaz *et al.* (1996), “(...) os agentes privilegiados para intencionalizar processos de análise, consciencialização e mudança ao nível dos conhecimentos, sentimentos e comportamentos em termos de Sexualidade Humana” (p. 21), num futuro estudo seria também interessante perceber o outro lado, isto é, os alunos. Compreender como veem a temática e percebem o impacto que a mesma tem no seu desenvolvimento pessoal e social, não só no momento presente, como também nas suas acções futuras. De futuro, de modo a auxiliar os docentes a saberem o que fazer, são claramente necessárias diretrizes ministradas concretas. Doutra forma, arriscamo-nos a que a educação sexual,

seja uma oportunidade perdida. O que é particularmente preocupante dada a importância do assunto em causa.

BIBLIOGRAFIA

- Allen, L. (2007). Denying the sexual subject: schools' regulation of student sexuality. *British Educational Research Journal*, 33(2), 221-234.
- Anastácio, Z. (2007). *Educação Sexual no 1º CEB: Concepções, Obstáculos e Argumentos dos Professores para a sua (não) Consecução*. Dissertação de Doutoramento. Universidade do Minho: Instituto de Estudos da Criança.
- Anastácio, Z., Carvalho, G., & Clément, P. (s/d). *Concepções dos professores de 1º CEB sobre o contributo da educação sexual para a promoção da saúde e sua relação com a formação, consultado em 29 de Outubro de 2010, disponível em <https://repositorium.sdum.uminho.pt>*.
- Baier, M. E. M. & Wampler, K. S. (2008). A qualitative study of Southern Baptist mothers' and their daughters' attitudes toward sexuality. *J Adoles Res.*, 23(1), 31-54.
- Bardin, L. (2009). *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Berg, B. L. (2001). *Qualitative Research Methods for the Social Sciences*. (4 ed.). Boston: Allyn & Bacon.
- Buston, K., Wight, D. & Scott, S. (2001). Difficulty and Diversity: the context and practice of sex education. *British Journal of Sociology of Education*, 22(3), 353-368.
- Clément, P. (1998). La Biologie et sa Didactique, Dix Ans de Recherche. *Aster*, n.º 27, pp. 56-93.
- Cohen, J., Byers, E., Sears, H. & Weaver, A. (2001). *New Brunswick Teachers' Ideas About Sexual Health Education*. University of New Brunswick: Department of Psychology.
- Corteen, K. (2006). Schools' fulfilment of sex and relationship education documentation: three school-based case studies. *Sex Education*, 6(1), 77-99.

- Decreto-Lei n.º 259/2000 (2000). *Desenvolvimento do regime jurídico estabelecido pela Lei n.º 120/99*: Ministério da Educação. Diário da República, I Série A, de 17 de Outubro n.º 240, 5784-5786.
- Denzin, N. K., & Lincoln, Y. S. (1998). Introduction: Entering the Field of Qualitative Research. In N. K. Denzin & Y. S. Lincoln (Eds.), *Collecting and Interpreting Qualitative Materials* (pp. 1-34). London: Sage.
- Despacho n.º 15 987/2006 (2006). Ministério da Educação. Diário da República, II Série, 27 de Setembro.
- Despacho n.º 2506/2007 (2007). Ministério da Educação. Diário da República, II Série, 20 de Fevereiro, n.º 36, 4427.
- Duarte, I., Canário, C., Serrão, C. & Ricou, M. (2007). A Educação Sexual em Meio Escolar: uma perspectiva ética. *Nascer e Crescer*; 16(1), 24-28.
- Duarte, P. (2010). *Educação da sexualidade: modelos e representações de professores*. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro. Departamento de Educação.
- Fernandes, J. (s/d). O adolescente homossexual na dinâmica escolar.
- Fernandes, A., & Paiva, J. (2005). Educação Para a Sexualidade: uma experiência em Ensino a Distância. *VII Simpósio Internacional de Informática Educativa* (pp. 281-286). Porto: Faculdade de Ciências – Universidade do Porto.
- Flick, U. (2005). *Métodos Qualitativos na Investigação Científica*. Lisboa: Monitor.
- Frade, A., Marques, A., Alverca, C., & Vilar, D. (2009). *Educação Sexual na Escola: Guia para Professores, Formadores e Educadores*. Lisboa: Texto Editora.
- Grupo de Trabalho de Educação Sexual (GTES) (2005). *Relatório preliminar*. Retirado a 17 de Janeiro de 2011 de http://www.dgidec.min-edu.pt/EducacaoSexual/Relatorio_Preliminar_ES_31-102005.pdf
- Grupo de Trabalho de Educação Sexual (GTES) (2007a). *Relatório de progresso*. Retirado a 11 de Junho de 2011 de http://www.dgidec.min-edu.pt/EducacaoSexual/Relatorio_Final_ES.pdf

- Grupo de Trabalho de Educação Sexual (GTES) (2007b). *Relatório final*. Retirado a 11 de Junho de 2011 de http://www.dgdc.min-edu.pt/EducacaoSexual/Relatorio_Final_ES.pdf
- Hébert, M., Goyette, G., & Boutin, G. (1998). *Investigação Qualitativa: Fundamentos e Práticas*. Lisboa: Instituto Piaget.
- Hilton, G. (2003). Listening to the boys: English boys' views on the desirable characteristics of teachers of sex education, *Sex Education*, 3(1), 33–46.
- Kehily, M. (2002). Sexing the subject: teachers, pedagogies and sex education. *Sex Education*, 2(3), 215-231.
- Lefkowitz, E. S., Gillen, M. M., Shearer, C. L. & Boone, T. L. (2004). Religiosity, sexual behaviors, and sexual attitudes during emerging adulthood. *J Sex Res.*, 41(2), 150-159.
- Lei n.º 3/84 (1984). *Educação sexual e planeamento familiar*: Assembleia da República. Diário da República, I Série, de 24 de Março, n.º 71, 981-983.
- Lei n.º 46/86 (1986). *Lei de bases do sistema educativo*. Ministério da Educação. Diário da República, I Série, de 14 de Outubro, n.º 237, 3067-3081.
- Lei n.º 120/99 (1999). *Lei do reforço de garantias do direito à saúde reprodutiva*. Assembleia da República. Diário da República, I Série A, de 11 de Agosto, n.º 186, 5232-5234.
- Lei n.º 60/2009 (2009). *Lei que estabelece o regime de aplicação da educação sexual em meio escolar*. Assembleia da República. Diário da República, I Série, de 6 de Agosto, n.º 151, 5097- 5098.
- Maia, A. C. B., & Aranha, M. S. F. (2005). Relatos de professores sobre manifestações sexuais de alunos com deficiência no contexto escolar. *Interacção em Psicologia*, 9(1), 103-116.
- Matos, M. G., & Sampaio, D. (2009). *Jovens com Saúde: Diálogo com uma geração*. Lisboa: Texto Editores.

- Mbananga, N. (2004). Cultural clashes in reproductive health information in schools. *Health Education, 104*(3), 152-162.
- M.E., C.C.P. E.S., A.P.F., M.S., D.G.S., C.A.N., & R.N.E.P.S. (2000). *Educação sexual em meio escolar – linhas orientadoras*. Lisboa: Editorial do Ministério da Educação.
- Munro, J. & Ballard, K. (2004) ‘Oh, what would you do Mrs Brown’? Some experiences in teaching about sexuality. *New Zealand Journal of Educational Studies, 39*(1), 71–90.
- Oliveira, A. (2008). *Que conteúdos de Educação para a Saúde devem integrar a formação inicial de professores habilitados para a docência no 1º Ciclo do Ensino Básico- Um estudo exploratório*. Dissertação de Mestrado. Universidade de Lisboa: Faculdade de Medicina.
- Portaria n.º 196-A/2010 (2010). Ministérios da Saúde e da Educação. Diário da República, I Série, de 9 de Abril, n.º 69, 1170-(2) - 1170-(4).
- Precioso, J. (2004). Educação para a Saúde na escola – Um direito dos alunos que urge satisfazer. *O professor, 85*(3), 17-24.
- Ramiro, L., & Matos, M. G. (2008). Percepções de professores portugueses sobre educação sexual. *Revista de Saúde Pública, 42*(4), 684-692.
- Ramiro, L, Reis M., & Matos, M. G. (2008). Educação Sexual: Propostas para Escolas. In Matos, M. G. *Sexualidade, segurança & sida - estado da arte e propostas em meio escolar*.
- Reis, M. H. A., & Vilar, D. (2004). A implementação da educação sexual na escola: Atitudes dos professores. Lisboa: *Análise Psicológica, 4*(XXII), 737-745.
- Ribeiro, T. (2009). Educação para a sexualidade em meio escolar: um desafio para pais e educadores. São João da Madeira: *Descobrir*, n.º 15. Centro de Educação Integral.
- Rosemberg, F. (1985). Educação Sexual na escola. São Paulo: *Cad. Pesq.*, (53), 11-19.

- Santos, A. (2010). *Educação para a sexualidade: paradigmas em escolas portuguesas*. Dissertação de Mestrado. Aveiro: Universidade de Aveiro. Departamento de Ciências da Educação.
- Serrão, C. (2009). *Práticas e Educação Sexual em contexto escolar: Factores preditores do envolvimento dos professores na promoção da Educação Sexual*. Dissertação de Doutoramento não publicada. Porto: Universidade do Porto.
- Silva, I. (2006). *Educação para os Valores em Sexualidade: Um Estudo com Futuros Professores e Alunos do 9º Ano de Escolaridade*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho: Instituto de Educação e Psicologia.
- Silva, M., & Carvalho, W. (2005). O desenvolvimento do conhecimento pedagógico do conteúdo de sexualidade na vivência das professoras. *Ciência & Educação*, 11(1), 73-82.
- Silva, R. & Neto, J. (2006). Formação de professores e educadores para a abordagem da educação sexual na escola: O que mostram as pesquisas. *Ciência & Educação*, 12(2), 185-197.
- Souza, M. & Crisostimo (s/d). *Formação continuada de professores sobre o tema corpo e sexualidade no contexto escolar*. Retirado a 14 de Setembro de 2012 de <http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/2048-8.pdf>
- Souza, F., & Ramos, R. (2002). *A intervenção dos pais com relação ao desenvolvimento da sexualidade dos portadores da Síndrome de Down*. Belém- Pará.
- Subcomissão para Avaliação de Manuais (2007). *Relatório*. Retirado a 17 de Janeiro de 2011 de http://www.dgicd.min-edu.pt/EducacaoSexual/Relatorio_Preliminar_ES_31-10-2005.pdf
- Vaz, J. M., Vilar, D., & Cardoso, S. (1996). *A educação sexual na escola*. Lisboa: Universidade Aberta.
- Vieira, O. C. B. F. (2009). *A Educação Sexual na Escola Pública Portuguesa: Um olhar a partir da experiência de alunos do 10º ano*. Dissertação de Mestrado. Universidade do Minho: Instituto de Educação e Psicologia.

Vilaça, T. (2007). Eficácia do paradigma democrático de Educação para a Saúde no desenvolvimento da acção e competência de acção dos adolescentes em Educação Sexual. In Barca, A., Peralbo, M., Porto, A., Duarte da Silva, B. & Almeida, L. (Eds.), *Libro de Actas do Congreso Internacional Galego-Portugués de Psicopedagogía* (pp. 971-982). Coruña: Universidade da Coruña: Revista Galego-Portuguesa de Psicoloxía e Educación.

Vitiello, N. (1995). A educação sexual necessária. *Revista Brasileira de Sexualidade Humana*, Sociedade Brasileira de Sexualidade Humana, 6(1), 15-28.

ANEXOS

Anexo 1- Pedido de autorização ao Presidente do Conselho Executivo

Exmo. Sr.

Presidente da CAP do Agrupamento de Escolas de (nome do local onde se situa o estabelecimento de ensino)

Eu, Joana Margarida Dias da Silva, aluna do Mestrado em Psicologia da Educação e Orientação da Universidade Portucalense Infante D. Henrique, a realizar estágio curricular na Escola [nome da escola], venho por este meio solicitar a Vossa Excelência autorização para desenvolver a minha dissertação de Mestrado, no âmbito da operacionalização da Educação Sexual nas Escolas.

Para efectivação do estudo pretendo realizar entrevistas semi-estruturadas a três ou quatro professores desta instituição, que estejam a trabalhar a temática da Educação Sexual nas Escolas, ou, em última instância, se necessário, a docentes do agrupamento que também estejam implicados. Proponho-me nestes contactos a recolher informações sobre objectivos, estratégias e recursos utilizados na abordagem da Educação Sexual nas Escolas.

A sua execução, está prevista ser iniciada no mês de Janeiro de 2011, podendo esta data sofrer alterações por conveniência pessoal ou institucional.

[Local], 17 de Dezembro de 2010

Com os melhores cumprimentos,

(Joana Dias da Silva)

Anexo 2- Transcrição integral das entrevistas efectuadas

1ª Entrevista com Professora

12-7-2011

Investigadora - Pronto, agora que estamos a gravar, vamos então dar início. Começava por lhe perguntar qual o ano curricular em que leccionou a Educação Sexual neste ano lectivo?

Professora - Essencialmente no nono ano. Embora tivesse feito uma abordagem, mas muito ligeira no décimo primeiro, aquilo que eu considero ter abordado mais especificamente, foi no nono ano. Não só porque... inserido... porque era a minha Direcção de Turma, mas basicamente como não tinha Formação Cívica nem outro espaço, integrado na própria matéria... que se proporcionou a isso.

Investigadora - No nono ano ou... (interrupção por parte da professora)

Professora - No nono.

Investigadora - No nono ano foi então... Hum. Então disse-me que leccionou Educação Sexual ao nível da sua disciplina curricular?

Professora - Exacto.

Investigadora - Que é?

Professora – História.

Investigadora - Que é história, exactamente. Gostava então de lhe perguntar: Como funcionou todo o processo de selecção dos docentes responsáveis por este tema, neste ano lectivo?

Professora - Eu... creio, porque não estou integrada propriamente no projecto, não é? Foi essencialmente como colaboradora no âmbito da... da disciplina e da... e da turma. O que eu sei é que as pessoas que estão directamente a coordenar o projecto, já eram as que... digamos assim, presidiam... ao grupo de... Educação para a Saúde.

Investigadora - Hum, Hum...

Professora - Portanto... eu propriamente foi quando... no âmbito da lei, que foi alargado e que... disseram que... portanto relativamente às turmas, quais eram as disciplinas que poderiam participar, tanto é que eu não dei muitas horas, eu deixei as coisas fluírem... naturalmente.

Investigadora - Hum...

Professora - Mas, quem está a coordenar não... eu não pertenço ao grupo de coordenação.

Investigadora - Hum, mas como é que foi instituído? No início do ano... (interrompida pela professora)

Professora - No início do ano a coordenadora aqui da escola...

Investigadora - Hum...

Professora - ... abordou-me... também como coordenadora dos Directores de Turma para eu transmitir... fui, por assim dizer, um veículo de transmissão... dela para os Directores de Turma, mas isto essencialmente no meu papel de coordenadora de Directores de Turma.

Investigadora - Hum, hum...

Professora - Depois fui... mais uma vez veículo de transmissão como Directora de turma... no âmbito do Conselho de Turma...

Investigadora - Hum...

Professora - ... ver as disciplinas que iriam participar e etc.

Investigadora - Como é que foi feita essa selecção das disciplinas que iriam participar?

Professora - Abertamente falamos, quais eram as... matérias que se proporcionavam a isso, depois, claro que, a professora de Ciências... naturalmente, até pela matéria que iria leccionar... comprometeu-se... logo... a professora de Formação Cívica e Área de Projecto também, e a professora de Moral... de MRCI porque já no âmbito da sua disciplina abordava isto e portanto foram estes professores, que se disponibilizaram para

tratar o assunto, e eu... no âmbito de História... porque... como sabia que tinha uma matéria que era o movimento feminista... e emancipação da mulher... foi nessa altura que eu abordei o... tema.

Investigadora - No seu caso, História foi ao nível desse assunto que abordou o tema, só unicamente esse assunto?

Professora - Exacto, sim, sim, sim... claro que depois como Directora de Turma e... o meu papel, digamos assim de educadora... quando havia, porque para mim Educação Sexual, isto nunca me assustou... ao fim ao cabo é tudo... não é? Enquanto muitas pessoas creio que ficaram um bocado ... assustadas, direccionando isto essencialmente para a parte fisiológica, ou digamos assim, sexo... e foi isso que eu sempre tentei ... transmitir-lhes, mesmo no relacionamento... entre colegas, entre sexos, etc. ... o tentar, inclusive desmistificar certas coisas, mas isso... numa abordagem ... digamos que...natural, até no âmbito da Direcção de Turma e na gestão de eventuais conflitos... quer ... também para... combater um bocado o... o preconceito, porque vejo... e já o fazia antes, que... são miúdos, são jovens... mas ainda muito preconceituosos, muito machistas... porque ... eles reproduzem muito... aquilo ou que vêem em casa... ou que lhes é transmitido. E focou-se muitas das vezes, eu por acaso não quis intervir nisso quando houve aí... uma sessão de esclarecimento para pais, que eu por acaso estava lá, mas pronto não quis dar assim uma espécie de chá, porque as pessoas estavam muito focadas no... no gabinete de atendimento, quando nós já tínhamos aqui, há muitos anos, tivemos o gabinete e eu apeteceu-me dizer que não é isso que vai resolver o problema da Educação Sexual...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... é eles chegarem a casa e verem... aqui para nós, normalmente é o pai... que não colabora nas tarefas, que ... e que a mãe é sobrecarregada, porque foi isso... porque... miúdos do nono ano que supostamente... já deveriam ter uma mente mais aberta, que eu já lhes disse: “ser moderno não é... andar com determinado tipo de penteados ou roupa” e depois a mentalidade ser extremamente retrógrada... e... que eu disse: “isso é Educação Sexual ... a partilha, os afectos” e eu creio que... mas claro que é tudo uma aprendizagem... e, e creio que na minha turma isso foi abordado com sucesso ao nível da Formação Cívica e Área de Projecto, porque felizmente que a

professora era a mesma... e que juntou as duas áreas... porque quarenta e cinco minutos, quarenta e cinco minutos, mais quarenta e cinco minutos, se fossem professores diferentes... não, não dava para nada, e por acaso elas até estavam juntas, as duas áreas e portanto deu para trabalhar... porque foquei-me muito mais nesse aspecto da... dos valores, da partilha... porque eles vieram logo com o sexo forte, então vão para a 'massa'... e... pronto... e eu tive que tentar desmistificar isso, nomeadamente fiz-lhes uma abordagem para eles levarem para casa, para os pais, etc. ... que foi o facto... estávamos por altura do dia da comemoração do Dia Internacional da Mulher e eu disse: “se as vossas mães, irmãs, amigas, etc. forem comemorar... tudo bem, mas que não seja... no sentido que é a libertação do homem ou o que é a afirmação da superioridade do homem... isso foi muito mais, custou a vida a muitas mulheres, terem o direito a gerir a sua própria vida, a tomarem conta dos filhos, a terem direito ao ensino, a terem direito ao voto, portanto não é”... tentar desmistificar também aquela parte, de que o movimento de emancipação da mulher foi para elas mandarem nos homens... não é nada disso, portanto eu acho que as coisas modificaram-se e depois... provoquei, digamos assim, um debate... entre eles... que houve algumas que foram identificar nomeadamente... as diferenças fisiológicas, por causa da inteligência... mas depois eles sentiam-se um pouco... digamos assim, às vezes em desvantagem por causa de eu estar do lado delas, e eu assim: “eu não estou do lado delas... vocês agora tentem é racionalizar isso... e ver que efectivamente aquilo que existe, e as coisas funcionam quando há companheirismo, as pessoas se completam quando”... eu até dei o exemplo... “quando vocês têm um amigo ou uma amiga o que é que fazem? Partilham as coisas, não é? Dividem, não sobrecarregam”... ora é isso que se entende propriamente por uma ligação... amorosa... é um companheirismo, é uma cumplicidade... e acho que para alguns pelo menos, funcionou.

Investigadora - Hum, hum. Quando falou há pouco da distribuição pelos professores, sabe por acaso, os temas que foram escolhidos entre os vários professores, como é que foi distribuído?

(Pausa - A docente atendeu o telemóvel que entretanto começou a tocar)

Professora - Relativamente aos temas, agora não tenho presente, mas depois posso dizer pela... pelas actas... quais foram.

Investigadora – Hum... tem uma ideia de como essa selecção foi feita?

Professora - Ah, sei que... houve alguns que foram escolhidos pelos miúdos... outros também foi um complemento de... dos assuntos tratados na... nas aulas de Ciências...

Investigadora - Hum...

Professora - ... houve assim uma certa coordenação entre ... entre Ciências, Área de Projecto e Formação Cívica, mas os temas especificamente eu tenho isso, depois eu posso enviar ou deixar aqui.

Investigadora - Mas quando vocês fizeram reunião no início do ano, em que... vocês... vocês distribuíram pelas disciplinas, foi por iniciativa própria, Foi... (interrupção pela parte da professora)

Professora - Sim, sim, deixei abertamente... quais eram as disciplinas, as disciplinas que neste caso basicamente, foi História neste âmbito e a... e as Ciências, depois as outras são as áreas curriculares não disciplinares, não é? Formação Cívica e Área de Projecto.

Investigadora - Hum...

Professora - Eu também tentei no âmbito de... ainda na minha disciplina, porque tinha assistido a uma palestra o ano passado... pela igualdade de género... que achei... extremamente interessante... trazê-los cá à escola, mas o preço... que pediram... era incomportável. O ano passado quando o estavam a dinamizar... foi gratuito, e eu pensava que também este ano haveria esta possibilidade e não era mesmo... uma espécie de acção... e que efectivamente se pagava e portanto a escola não podia comportar.

Investigadora - Mas era essa uma das questões que eu queria fazer, por exemplo, nessa reunião em que vocês se voluntariaram, das várias disciplinas para leccionar a Educação Sexual... nesse momento já escolheram os temas que iam dar... (interrupção pela parte da professora)

Professora - De início não ...

Investigadora - Hum...

Professora – ... de início não, isto veio posteriormente, até porque... inicialmente eles tinham outro professor...

Investigadora - Hum...

Professora – ... depois é que, por uma questão de horário passaram para esta... professora e, portanto, elas coordenaram entre si... e depois veio, ao fim ao cabo... a Conselho de Turma para ser aprovado...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... e creio que uns temas foram aprovados logo no ... no, no primeiro... na reunião de primeiro período para serem tratados no... no segundo, porque também de acordo com as matérias das Ciências.

Investigadora - Hum. Era isso que eu queria perguntar. Então não foi escolhido... tendo em conta os conteúdos que cada disciplina abordava? Foi simplesmente por uma questão voluntária de cada professor que achava que se adaptava?

Professora - ... Não... quer dizer, no fundo foi, no fundo foi... por exemplo, quando foram tratados determinados assuntos, que eu creio que é mesmo... mas a parte, digamos assim, creio que fisiológica...

Investigadora - Hum...

Professora - ... que deram na... nas Ciências ... e então... foi...abordado mais o...desenvolvido... o assunto. Mesmo em termos de outras temáticas, tal como eu quando dei essa matéria, é que abordei assim... mais, digamos assim, especificamente... hoje estamos a tratar deste assunto, não lhes disse claramente, “hoje estamos a tratar da Educação Sexual”.

Investigadora - Sim.

Professora – Não... fiz a abordagem do tema, digamos assim, naturalmente... mas foi integrado especificamente na matéria... todas as outras vezes... como faço, sei que há às vezes, no décimo... como fiz no décimo primeiro ano e falo mesmo... quando não há

propriamente... quando não havia especificamente Educação Sexual, e nesse aspecto... não deixei em acta, que abordei esses assuntos... são às vezes quando... conversam-se... proporcionam conversas, não é? Então naquela faixa etária de alguns conflitos... a nível do décimo primeiro ano... que... digamos assim... poder-se-á falar de apontamentos...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... porque no fundo... é tudo, não é? Duplo relacionamento, aliás nós somos energia sexual, propriamente, não é?... Só que... e há que desmistificar isso de que as pessoas... o facto de terem a palavra sexual, canalizam-na... especificamente... num único sentido e... e portanto, dentro das temáticas das disciplinas, mais em termos de calendarização, *timing*... foi mais ou menos naquelas... naquelas alturas, que eu creio que as matérias, nomeadamente, neste caso Ciências... não é? Quando fizeram a abordagem... desses assuntos... e que... eu não tenho a certeza... mas isso é melhor eu depois dizer... porque eu creio que ... que, sei que abordaram a parte dos afectos.

Investigadora - Hum, hum...

Professora - A nível da Formação Cívica e Área de Projecto ... mas... também, salvo erro... por exemplo doenças sexualmente transmitidas... etc.

Investigadora - Hum, hum...

Professora - Portanto...

Investigadora – E em relação ao seu caso, História, escolheu abordar o tema por livre e espontânea vontade... (interrupção pela parte da professora)

Professora - Sim, sim.

Investigadora - O que é que a levou a se voluntariar... para leccionar?

Professora – Porque... como tinha essa temática específica na...na História, digamos assim... achei que era oportuno... e como este ano não tinha oportunidade de também, de directamente abordar o assunto, porque apesar de ser Directora de Turma, não tinha outro tempo com eles... na medida em... por questões de horário, a Formação Cívica

foi... para outra... para outra colega e não dava assim... muito jeito... e também acho que, que não era, digamos assim, tão espontâneo e natural, dizer assim... “tal dia Educação Sexual”, não... achei que as coisas a propósito... saíam muito mais espontaneamente... e, e com efeitos... melhores, digamos assim, mais válidos, do que propriamente... se fosse assim... “ai agora vamos tratar de Educação Sexual”.

Investigadora - Sim, mas História... porque em História... associou a História... (interrupção pela parte da professora)

Professora - Precisamente isso... o facto de haver esse movimento da emancipação da, da mulher e que ia muito ao encontro... de... daquilo que eu penso relativamente à Educação Sexual, de... do tal companheirismo, dos valores, de... da partilha...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... e portanto fazer em ver... claro que eles a princípio, eu li-lhes alguns documentos, que a mulher não podia sair, não podia ir ao cinema... e até era considerada, praticamente incapaz de se deslocar até de comboio... sem autorização do marido, se ficava viúva... quem ficava com a gestão, digamos assim, dos filhos... era o pai se ainda era vivo, era um irmão mais velho, etc. portanto... é nesse sentido também que o... e esclarecê-los que o movimento de emancipação da mulher não foi para queimar soutiens, como às vezes os homens... naturalmente fazem correr, não é? Os jornalistas da época... ou que fosse para a mulher... se superiorizar ao homem...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... e eu acho que nesse aspecto a História é muito importante... o facto das mulheres não terem acesso ao voto, direito ao voto, não terem acesso ao ensino... depois mostrar-lhes precisamente que, uma convivência saudável... é muito mais agradável para os dois... e que não é o superiorizar... depois achei piada porque alguns começaram logo pelo livro de História, por acaso não tenho agora aqui nenhum, que na capa...tinha uma...“oh professora começamos logo a ver aqui, veja quantas mulheres...” porque são figuras notáveis da História... “quantas mulheres se encontram aqui com os homens” porque realmente a esmagadora, depois partimos para a parte... do trabalho... do papel... realmente da mulher e que agora já era diferente, que há

homens que podem tirar licença de paternidade para acompanhar... e que felizmente isso acontece, que as mulheres não podem... não, não tinham disponibilidade, daí que algumas que optam pela sua carreira... não constituem família... porque perguntei-lhes mesmo: “quais são os homens que admitem inclusive ficar em casa para que a mulher tenha a sua carreira” ...não é? Portanto, foi todo este... até... eu nem pus isto propriamente, digamos assim, no papel, eu tracei alguns objectivos, porque na verdade... os assuntos foram... a propósito precisamente de... de tudo isso, foram surgindo e debatendo-se espontaneamente... e acho que deu os seus frutos, quer dizer, não quer dizer, que eles depois, não é? Inclusive... que os vão aplicar... ou um miúdo que é muito bom, e eu disse-lhes: “onde é que está escrito... que... um homem não pode chorar?” ... e diz-me o miúdo... “o meu pai está-me sempre a dizer isso”. Portanto para ver a importância, não é aqui da escola, não é dessas teorias, não é... se eles não tiverem força, não interiorizarem eles vão reproduzir o quê? O que vêem em casa... e portanto isso a mim preocupa-me mais, do que a fisiologia do acto sexual, as posições, as doenças transmissíveis, porque... eles isso até têm...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... acesso, se bem que é assim, as experiências que eu tenho tido com... com jovens, com adolescentes, que tinha já antes do GIC aqui há anos, tinha um grupinho restrito que debatíamos assuntos e tinha uma mãe solteira... e uma das questões... que eu lhes coloquei... se eles conversavam... isso com as namoradas, não conversam.

Investigadora - Pois.

Professora - Quer o que gostam, quer o que não gostam, o proteger, portanto... depois as coisas acontecem... não é?... Mas esses assuntos, eles não falam... quando supostamente, não é? Nós pensamos que têm tanta informação, tanta... mas eles... e, e eu acho que a Educação Sexual é muito por aí... e não propriamente pela outra parte, que é importante, e tanto é que eles continuam a achar... que as coisas só acontecem aos outros.

Investigadora - Hum, hum. Então depreendo que essa adequabilidade à disciplina, teve a ver com a pertinência dos temas e a necessidade que reconheceu que os alunos teriam? Posso entender assim?

Professora – Exacto, sim, sim... sim... até pela mentalidade que eles transmitem, que apesar de serem jovens... as mentalidades, aliás nós na História, eu estou-lhes sempre a chamar a atenção para isso... as mentalidades nas estruturas que custam mais a mudar...

Investigadora - Hum, hum...

Professora – ... e... e então... isso é outra das coisas que eu vejo, portanto estes jovens... quinze, dezasseis anos e depois começam logo com aquelas... bocas, não é? É a turma do (nome de um aluno) ... mas por acaso o (nome do mesmo aluno) não teve esse tipo de intervenções, era um amigo dele... é que... tinha mais, o (nome de outro aluno)... que eu... aí eu dava-lhe para trás... que era uma coisa louca... se são... “quem ganhou as guerras”, depois, “se querem ser tão boas como os homens” e não sei quê, “vão para a ‘massa’ ” e eu a dada altura disse-lhes assim... “repara no que estás a dizer, quais são os teus tipos de argumentos, só te estás a enterrar... aquele que tu estás a utilizar como argumento é precisamente só ‘massa bruta’ ” ... não é? Que efectivamente os homens poderão ter mais força, não é? Muscular... se... e portanto... tentar fazer-lhes ver que era nessa complementaridade, porque depois é uma turma... que tem muito rapaz...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... e menos meninas, claro que elas ficavam todas empolgadas, não é?... E numa fase em que... as idades... notam-se, porque elas acham-nos uns crianças que efectivamente são, não é? E elas já...

Investigadora – Pronto, em relação... já me falou um pouco da sua opinião em relação à Educação Sexual, como é que a vê. Eu gostava de saber mais profundamente, se assim pode-se dizer, qual a sua opinião relativa à Educação Sexual nas escolas? A inclusão da Educação Sexual nas escolas se é uma mais-valia, se é prejudicial? O valor que ela tem.

Professora - Eu acho que...tudo... acho que é importante. Não sei se haveria daí tantos anos até ela ser implementada, porque há realmente esta dificuldade de definir o que é Educação Sexual. Eu creio que mesmo os alunos... vêem-na muito que achavam que... que iam aprender o ‘Kamasutra’...

Investigadora - Sim?

Professora - ...e que provavelmente alguns aspectos que foram abordados... seriam diferentes... eu como... não me assustou absolutamente nada, enquanto vi outros colegas... e colegas que são também pais, completamente contra... e disserem... “se eu não lhes vou transmitir... imaginemos que eu sou um javardo” e não sei quê, “na minha vida íntima, o que é que eu posso”... e eu assim: “alto aí... não é nada disso, nem nestas coisas temos que emitir opiniões, é levá-los a reflectir... sobre as coisas”. Claro que nestes aspectos que não tem nada a ver, não é?... Eu... avançava... quer dizer eu própria não avançava, levava-os a reflectir ... ou pelo menos tentei levá-los a reflectir sobre os assuntos serem... eles chegarem a uma conclusão, e houve um que disse: “professora... acho que estou a mudar de ideias”... para não dar assim o braço a torcer... “acho que vou... estou a mudar de ideias”. E eu acho que é essa dificuldade de... porque mesmo assim a grande preocupação, não há dúvida nenhuma que, que continua a haver imensos casos ... e essa parte de, digamos assim, a fisiológica e não sei quê importante, porque continua a haver muita gravidez jovem, muitos problemas de, de contágios... agora eu acho que o papel... seria mais e... da Educação Sexual... daquilo que eu considero a Educação Sexual que é muito mais abrangente, que é a parte dos afectos, dos valores. Claro que essa outra parte também é isso, mas... essa é a parte com que eles vão com mais... com mais facilidade ... e onde têm mais espírito de curiosidade.

Investigadora - Hum, hum...

Professora – Se... eu acho que para todos os efeitos, as experiências têm o valor que, que têm... aquilo que eu acho é pura e simplesmente a minha opinião, que não sei se é partilhada por outros... outros colegas que se acham... incapazes... não é? Acham que não devem dar opiniões quando eu disse, eu inclusive, aquilo que eu acho, nomeadamente a nível dos mais velhos, não, não só esta partilha... e a nossa experiência, mas darmos meios... e eu acho que é esse o papel da escola neste sentido...

Investigadora - Hum, hum...

Professora – ... pô-los a eles a debaterem envolver eventualmente os pais... e dar-lhes meios, como efectivamente houve várias acções, os teatros, pelo menos um que eu vi, achei extremamente interessante... esse que foi para os nonos anos... e dar-lhes estes meios para eles reflectirem... sobre as coisas que eles muitas das vezes o que é que têm? Eu falo por mim, que mesmo assim tive acesso a alguns livros, etc. ... é aquela... porque é com eles que eles falam, são, serão poucos aqueles que têm coragem de falar com os pais... que é as trocas de impressões com os colegas...

Investigadora - Hum, hum...

Professora – ... não é? Que sabem tanto ou menos do que eles... e portanto nesse aspecto eu acho que a escola... tem um papel muito importante... em fornecer-lhes meios que permitam reflectir com pessoas realmente entendidas....

Investigadora - Hum, hum...

Professora –... sobre o assunto.

Investigadora - Quando fala em meios, refere-se mais especificamente a que tipo de meios? O que é que.... (interrupção por parte da professora)

Professora - O apoio, não há dúvida nenhuma e talvez eles quando tiverem maior confiança isso aconteça, o gabinete, pronto tudo bem isso lá... o facto de... como foi proporcionado nomeadamente aos miúdos... esses teatros, eu falo particularmente num que, que assisti...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... em que eles interagiram também com os actores e que puseram várias situações de jovens que poderia... poderiam vir a acontecer e eles tomarem posição e depois irem eles para o palco tomarem a posição daquele personagem que efectivamente eles defendiam e... e eles gostaram imenso e... e foi giro... e entretanto, lá está... por acaso nós íamos com o sentido de controlar as turmas, os Directores de Turmas e os professores que iam, e eles mandaram-nos para trás... mas mesmo assim alguns ainda deitavam o olho para trás... só pelo facto de estarmos nós ali.

Investigadora - Pois. Hum, hum...

Professora - Agora imagine em relação aos pais, a mãe do (nome de um aluno), nós chegamos a debater... cheguei a falar nisso relativamente... quando foi nessa Acção de Formação dos pais porque particularmente a Escola Secundária era a única que ainda não tinha gabinete, e porque é que não tinha gabinete, e eu cheguei-lhes a dizer... apeteceu-me lhes dizer mas não era eu, achei que era a coordenadora que devia dizer... que ora... uma das primeiras experiências, foram dois médicos que vinham aí (escola) ao gabinete lá baixo, portanto estava... perfeitamente escondido, que eles não, não tinham problemas, não é? E eles deixaram de vir cá (escola), vinham salvo erro duas vezes por semana, porque eles não iam lá e disse-me a mãe do (nome do mesmo aluno acima referido) “eles têm um gabinete de atendimento no centro de saúde... também não vão”... porque têm medo de alguém que os veja, depois os pais querem é saber o que é que eles foram lá fazer, porque é que foram lá, etc. e portanto aqui provavelmente eles até terão... maior à vontade.

Investigadora - Hum, hum...

Professora – Sei que ao nível do secundário houve aí (escola) uma actividade que também correu muito bem, pelo menos isto foi o que me constou... isso até foi um colega o (nome do professor) que falou, portanto são isso... meios de, de... que lhes proporcionem eles investigarem, trazerem pessoas que efectivamente os esclareçam, mas... que eles tenham vontade efectivamente de ser esclarecidos, pelo menos a escola dá-lhes essa possibilidade. Depois eles interiorizarem ou não, isso já não é da responsabilidade da escola, mas eu vejo acima de tudo isso... a imposição aos professores... eu não senti que me foi imposto... mas houve muita gente que reagiu muito mal...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... porque é um assunto que ainda é tabu, quer queiramos ou não.

Investigadora - Para os próprios professores?

Professora - Acho que sim, as reacções que eu vi... porque lá está não... mas isto também é a minha opinião, porque encaro a Educação Sexual de uma outra forma... não é?...

Investigadora - Exacto.

Professora - ...e... mas vi muita gente contrariada e mesmo... a reagir muito mal contra o projecto, depois aquela história de, de “ah pelo menos cada turma ... tratar não sei quantas horas” isso sinceramente que não concordo...

Investigadora - Hum...

Professora - ... porque vi a reacção, nomeadamente de colegas do profissional, que têm aqueles tempos para cumprir, aqueles *timings*, têm aquelas... as matérias... não estão nada adequadas, portanto teriam de parar para tratar desse assunto e acho que, por exemplo, para esses alunos é proporcionar essas... essas situações de debate, acho que nestas coisas o ser forçado, dizer: “pronto agora vamos lá, amanhã ou hoje... hoje não dou aula”, mas ainda lá em baixo, estou-me a lembrar das mecânicas, das oficinas, da electricidade, “hoje não dou electricidade porque”... acho que isso... não é natural, eu isso sinceramente que não... concordo... mas agora dizer assim “ah esses alunos... não têm acesso a isso”, também não... vamos encontrar outro tipo de estratégias, deles poderem debater ou conversar, e então aí o professor disponibilizar uma aula sua, que não tem que necessariamente ser ele ... ou até juntar várias turmas que eles preparem um debate, um... um trabalho, mas assim... isso eu não concordei sinceramente e vi colegas aflitos... estou-me a lembrar agora dessas áreas, não é? Electricidade, os profissionais, etc. até... bem internet também, acho que eles também... acho que eles também foi um assunto que focaram... os perigos da internet e mais não sei quê... a pessoa... o forçar... assim muito...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... foi por isso que eu não impus aos meus outros colegas, aqueles que entraram, porque se sentiram à vontade, porque as próprias matérias possibilitavam... isso... tudo bem, outros que eu vi realmente preocupados, “como é que eu vou abordar, como é que eu faço?”... é um bocado anti-natural, que é isso que não se pretende.

Investigadora – Claro. Falou-me já em alguns conteúdos que achava que eram importantes, mas esses que me falou, os afectos e por aí adiante, são os únicos que acha que devem ser dados ou ainda abrangia mais alguns temas? Que acha que poderiam ser...

Professora – É assim, agora é assim, é quer dizer, o que eu vejo que é o... o problema maior, porque é que... eu digo, a parte, digamos assim, fisiológica... se bem que também seja importante, não é? Mas lá está, eu acho que com o afecto, com diálogo...

Investigadora - Hum...

Professora - ... que as coisas... até depois a outra parte, que há muitos traumas a nível de jovens, as experiências, as frustrações que poderão vir a ter as suas consequências futuras na vida, digamos assim, no desempenho, até sexual... mas acho que é essa parte que, que... que falta muito.

Investigadora - Fisiologia?

Professora - Não, não, estou a dizer, para além da fisiologia...

Investigadora - Ah sim.

Professora - ... que apesar de ser importante, e que eles têm o acesso...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... porque é assim uma coisa, digamos assim, mais objectiva... não é?...

Investigadora - Sim...

Professora - ...ou mesmo... o protegerem-se, lá está, mesmo o facto de... e aquela experiência que eu tive com alunos aqui... há anos, mesmo o facto de eles poderem ter muitos conhecimentos... não é? Dos perigos, das coisas, as coisas continuam a acontecer, não é por acaso...

Investigadora - Claro.

Professora - ... e, no entanto, eles têm imensa informação... mas, eu acho que se houvesse, lá está... diálogo, respeito... o tal afecto e depois o sexo, agora falo mesmo em sexo, vir como complemento de... na sequência natural de... muitos problemas seriam... seriam evitados e, e essa parte, que eu acho, a nível fisiológico, etc. eles vêm facilmente nos livros... não é?...

Investigadora - Então... (interrupção por parte da professora)

Professora – ... também é importante para não terem... ser, digamos, algo lhes transmitir com uma base científica, como eu disse a nível das Ciências, das Biologias, que é um campo naturalmente importante... nomeadamente até evitar eventuais... gravidezes não desejadas, etc. ... agora aquilo que eu acho, e talvez a minha formação de História, não é? Que é as mentalidades, o mudar as mentalidades, o desenvolver os afectos... acho que é por aí, e que... e eu acho que isso, lá está, é quase como: ‘somos todos professores de Português’, como se diz, não é?... ‘Somos todos professores de Educação Sexual’, não é? Mas lá está continua a ser um assunto extremamente... delicado porque as pessoas acham que lhes têm que transmitir a sua posição sexual, que eu acho que não é isso, mas também não posso... este é o meu conceito, nos Conselhos de Turma em que tive, passei isso, disse-lhes claramente que não estava assustada... com isso, que não tinha que lhes transmitir qual eram as minhas opções sexuais... mas, aí também fiz uma certa intervenção, lá está no sentido de, não... digamos assim, dizer assim: “eu sou a favor”, agora levei nomeadamente ... lá pela igualdade de géneros, a pensar... alguns, eu assim: “para já vocês estão numa idade que não sabem o que é que vos pode vir a acontecer”...

Investigadora - Hum, hum...

Professora -... em relação à homossexualidade, etc. que eu disse: “o que é que importa... são as pessoas ou as opções sexuais?... Não há boas e más pessoas nos heterossexuais?”, pô-los a pensar, “será que aquilo é pura e simplesmente uma opção?... Quem é que teria uma opção que lhes traz uma série de problemas?”, não é?... Pronto, isso sim... se isto é dar... tentei nunca dar especificamente... mas, lá está aquilo que eu sempre tentei passar foi a tolerância, a aceitação do outro, a aceitação de ideias diferentes...

Investigadora - E temas, por exemplo, como o abuso sexual, também foi um tema que... (interrupção por parte da professora)

Professora - Eu creio que sim, mas eu não quero estar... eu tenho isso nas actas por acaso não tenho aqui a *pen*...

Investigadora - Pois, mas esses temas mais... que precisam mais cuidado, também foram temas que foram abordados ao longo das aulas? ou... (interrupção por parte da professora)

Professora - Eu tenho a impressão, não comigo, mas que foram... abordados no... creio que foram...no, mas não tenho...

Investigadora - No seu caso não aconteceu porque não se proporcionou, não é?

Professora - Sim, sim, não se proporcionou e... lá está, esses temas mais específicos que eu sei que eles fizeram trabalhos, e depois apresentaram.

Investigadora - Hum...

Professora - E sei, por exemplo, que alguns miúdos tiveram suficientemente à vontade para manifestarem... até também muito... a falta de afectividade e compreensão... dos pais, particularmente homens – rapazes, pais, homens... rapazes... alguns miúdos que havia lá mais sensíveis... por exemplo um que tinha, não quer dizer que... que isso tenha alguma coisa a ver com isso, mas que... que dança...

Investigadora - Hum...

Professora - ... que tem assim um ar mais mimoso... e que... não quer dizer que o miúdo venha a ter, mas lamentavelmente... eu sei que para alguns, tal como também havia noutra turma...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... um miúdo, porque é sensível, porque é, pronto e nós sabemos, e eu até lhes contei um caso... tenho me esquecido de procurar isso para ver se apanho no segundo na... no *youtube*...

Investigadora - Hum...

Professora - ... que eu fiquei... maravilhada, ainda no outro dia falava isso com uma amiga minha. Nos Açores, nos Açores! Eu não sei se se chama café...artesão ou café... já, já não me lembro, e então imagine... em (cidade onde se localiza a escola onde o docente lecciona) ou no Porto não é? Que você é do Porto.

Investigadora - Sou da Madeira.

Professora - É da Madeira?

Investigadora - Sou.

Professora - Ah, mas olhe... tá a ver os Açores, a Madeira, talvez a Madeira ainda mais virada para o turismo... poderia supostamente ter uma abertura maior...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... não sei, já não me lembro qual era a localidade e eu gosto muito de ver um programa ao Domingo, assim ao fim da manhã que é (nome do programa) ...

Investigadora - Hum...

Professora -... e ...que me alegra, portanto quando as notícias só deitam Portugal abaixo e todos... gente... as coisas boas que se fazem neste país, nomeadamente por parte de jovens... uns que, pra já fiquei a saber que nós somos um dos maiores portadores... olha um acho que era professora de plantas aromáticas, que eu não fazia a mínima ideia... empresas que se estavam a ir abaixo reverteram, deram um salto, estão bem de saúde... e... e então qual é o meu espanto... indivíduos, imagine num cafezito da aldeia, não é?... A ver televisão e não sei quê... e a fazer tricot. Mostravam as mãos, percebe, porque um deles inclusive fazia trabalho também de pedreiro... e então o que é que aquele café tem... uma sala com teares, onde eles, eles dizem ...que adoram, um deles trabalhava numa... numa empresa de lacticínios...

Investigadora - Hum...

Professora - ... depois ainda fazia umas horas como pedreiro, ensaiava o grupo folclórico e, à noite, nos tempos livres, que estava ali, iam. Agora imagine... era assim

uma fila para aí de três... e eles a darem... um diz que ainda tinha tentado, que ainda aprendeu renda, mas que não lhe dava tanto gozo. Ele diz: “isto para mim é um anti-stress... gosto imenso e estou a fazer alguma coisa útil”...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... já não me lembro, um estava a fazer um cachecol outro outras coisas... e as mulheres ao lado a beberem um copo na mesa e disse a mulher de um deles: “ se ele gosta, ele tem umas mãos extraordinárias ... e eu não, porque é que não há-de ser ele e eu não faço outras coisas?”.

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... Ela diz: “ ele tem um jeito muito maior que o meu” e eu fiquei... aliás eu falei-lhes nisso e depois andei à procura... porque como tenho (nome de um dispositivo televisivo) gravo mas depois não dá para reproduzir, mas eles às vezes ainda têm esses programas no (website de visualização de vídeos) que eu quero ver, porque eu fiquei encantada e acho aquilo, um exemplo e como é que é possível, devido à insularidade, não é? Que supostamente as coisas seriam mais fechadas, numa localidade que ainda não era central e aquilo era impensável...

Investigadora - Pois.

Professora - ... e eu agora quando entro às vezes e estão a ver futebol e não sei quê, no café, ponho-me a imaginar aqueles homens que estão ali desocupados sem fazerem nada... as mulheres é que estão a tomar conta das crianças e não sei quê, se eles berram, se eles fazem asneiras e eles impávidos e serenos a ver televisão e eu imagino-os logo a fazer malha... a fazer malha e a seguir eu falei-lhes... porque achei aquilo um espanto... mesmo... e eu acho que é muito por aí...

Investigadora – Hum, hum... Mas, mesmo assim, esses conteúdos não foram tema pré-definido nas suas aulas?

Professora - Não.

Investigadora - Mas por alguma razão, em especial?

Professora - Surgiram...

Investigadora - Mas porque é que não escolheu esses e escolheu, por exemplo, outros? A emancipação já me falou que foi um dos temas escolhidos... (interrupção por parte da professora)

Professora - Foi, foi um dos temas, depois a partir daí foram todos, não é? Porque depois é assim, vão se suscitando, eles vão... vão levantando questões, vão fazendo afirmações...

Investigadora – Hum, hum...

Professora - ... e fui tentando desmontar... aquilo tudo, mas lá está, a minha disciplina...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... proporciona-se também a isso... a questão das mentalidades... que estou sempre a abordar, a presença, o peso nessas mentalidades na actualidade...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... e sente-se quer a nível económico, quer a nível social, etc., porque podemos mudar as estruturas políticas, económicas, mas se as mentalidades não mudarem... as coisas não funcionam. Nós estamos a ver que Portugal está a requerer claramente uma mudança de mentalidades...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... são assim, aqueles que mudam, e aqueles que... se actualizam, etc... porque depois os temas, lá está, aquilo que eu escolhi foi de acordo com a minha disciplina...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... e aquilo que eu considero, lá está... a Educação Sexual, ao fim ao cabo, eu faço-o constantemente, quer na gestão de eventuais conflitos ... quer na tentativa de

contribuir para a mudança de mentalidades, serem pessoas arejadas, pessoas que não sejam preconceituosas... não é?...

Investigadora - Sim.

Professora - ... que vai também... mas isto lá está, é aquilo que eu acho que são os valores em gerais...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... que a sexualidade não vem propriamente à parte. Tem aquela sua parte específica, não é? ...

Investigadora - Sim, claro.

Professora - ... mas, no fundo, no fundo... é a questão de... dos valores, da aceitação, do respeito pelo outro, da amizade... etc. que depois poderá culminar ou não com... com essa situação. O facto de se dizer se tem um amigo... uma pessoa pode ter um amigo, já tem que ter ... houve uma vez, eu dou-me muito bem com o meu colega, com o (nome do colega docente) ...

Investigadora – Hum, hum...

Professora - ...trabalhamos muito em conjunto e não sei quê, e ele era assessor, e às vezes, por qualquer motivo, viram-me lá e tal, e viam-me muitas, muitas das vezes com ele... uma aluna minha disse assim: “ Oh professora, é seu marido ou namorado? ” eu assim: “Não, até porque ele é casado com outra senhora”. “Ah professora...”. São estas coisitas... porque ao fim ao cabo eles fazem o quê? São o espelho e isso entende-se, assim nomeadamente em meios pequenos, que eles vivem...é basicamente isso que, que... que eu tentei... fazer, que já o fazia antes.

Investigadora - Hum, hum... Pronto, então foram basicamente esse temas que me falou agora, que se centrou... na da sua intervenção?

Professora – Isso a nível, isso a nível de mim própria...

Investigadora - Sim.

Professora - ...da disciplina.

Investigadora – Hum, hum.

Professora - Os outros específicos, é como digo, foram tratados a nível da Formação Cívica e da Área de Projecto e das Ciências.

Investigadora - Hum, hum. E as razões da escolha destes temas, em detrimento de outros foi, foi os alunos? ...

Professora – O... o especificamente... a nível da aula de História...

Investigadora - Hum...

Professora - ... o ponto de partida foi esse, todos os outros assuntos que foram abordados, a nível lá está, das mentalidades, surgiram espontaneamente.

Investigadora - Ok. E de que modo essas características, isto é, neste caso falou-me dos alunos em si, influenciaram a escolha, as escolhas que foram ocorrendo no que respeita à intervenção? ...

Professora – Foram precisamente dependente das intervenções deles e das questões levantadas...

Investigadora – Hum, hum. E uma pergunta mais específica... sente-se confortável na generalidade do tema? Já falou que em geral não há qualquer... (interrupção por parte da professora)

Professora - Sinto, sinto porque... sinto porque não vou entrar propriamente e acho que não é por aí...

Investigadora - Hum...

Professora - ... na parte íntima...

Investigadora - Hum....

Professora - ... porque acho que a parte íntima... se houver toda outra parte por trás, as coisas resolvem-se...

Investigadora – Mas essa parte íntima seriam pontos menos favoráveis em si dos temas que... (interrupção por parte da professora)

Professora - ...que poderão ... porque eu acho que a Educação Sexual não... não, não é não deve abordar, quer dizer, aquilo que eu acho é tudo o que está por trás...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... aquilo que está... adjuvante, que deverá culminar depois... com aquilo que será um acto sexual...

Investigadora - Hum...

Professora - ... que eu chamo à atenção também... alguns que já começam aí com namoricos, que há determinadas coisas, se são íntimas, não são para ser expostas em público... não são para exhibir... que eu chamo-os à atenção para isso que, muitas das vezes é um exibicionismo... e se efectivamente as coisas tão lá, não, não há necessidade. Uma coisa é uma manifestação de afecto, não é? Que... que é espontânea, mas que, que não é como eles às vezes... então que é claramente... às vezes é exhibir... pronto... ali o macho que domina... a fêmea, “que ela é minha” (risos)... não é? E que pronto e... verem, porque os outros também gostam... de ver... “e eu até tenho uma namorada e até ando aí aos beijos com ela e faço e aconteço”, que lamentavelmente depois crescem naquilo e mais tarde fazem o mesmo, não é? Já com responsabilidades de homem... mas também fazer-lhes... sentir isso... mas depois em relação ao, ao outro aspecto, e é esta a minha opinião, acho que aí não se deve entrar...

Investigadora - Hum...

Professora - ... e tudo aquilo que está por detrás... porque se não lá caímos no mesmo, nos tais mecanismos...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... sexuais, eles têm acesso.

Investigadora - Mas não se deve entrar especificamente, por alguma razão ou...

Professora – Aí é que eu acho que é entrar na intimidade dele, na intimidade quer dizer, em aspectos que poderemos entrar em choque, por exemplo com os pais.

Investigadora - Hum...

Professora - Bem eu também se lhes disser que... o pai, naturalmente também estou a entrar na intimidade, não é? Em vez de chegar a casa e ir para o café beber uma cervejola ou sentar-se a ver televisão, enquanto a mãe tá a tratar dos filhos, lavar a roupa ... fazer o jantar e etc., naturalmente também tou a entrar na intimidade. Agora... eu digo é, é esse... é um bocado... eu não consigo dissociar ...

Investigadora - Hum...

Professora - ... o acto sexual, dos afectos, dos valores, etc.

Investigadora – Hum, Hum...

Professora - ... E acho que com uma ou outra... numa outra situação, não é? Porque nós sabemos que isso... também estão... outros problemas implicados, às vezes até religiosos, etc. não é?...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... e... daí o facto que... mas que, acho que... se o que for primordial... que a nível da adolescência também é capaz de ser um bocado difícil, porque aquelas hormonas andam por ali todas a pular (risos) ... e ... e, e que se houver essa parte, os outros ... resolvem-se e... e vêm-se por acréscimo. E eu aqui falo particularmente porque lembro... da escola... e ainda hoje, que ele tem vinte e sete anos, falava disso com, com o meu filho, pela experiência que eu tinha, lá está com alunos, eu disse: “falem das coisas... que há coisas que não podem”... e eu assim: “que há determinadas situações que para vocês tem uma fase... que para as mulheres poderão não ser agradáveis ... e que se pode criar ali uma situação” ... lá está, a importância do diálogo, sobretudo... sobretudo.

Investigadora – Claro, a situação da família...isto com o seu filho até deve ter dado... deve ter tido um contributo, até na sua função, não é?

Professora – Exacto, exacto, quer dizer, foi... o que eu conhecia dos alunos, contribuiu para o chamar a ele à atenção...

Investigadora - Pois.

Professora - ... tal como as coisas que aconteciam com ele, acho que sempre tive o ... acho... sempre tive uma abertura a esse nível com ele e lá está, chega a dada altura... ele fala, não, não há dúvida nenhuma, agora até talvez mais, porque não há dúvida nenhuma que eles não é com os pais...

Investigadora - Pois.

Professora - ... que eles procurem informação fora. E portanto, se nós pelo menos, lhes der a informação, que não seja uma informação deturpada...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... que os façamos questionar, não é? Para eles tomarem eles, as suas... as suas posições... porque nestas fases às vezes é complicado e já passei por alunos com desgostos amorosos que... se foram muito abaixo, que ... puseram em causa, às vezes o próprio ano, saúde...

Investigadora - Pois... E a nível de motivação? Considera-se motivada, desde o início do ano, foi-se motivando, não está motivada? Como é que... (interrupção por parte da professora)

Professora – Não eu... porque é assim, eu considere isto natural...

Investigadora - Hum...

Professora - ... eu considere... isto... e eu agora estava-me a lembrar que aqui há anos, já quando se começava... a falar nisto, levei o meu filho e... e uns amigos, a um teatro... a (cidade onde decorria o espectáculo) ... que era daquele grupo de (região de onde era originário o grupo) e aquilo era tradução de uma peça Italiana... acho que era mais ou menos isto (nome da peça) ... nomeadamente das experiências que ela tinha... teve em pequena... de, de tal ordem que apanhou uma inflamação no umbigo porque como as crianças... saíam pelo cordão umbilical e não sei quê, tiveram quase uma

experiência sexual em público (risos)... o... depois de falarem muito no facto de, não é a quantidade, que os homens particularmente em Portugal acham quanto mais melhor, mas a qualidade... falaram das 'rapidinhas', etc. de todas aquelas... coisas, que lá está, o papel da mulher... para os adolescentes, que eles fartaram-se de rir, mas eu acho que aquilo é importante. Os primeiros beijos que aquilo lambiam-se, desculpe a expressão (risos), alguns a engolirem-se um ao outro... e...e acho que, que, foi precisamente... e eles chegaram a ir a escolas... agora não sei, isso já foi há uns anos, o meu filho tava precisamente na adolescência... é capaz de ter sido para aí há dez, onze anos, nem sei se eles agora eventualmente... e até saía relativamente em conta, porque eram duas... dois amigos, até que depois uma... engravidou e depois os problemas...aborta não aborta...

Investigadora - Pois.

Professora - ... o que os pais lhe diziam antes, portanto que não a esclareceram nada... e eu acho, eu achei aquilo giríssimo... felizmente... sempre encarei isso... naturalmente... porque é assim... não é uma questão de motivada, achei natural.

Investigadora - Hum. Hum...

Professora – Não, não me fez grandes... grandes problemas.

Investigadora – E estas questões do conforto e da motivação, como é que... como é que as ultrapassou, com vista a desenvolver o seu trabalho nesta temática?

Professora - ... Não, não fiz grandes preparações porque... lá está... nas outras áreas e... que, que eventualmente que eles fizessem trabalhos etc., aqui como foi uma coisa natural não...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ...não exigiu, digamos assim, muito de mim... aliás foram eles que eventualmente se prepararam, houve uma aula que eu destinei como debate... e... e, e relativamente a isso... não... a preparação foi feita por eles, particularmente elas, que foram, eu nem sabia... quantificaram ou... foram investigar a quantidade de neurónios, por causa dos homens se acharem mais inteligentes...eu nem isso sabia, portanto, e

deixei-os... e nesse aspecto é curioso, talvez pela necessidade, que elas estavam melhor preparadas que eles, porque eles não foram, eram aqueles... aquele senso comum...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... e não propriamente os... e elas não...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... foram pesquisar argumentos.

Investigadora - Então as suas aulas em si, já me falou que tinha assim uns objectivos definidos, mas em que consistiam as aulas? Como é que elas eram processadas? Imaginemos que alguém ia assistir a uma aula sua. O que é que essa pessoa encontraria? Entrava na sala... assistir a uma aula.

Professora - Normal independentemente da temática?

Investigadora - Sim, sim que dinâmica existia entre professor e alunos?

Professora – Eu, eu relativamente... aquilo que eu acredito em termos de ensino de... da História...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... é o facto de... pra já, são aulas dialogadas...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... há uma, sempre uma interacção. Depois eu vejo a História, não propriamente como... digamos assim uma História muito factologia, claro que tem, há factos que tem de se ver, mas tou sempre a tentar trazer... para a actualidade, para ver o reflexo, porque eu como lhes digo, como em tudo na vida, os princípios da História são os mesmos, para mim não existe o acaso. O acaso não é científico. Portanto, tudo tem uma causa, tudo tem um efeito... eles até já sabiam isso... ‘só colhemos o que semeamos’ e mais não sei quê, não sei que mais. E portanto... relativamente a... a tudo isto, eu tou sempre a questioná-los.

Investigadora - Hum...

Professora - Claro que tem uma parte, às vezes positiva, mas... tento que sejam eles, e nós aquilo que vemos é uma grande resistência dos alunos a... a pensarem.

Investigadora - Hum, hum...

Professora - E... aqui é serem eles a construir o próprio conhecimento... se disser que...e eu se utilizo *Power Points*, utilizo muito o quadro, muitas setinhas, porque eles vão, eles dizendo e eu vou escrevendo e colocando setinhas precisamente na sequência das coisas, da tal causa - efeito, isto produz...

Investigadora - Hum...

Professora - ... não sei quê... e... e por outro lado, mostrar-lhes, porque há sempre aquela coisa, particularmente quando eles não estudam ou têm negativa “ah para quê que eu quero saber o que os outros fizeram” ... e eu provo-lhes... que as coisas estão presentes e... e tal como um médico pergunta muita das vezes, tem que saber o passado para encontrar a resolução para o problema da actualidade... eu até lhes digo, relativamente, por exemplo a esta crise, analisámos à luz de outras crises, que ao longo da história eles estudaram, de tal ordem inclusive quando demos o Salazarismo eles chegaram à conclusão que as medidas foram precisamente as mesmas, só que ele impôs, ponto final, não havia... e acabou e eu assim: “Vejam os cortes onde é que foi? Educação, Saúde, funcionários públicos”, precisamente, para eles verem como as coisas se repetem.

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... a nível... portanto, é mesmo nesse sentido que eu acho importante a História.

Investigadora - Hum, hum...

Professora - Porque eu disse assim: “Eu não tenho a veleidade de pensar que vocês aqui amanhã se lembrem de toda esta factologia... agora, que vocês questionem as coisas, que não se deixem levar pelas coisas”, porque lamentavelmente nós não temos informação...

Investigadora - Pois.

Professora – ...ou a informação que temos é tendenciosa... tentar ver o lado de lá, como é que ele está a tentar, porque é que eles estão assim”, nós cada vez estamos a ver mais, não é? ...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ...estes interesses económicos... que dominam... a aldeia global que nós já somos, a interdependência... da humanidade, etc. e ver que não são propriamente a economia...

Investigadora - Pois.

Professora - ... que, que resulta.

Investigadora – E em relação à Educação Sexual seguiu mais ou menos esses mesmos moldes?

Professora - E é isso precisamente, o questioná-los, o levá-los a reflectir...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... não lhes dar respostas, mas levá-los a ...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... a reflectir.

Investigadora - Por exemplo, para si o objectivo da Educação Sexual seria então qual?... Assim de uma forma mais genérica, qual seria o objectivo essencial da Educação Sexual?

Professora - O objectivo da Educação Sexual, aquele que eu tenho, o conceito geral de Educação...

Investigadora - Hum...

Professora - ... que é ajudar a crescer...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... não é? A todos os níveis, não só intelectual... daí que eu digo-lhes, isso já vem dos gregos 'mente sã em corpo são', não é?...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... lá está, que são conceitos perfeitamente actuais, o ajudá-los a crescer a todos os níveis...

Investigadora - De que forma o faz?

Professora - ...o isso, o habituarem-se, que isto é muito da História, desenvolverem o espírito crítico...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... que eles acham quando se fala em espírito crítico, que é criticar e dizer mal, isso é outro aspecto, portanto...lá está o... ou isto poderá ser uma presunção o... o abri-lhes mentes... para compreenderem o outro, para tolerância, para não estarem com ideias pré-concebidas e não sair... e não sair dali, portanto aquilo que eu lhes passo em História é questionar, que eles questionem, que não, não se deixem levar pelos outros, que construam as suas próprias ideias e que se tiverem que mudar de ideias, não, não... não há problema. Eu até lhes costumo dizer: 'só não muda de ideias quem não as tem'.

Investigadora - Claro.

Professora - E portanto, para mim Educação Sexual vem nessa fase, faz parte do crescimento deles também, faz parte do crescimento dos afectos, dos valores... do que é importante...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... e, e portanto isto para mim, não me assustei absolutamente, porque encarei-a como outra coisa qualquer que eu já o faria, que os levaria a questionar no sentido do crescimento global.

Investigadora - Isto é, eles terem um papel mais... pode-se dizer activo?

Professora - Activo no seu processo de, de... de crescimento. Lá está mas isto... para mim não era preciso ser imposto, não é?...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... porque... houve um miúdo de uma outra turma que... que tinha problemas e ele depois chegou - me... aliás é capaz de conhecer o (nome do aluno) do (ano e turma do referido aluno).

Investigadora - Não.

Professora - Ele não teria... acompanhamento... acompanhamento não no sentido de... Orientação Profissional?

Investigadora - Não.

Professora - Não? Pronto, talvez porque ele sabia que queria, queria... queria artes e por isso mesmo... e, e então o... ele dizia que... estava muito dependente da opinião dos outros. Era um miúdo extremamente inseguro...

Investigadora - Pois.

Professora - ... com um ar de artista, com uma certa sensibilidade... que foi, digamos assim... agredido psicologicamente por outro, lá está, que é 'muito macho'...

Investigadora - Pois.

Professora - ... não é? E são estas coisas todas que... que eu, isto tudo para mim... é Educação Sexual.

Investigadora - Claro. Hum, hum...

Professora - ... E talvez porque vejo-a neste ar tão abrangente, nunca tive... quando veio agora como imposição e aliás vinham lá as temáticas, as temáticas eram perfeitamente... abrangentes e... naturais que, que nós devemos, não é?... E portanto nunca... e utilizei o mesmo método que a História.

Investigadora - Hum, hum...

Professora - Questionar, reformular, levá-los a reformularem... tentar não emitir... opiniões...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ...claro, digamos assim, se eu conduzir as questões, nomeadamente nesta história do 'machismo' e não sei quê, o levá-los a reflectir, provavelmente se eu for a favor, que as mulheres são melhores... ou que os homens, se for um homem, que não tem que fazer determinadas tarefas... provavelmente também neste questionamento... iria... não é?

Investigadora - Influenciaria de certa forma?

Professora - Influenciaria... talvez porque tenho uma perspectiva totalmente diferente, levei-os a questionar noutro sentido, que era melhor....

Investigadora - Hum, claro.

Professora - ... não é? Aliás houve aqui há anos, acho que foi durante o... o governo do Engenheiro Guterres, que havia uma coisa nesse sentido na televisão... de partilharem as tarefas, chegarem a casa, viam um casal todo feliz e não sei quê, porque partilhavam as tarefas, isso depois acabou...

Investigadora - Pois.

Professora - ... porque realmente incomodou muita gente, não é? Mas era nesse sentido... quer dizer isto tudo é, como em tudo é Educação, não é?...

Investigadora - É, claro.

Professora - ... ser completamente isentos não... temos a lidar com seres humanos... agora tentei, tentei basicamente levá-los a reflectir, serem eles a encontrar as respostas.

Investigadora - Hum, hum. Em relação... falou-me já da carga horária, há pouco...

Professora - Hum, hum.

Investigadora - ... no início falámos sobre isso, e eu gostava de lhe perguntar como é que foi distribuída, ao longo do ano lectivo, a carga horária em relação à Educação Sexual?

Professora – Eu estes apontamentos, digamos assim, que surgiram espontaneamente, claro que não foram contabilizados...

Investigadora - Hum...

Professora - ... foi contabilizado o tempo, que não sei se foi mais, se foi menos, não me preocupei com isso.

Investigadora - Mais ou menos, assim uma ideia... também não interessa o que foi contabilizado mas...

Professora - Eu levei dois blocos, assim no conjunto, devo ter destinado dois blocos de noventa minutos.

Investigadora – Hum. Distribuídos como ao longo do ano?

Professora – Não. Foi naquela altura, abordamos o tema... lemos documentos, analisámos, claro que eles começaram logo por aí, não é?...

Investigadora - Hum...

Professora - ... a fazer, porque ela nem sabia andar de comboio, e não sei quê, precisava da autorização do marido e o marido ia e deu autorização. Claro que eles começaram ‘ ah e não é assim, devia ser era ainda assim’... e não sei quê, pronto, começou logo por aí... e depois outra de, de em que eles ... proporcionaram o... o tal debate e que foi difícil de, de gerir porque eles quase que se agrediam... e depois... lá está... esse que é mais... sensível... fizeram duas alas...

Investigadora - Hum...

Professora - ...que poderia haver rapazes no lado das meninas, pois esse mais sensível, que as amizades dele são sobretudo meninas...

Investigadora - Hum...

Professora - ... eles ficaram estupefactos porque é que... ele não tava do lado das meninas. Pronto lá está, o tal preconceito, a ideia, quando eu a certa altura disse: “qualquer coisa é pré – conceito. O que é um pré - conceito? É uma ideia que é feita antecipadamente sem saberem, sem conhecerem”, etc, etc, etc.

Investigadora - Então o primeiro bloco teve por objectivo centrar o que era a emancipação da mulher?

Professora – Comecei. Dei a matéria naturalmente e logo surgiu entretanto, eu assim: e como aquilo... não se conseguíamos avançar... depois, e eu precisava... tinha pouco tempo... o que é que acontece logo de, de seguida?... o ... o outro foi uma aula destinada para eles debaterem o assunto à vontade...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... agora não só especificamente a emancipação da mulher...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... mas os direitos... ao fim ao cabo essas... tudo isso, porque nós já tínhamos abordado, mas muito ligeiramente durante...a primeira república... e, e que foi extremamente revolucionária em termos de legislação e inovadora... e agora não me lembro o nome... mas não havia restrições à votação, e há uma... (Interrupção da gravação)

Investigadora - Há pouco falou-me da distribuição da carga horária, disse-me que tinha sido dois módulos, essencialmente, um mais... (interrupção por parte da professora)

Professora - Dois blocos de noventa minutos.

Investigadora – Dois blocos. Hum, hum. Em relação aos temas abordados, houve algum tema que ocupou mais tempo em relação aos... a outros ou como é que ... (interrupção por parte da professora)

Professora - Portanto eu falo particularmente no caso da História... foi feita uma introdução, digamos assim, histórica...

Investigadora - Hum...

Professora - ... e... e depois deixei fluir o... o debate.

Investigadora – Então, não houve um tema que levasse mais... (interrupção por parte da professora)

Professora - Exacto.

Investigadora - ... ocupasse mais tempo em relação a outros?

Professora - Claro. Foi como eu disse, baseou-se essencialmente na discussão, na espontaneidade...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... das questões.

Investigadora - Ok. Nós já falámos em relação a alguns temas, como por exemplo, o abuso sexual e a homossexualidade...

Professora - Hum...

Investigadora - ... em relação, por exemplo, à informação sobre contraceptivos, colocação de preservativos, por exemplo... (interrupção por parte da professora)

Professora - Eu creio que isso foi feito a nível, lá está, das ciências, não, não foram temas abordados propriamente por mim.

Investigadora - Sim, mas o que é que pensa em relação a este tipo de... exploração na Educação Sexual? Falar sobre estes temas, por exemplo até... (interrupção por parte da professora)

Professora - Esses temas eu acho que, lá está, essa parte, eu não me sentiria muito confortável...

Investigadora - Hum...

Professora - ... a falar e aí sim, acho que deveram ser técnicos de saúde...

Investigadora – Hum, hum...

Professora - ... não é propriamente o professor.

Investigadora - Mas... mas porquê? Assim...

Professora - ... Porque lá está, acho que na, na nossa componente e aí talvez as preocupações de colegas... de abordarem a ... a situação... porque aí talvez já o que é para mim... poderá não ser para eles ou outras pessoas...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... e então acho que mesmo em termos, lá está, de técnicas, etc. deve ser um técnico de saúde, que... deve abordar e... e precisamente sendo um assunto sério... havendo diferentes sensibilidades... numa turma, não é? Porque aí sim, acho que poderá entrar o papel até das religiões...

Investigadora - Hum...

Professora - ... e eu tinha pessoas de diferentes religiões, particularmente numa turma... e mesmo na minha... e portanto, aí sim... aí já eu me... não me sentiria muito confortável.

Investigadora – Hum, hum. Mas, por exemplo, pensa que pode ser um desencadeador de comportamentos sexuais ou, pelo contrário, pode preveni-los? Falar sobre a colocação do preservativo, por exemplo.

Professora - Ah eu acho que deverá, deverá sempre no sentido de, de... prevenir.

Investigadora - Mas acha que pode desencadear, por exemplo, falarmos sobre esse assunto?

Professora -... Aquilo que eu acho que devemos caminhar, é ... entender a sexualidade como algo natural... não é?

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... Há pessoas que realmente quando foi o problema das, das drogas também falava-se, quanto mais se fala, mais desperta... o interesse. Há essa questão, mas... eu não... não o considero necessariamente e eu por exemplo... tenho o meu

irmão e a minha cunhada, que são fumadores, desde sempre e os meus sobrinhos não fumam...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... não é?...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... e, e eles próprios têm uma acção... relativamente aos pais, etc. no sentido de... de que eles tentarem e no entanto nem, nem foi uma coisa, que se eles, pontualmente o fizeram, portanto por natureza não... não quiseram ir por aí.

Investigadora - Hum, hum. Ok. Em relação à sua posição acerca de um assunto, é uma condicionante ou um desencadeador para a escolha de temas a abordar? Ou... a sua posição.

Professora - Não sei, não sei se poderá ter sido o facto da matéria em si, de História...

Investigadora - Hum...

Professora - ... não é? Na verdade foi um factor facilitador de, de ... do debate...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... não há dúvida nenhuma que o meu conceito de vida e conceito acerca destas coisas, lá está, como eu disse, no relacionamento entre eles, na gestão de conflitos... entre... entre alunos de sexo diferente, que isso poderá ser... a abordar, não é?...

Investigadora - Hum...

Professora - ... e eu tive nesta fase de despertar, por acaso não foi este ano, salvo erro foi o ano passado, umas atitudes pouco próprias que eles tiveram em relação às meninas, que, é óbvio, que eu tive que lhes chamar à atenção...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... não é?... o facto da matéria em si de História, foi ela... o pretexto, digamos assim, de despoletar o assunto, não quer dizer que, eu mediante determinadas situações não iria intervir...

Investigadora - Hum, hum. Então a sua posição, em relação a um determinado assunto, pode não ser condicionante de falar ou não dele?

Professora - Exacto. Só se... aquilo que eu tento é não forçar as situações...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... que acho que isso não...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... não funciona. Depois há determinados assuntos que... não são expostos... ao nível de turma, porque lá está, acho que tem que haver uma certa sensibilidade, como aconteceu nesse caso... que as meninas vieram-se queixar e portanto eu não ia pôr, expô-las, não só a ela, chamei-os a eles...

Investigadora - Hum...

Professora - ... e portanto foi ali uma conversa... em privado, porque achei que não é... aí sim, acho que na turma, se aquilo fosse tratado a nível de, da turma, iria não só expô-las, não é? e como, daria azo a toda uma série de, de... comentários que achei que não era isso... que era oportuno.

Investigadora - Hum, hum. Já me falou assim...que já... já falou da Educação Sexual noutros, noutros anos lectivos, certo?

Professora - Pois.

Investigadora - Há quanto tempo, mais ou menos é que lecciona estas temáticas?

Professora - Mas eu não lecciono.

Investigadora - Sim, fala, aborda...

Professora - Abordo, lá está, quando surgem oportunidades...

Investigadora - Hum...

Professora - ... até às vezes até desabafos de... dos alunos... questões ... que eles próprios colocam, nesta fase a nível do Secundário, mais dos desgostos...

Investigadora - Hum...

Professora - ... amorosos, porque isso muitas das vezes os afecta, até no rendimento... umas vezes particularmente, outras vezes quando são... pequenos grupos de, de turma... que a conversa se... se proporciona, mas, não necessariamente, como eu já disse, “Agora vamos abordar isto”. Não! ...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... surge e fala-se... e tento, digamos assim... passar a minha mensagem como uma pessoa com... com maior experiência de vida, mas não no sentido de digamos, lá está, sempre na globalidade, fazê-los sentir que estas coisas passam e que eles poderão estar a hipotecar o futuro profissional, que é determinante, em vez de estes episódios, maneira de eles lidarem com... com estas situações, com estes conflitos, com estes desamores que às vezes acontecem é mais nesse...

Investigadora - Hum, hum. E nesta escola? Falar, abordar o tema, desde sempre foi cá na escola ou... ou ainda chegou a ser noutros sítios, noutras escolas?

Professora - Pronto aqui (na escola onde teve lugar a entrevista) ... já há muitos anos mesmo, que existe a Educação para a Saúde...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... onde eu sabia, chegámos a ter actividades tipo *workshop* em que participei também, ainda... acho que era o projecto PES, que... já se chamava... em que esses... havia pequenos jogos, dramatizações e etc. ...

Investigadora - Hum...

Professora - ... em que... por exemplo a nível... lá está... uma vez a nível de Formação Cívica e era uma turma que, não era da minha direcção de turma e que eu até

deixava escolher assuntos. E portanto falava-se, eventualmente, esta luta que eles tiveram, constante...

Investigadora - Hum...

Professora - ... relativamente à Educação Sexual, e fizeram bandeira... disto, não é? E que provavelmente saiu-lhes o tiro pela culatra... porque provavelmente não era isso que eu tinha, e eles queriam Educação Sexual. E eu, muito bem... comecei pelo levantamento de questões “e agora vamos abordar”... e... e então... isto a nível de um nono ano e era uma turma complicada... o que eles deixaram de querer tratar o tema, que lá está, os rapazes, não as meninas, as meninas queriam e... e eles pura e simplesmente impossibilitaram qualquer abordagem séria do assunto... boicotaram autenticamente porque queriam era levar... discutir ... filmes pornográficos e eu disse: “como o próprio nome indica, então vamos ver... diferença entre pornografia ... e sexualidade”... e, e eles não... não houve possibilidades de trabalhar porque... descambavam logo e eram só quarenta e cinco minutos, portanto, aquilo num instante, entre eles estarem... sossegados, prontificarem-se a trabalhar... e, e portanto lá está, são as tais abordagens. Ora eles estão agora... aqueles que seguiram direitinhos, salvo erro no segundo ano da faculdade, portanto isto a nível do nono ano, para aí há sete, oito anos.

Investigadora – E é sempre, já me falou em algumas partes que são parecidas às que fez este ano, mas os moldes... usou sempre a mesma estratégia de intervenção?

Professora - Pronto isso foi diferente, porque foi a nível de Formação Cívica...

Investigadora - Hum...

Professora - ... e eles escolheriam os temas...

Investigadora - Hum...

Professora - ... e um dos temas escolhidos... foi esse e eu acedi muito bem, “e agora vamos preparar, vamos ver como é que vamos tratar” e eles depois nessa abordagem... não quiseram fazer um trabalho sério.

Investigadora - Pois. Mas os moldes, da sua intenção?...

Professora - Ah sim, sim, sim.

Investigadora - ... acabou por ser a mesma ordem de ideias?

Professora - Exacto, Exacto.

Investigadora - Já me falou, assim, de algumas formas, como foi preparando as suas aulas, mas mais concretamente, falou-me dos objectivos, de quando preparava assim o tema para alguns objectivos que queria alcançar, mas... como é que o organizava? Como é que preparou e organizou as suas aulas nesta temática?

Professora - ... Pronto, lá está, para mim é um pouco difícil, porque não foi... lá está, como Educação... a nível da formação Cívica, não foi como Área de Projecto...

Investigadora - Hum...

Professora - ... em que as coisas foram especificamente planificadas para ali...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... a mim não... o meu plano de aula, veio na sequência do plano de História. A planificação... das matérias de História. A partir daí então, o tema foi abordado...

Investigadora - Sim, mas quando... (interrupção por parte da professora)

Professora - ... isto quando sistematizado, as outras vezes são pontuais...

Investigadora - Sim, sim...

Professora - ...surgem...

Investigadora - Mas quando programou esses objectivos, teve em conta determinados aspectos. São esses aspectos que eu queria que... quando preparou, teve... com base em quê? Esses objectivos?

Professora - Lá está, a matéria de História...

Investigadora - Sim...

Professora - ... o que foi o movimento feminista ou movimento de emancipação da mulher...o... os objectivos de, da luta, os confrontos... que existiram, foram lidos... documentos, debatidos e depois passar para a actualidade e inclusive nós vemos, que a nível da legislação, que nós até temos uma legislação extremamente progressista a esse nível, mas que na prática não funciona. Fazer-lhes ver que, na prática, está muito dependente das mentalidades do próprio, chamo à atenção... das mulheres que muitas das vezes somos culpadas por... somos os primeiros a baixar os braços e... e mais sentimentais, de deixar levar ... por determinado tipo... de coisas mesmo a reprodução daquilo que nós recebemos mesmo como mães. E chamei à atenção às vezes da, de algumas mães, no sentido dos meninos não fazerem nada porque... ainda este ano, sou assessora do, do (turma) ... e ... e disse-lhes... uma miúda que tinha sido minha... e estava muito triste... logo de manhã e eu passei-lhe assim a mão por cima e eu assim: “Então, o que é que se passa?” e a miúda desaba-me a chorar e diz: “Oh professora, eu lá em casa ajudo, eu faço isto, aquilo, aqueloutro e a minha mãe para mim nunca está nada bem, o meu irmão que não faz absolutamente nada... e para ela está tudo bem” e a miúda estava dorida, eu tive ali a conversar com ela, a tentar acalmar, que a mãe não tinha muita noção, portanto... são estas situações e tudo isto para mim é Educação... Sexual, porque lá está, a reprodução do modelo de educação que eles têm...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ...em casa.

Investigadora - E há quanto tempo leccionava com esta turma em específico? Já há algum... (Interrupção por parte da professora)

Professora - Desde o sétimo ano, portanto sétimo, oitavo e nono.

Investigadora - E a relação pedagógica que estabeleceu com eles?

Professora - Eu acho que tinha uma boa relação, sou Directora de Turma, também, por exemplo na outra turma abordei o tema, mas também é uma turma com características diferentes, portanto o (ano e turma) como conheceu, é uma turma extremamente activa... participativa, com opinião. A outra que, que abordei dentro de, da mesma... das mesmas circunstâncias, não com tanto tempo e nem tanto com à vontade, não é?...

que por sinal é a turma do professor (nome do docente)... não tive aquele *feedback*... que tenho na minha, porque pronto...

Investigadora - Mas a que ficou responsável foi a sua Direcção de Turma?

Professora - Exacto...

Investigadora - Responsável, co-responsável.

Professora - Exacto... e a maneira como... eu lidei... com eles, ao longo destes três anos, acho que também foi... foi importante, não é? e... levá-los a expor... os seus problemas e as suas questões e eles poderem... debater à vontade e eram miúdos que realmente... tinham ideias, pronto e, e discutia-se o... o, os assuntos, claro que, lá está, tudo depende também muito das características.

Investigadora - Hum, hum. E no seu caso, a receptividade dos alunos, como é que foi em relação ao tema? Já me falou por alto que foi sendo, digo eu, boa, não é?

Professora - Ah sim.

Investigadora - Colaborativos, participativos... (Interrupção por parte da professora)

Professora - Porque eles ali... dentro desta área propriamente, estavam encantados, nomeadamente e eu assim: “pronto, agora vamos parar aqui. Prepararam-se para a próxima aula”... estavam todos encantados da vida, para eles...

Investigadora - E entendeu isso, como uma reacção ajustada ou desajustada, em relação ao tema?

Professora - Não, ajustado e eles voltaram a... a abordar, digamos assim, alguns destes aspectos dentro dos trabalhos da Formação Cívica e... claro que alguns se queixaram... que... pronto que a professora de Formação Cívica, que eu tinha... imp... imposto quer dizer, que eu estava do lado... das meninas, quando efectivamente até não foi, eu disse: “ai vocês disseram...”, “não professora, aquilo foi só a brincar” e tal não sei quê, mas, mas pronto, tentaram... fazer isso porque... nela foi diferente, foi a apresentação dos trabalhos...

Investigadora - Hum...

Professora - ... não foi propriamente... o tipo de discussão... que se gerou... na minha aula... mas acho que sim e que... e pelo menos as coisas, eu disse: “pronto, acabámos aqui” pelo menos nesse aspecto específico... e as coisas ficaram calmas e...

Investigadora - No seu caso falou-me, por exemplo, em relação a debates. Faziam muitos. Eles faziam muitas questões ou era mais a professora que tinha que fazer as questões?

Professora - Não porque aquilo era... como é que eu hei-de dizer... as respostas de uns e de outros, as participações, aquilo é que ia suscitando... outras, eu só reformulava as questões, por exemplo, como aquela ... coisa, uns diziam: “Quem são os grandes vencedores das guerras?” isto depois eles até tentavam fazer... para a História “os grandes militares” e não sei quê “são homens”... e eu disse assim: “Ora pensa bem, agora já há muitas mulheres, também na tropa, muitas mulheres camionistas”, depois houve um, que me disse que estava provado que as mulheres que... que exerciam essas profissões masculinas, que o nível hormonal... deles masculino, que... que era... e eu assim: “pronto”, depois até dizer, portanto todo o tipo de argumentos, daquilo que eles conheciam na realidade, que os maiores cozinheiros são homens e depois eu ia questionar e eu assim: “já viste o tempo que as mulheres dispõem” ... depois lá fomos para a parte profissional e das cotas e... e dessas coisas. Depois, o facto de quem vai para a ‘massa’... como eles dizem, são o... os homens e eu assim: “agora por força das circunstâncias”...

Investigadora - Pois.

Professora - ... e depois, tentar desmontar tudo isso, porque lá está, eles vêm muito com aqueles vínculos... de que é a força e depois tentar mostrar-lhes que os argumentos que eles estão a utilizar, são baseados na força física...

Investigadora - Pois. Exacto.

Professora - ... porque são esses os parâmetros em que eles são, efectivamente criados e... e portanto é tudo... e estas coisas não se... planificam...

Investigadora - Pois não. Exacto.

Professora - ... portanto vão sendo reestruturadas. Agora, aquilo que eu fazia é ir reformulando as respostas, é assim, muito bem “então e agora este” ... não é?...

Investigadora - Mas questões da parte deles... (interrupção por parte da professora)

Professora - ... e portanto, eu respondia-lhes sempre com questões, não com respostas.

Investigadora - Lançava as questões e esperava?

Professora - É. E eles faziam, depois mediante a questão deles...

Investigadora - Hum...

Professora - ... voltava eu a questioná-los sobre aquilo que eles tinham dito.

Investigadora - Ok. Hum, hum. E o facto de ser mulher, acha que teve alguma influência no modo como eles reagiram à sua intervenção?

Professora - Ah porque a princípio eles diziam que eu estava... que elas estavam, nomeadamente quando se gerou esse debate, em que eles tiveram de um lado e elas de outro... que poderiam alguns... estar alguns até para se armar em coiso, queriam... houve um, acho, um só, que foi para o lado das meninas... que eu disse precisamente, estavam-se a discutir ideias e não pessoas ou sexos e era isso que interessava e entretanto... eles diziam logo que elas estavam... aquelas coisas, lá está competição... que elas já partiam a ganhar por eu estar do lado delas. Eu assim: “não eu vou aqui servir essencialmente de moderadora”.

Investigadora - Sim, mas a forma como eles reagiram à intervenção, em geral. O facto de ser mulher, neste caso se fosse homem, acha que eles iam ter outro tipo de reacção, no geral?

Professora - Provavelmente... provavelmente porque é isso, eles viram-me à partida... do lado de lá.

Investigadora - Pois.

Professora - Os rapazes, as raparigas não...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ...não é? E nalguns casos, houve uns mesmo que me disseram que... estavam a mudar de ideias, depois do... do debate e ... e eu sei, que eu às vezes digo-lhes assim: “Oh pá, vocês não sabem o que é que há mais de romântico do que saber cozinhar e de fazer um jantar para uma namorada” e eu assim: “além do mais, isso é para vocês uma autonomia, é uma mais-valia. Vocês que, tanto querem ser independentes, é uma maneira de estarem independentes” e eu sei por alguns Encarregados de Educação que alguns começaram a tentar... cozinhar.

Investigadora - Em relação à reacção dos alunos, já me disse que foi alterando, de modo como eles... como foi intervindo conforme o que eles iam... solicitando, de certa forma. A sucessão dos temas e a duração deles, também foi de encontro, de certa forma, ao que eles pediram, não é?

Professora - Exacto. É, depois de... tirando como reforço... Formação Cívica, Área de Projecto, até posso pôr a Formação Cívica / Área de Projecto porque elas...

Investigadora - Exacto.

Professora - ... por acaso até foi muito bom, que no horário estavam seguidas... portanto havia continuidade, poderia haver continuidade de trabalho... Ciências Naturais... as minhas foram estas... intervenções pontuais...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... e ocasionais.

Investigadora - Falou-me aí de um aluno que, pelos vistos, começou a cozinhar. Considera que obteve resultados da sua intervenção, neste âmbito?

Professora - ... não sei, porque aquilo não sei se foi momentâneo e... porque eu isso também já lhes faço muitas das vezes, quando eles começam com aquelas guerrinhas, eu faço-lhes isso... muita vez...

Investigadora - Hum...

Professora - ... no sentido de entusiasamá-los, depois falo, porque não há dúvida nenhuma que é uma questão de mentalidade, que tenho um amigo realmente Austríaco que ele adora cozinhar, portanto em casa essa parte é com ele... e a mulher faz outras coisas, porque ele adora e não tem problemas nenhuns, mas lá está, isso é uma questão de mentalidade, não só em relação à parte, digamos assim, de, de sexual como é em relação a outras coisas que eu lhes dou o exemplo. É um indivíduo que gosta imenso e é um apreciador de bebida, no entanto se sabe que vai conduzir...

Investigadora - Hum...

Professora - ... nem toca...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... é que nem é um copinho que ele eventualmente não notaria diferença, não toca! E se bebeu álcool, não conduz!

Investigadora - Hum, hum. Mas em relação à generalidade dos alunos, daquilo que vê, acha que surtiu algum efeito a sua intervenção, neste âmbito?

Professora - Eu espero que sim, pelo menos que eles irão lembrar... disso, talvez “deixa ver o que é que a professora de História nestas circunstâncias” e...e pelo menos ali no âmbito e eles já sabiam, sendo na minha frente ou não, que tinham que respeitar, por exemplo, as meninas. Por exemplo em relação àquela intervenção que eu tive que fazer o ano passado, não voltou a haver problemas dessa natureza.

Investigadora - Hum, hum. E desde o início, desde que começou a leccionar esta... leccionar, salvo seja, passando o termo... acreditou que teria algum resultado ou, não tinha se quer pensado nessa possibilidade?

Professora - Eu gosto muito, seja a que nível for, do debate de ideias e acho que sempre alguma coisa fica, não ficará em todos, mas nalguns... e sei que, particularmente a nível de Formação Cívica, Área de Projecto... a maneira como eles tiveram, digamos, à vontade... que... que, que, que... foi bom... foi bom e que eles até fizeram alguns, eventualmente alguma catarse, através do ... do, do trabalho que fizeram e o poderem

desabafar coisas que eventualmente não, mas isto, como digo, mais a nível da minha colega...

Investigadora - Hum...

Professora - ... que não poderiam fazê-lo em casa.

Investigadora – Mas, desde início, pensava que isso podia acontecer? Desde quando começou este processo pensou nisso?

Professora - É assim... é, é como tudo, ‘surtifica’ alguma coisa nalguns, não... não noutros, não tenho a veleidade de pensar nos 100% de...de sucesso.

Investigadora - Hum, hum. Em relação à formação, já me falou que assistiu a uns quantos seminários... (interrupção por parte da professora)

Professora - Não foram seminários, foram uma espécie de *Workshop* e, e não tive este ano, não tive oportunidade, por acaso não me inscrevi nesse, porque como tinha o da didáctica da História...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ...mas as colegas que frequentaram o curso de Educação Sexual, com determinada médica...

Investigadora - Hum...

Professora - ... que ficaram naquele grupo, diz que adoraram.

Investigadora – Mas, então, não teve formação nesta área específica?

Professora - Eu não, não, não, não. Este foi há muitos anos, essa espécie de, não sei se se pode chamar de *Workshop*, foram dois dias...

Investigadora - Hum...

Professora - ... promovido pelo programa de Educação para a Saúde... que nós... fizemos isso e, e também direccionado no sentido de...digamos assim, favorecer a auto-

estima... porque é outro assunto que eu, que eu lhes falo, quando eles entram particularmente... no oitavo ano...

Investigadora - Hum...

Professora - ... que começam a ficar com borbulhas, eu falo-lhes da higiene, que, que é fundamental, mas eles andam... lá sempre com as mãos e... e que eu sei que isso é... para eles é traumatizante até. Eu falo-lhes nisso... também que ... as hormonas, a limpeza, por causa dos odores e, e dessas coisas. Eu naturalmente falo...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ...acho que não é necessário uma aula específica disto...

Investigadora - Sim...

Professora - ... vamos tratar deste assunto... não é? Ou seja Formação Cívica ou Ciências Naturais...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... porque eu acho que nós nos confrontamos, então com eles às vezes com os odores e é extremamente desagradável...

Investigadora - Hum...

Professora - ... e, e aí falo na generalidade, porque sinceramente tenho muita dificuldade, quando eles às vezes se queixam de um miúdo que cheira mal, e não sei quê? Tenho muita dificuldade em fazer essa abordagem.

Investigadora - Pois. Mas, por exemplo, essa que falou-me há pouco, de uma formação ou Workshop de identidade e género, essa não foi feita ao nível da Educação Sexual, pois não?

Professora - Não. Foi o ano passado, eles vieram cá à escola, convidados pelo Centro de Novas Oportunidades...

Investigadora - Hum...

Professora - ... mas, essa não foi, foi uma espécie de palestra de manhã...

Investigadora - Hum...

Professora - ... foi... portanto promovido quando ou quando eles se andavam a promover, não sei, porque vieram cá (escola onde teve lugar a entrevista) gratuitamente...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... e eu achei interessante, foram levantados uma série de questões, inclusive uma que eu achei interessante, que... nunca me tinha apercebido e de um modo geral as pessoas não se apercebem, que é ir ver a definição... e então... que é no dicionário de Português da Porto Editora. É curioso ver, vale a pena, a definição de homem e de mulher. Logo começa por aí... só que é um significado que ninguém vai ver... e depois os outros derivados... que é por exemplo, um 'homenção', uma 'mulherona' ... mas é chocante, chega a ser chocante. Se tiver oportunidade vá ver...

Investigadora - Farei.

Professora - ...o da Porto Editora não sei...e, e portanto é uma coisa que nunca foi alterada, pelos vistos.

Investigadora - Pois.

Professora - E o meu dicionário da Porto Editora, portanto que já era do meu filho, não é tão, tão antigo quanto isso, mas lá está, é uma palavra que não... não foram ver. Elas também falaram nos... eu nem sei se tenho, eu depois até dei à coordenadora...

Investigadora - Hum...

Professora - ... do projecto os itens que eles abordaram.

Investigadora - Hum...

Professora - Falaram também do... do abuso ... sexual, da violência doméstica... e, e lá está, violência doméstica eu digo... às vezes por causa da força, realmente é mais

comum ou o que é mais ouvido, porque não quer dizer que não haja violência doméstica sobre os homens... também...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... e depois o que é a violência verbal... e tudo isso e eu sei que eles assistiram também a uma outra palestra, promovida por um grupo do décimo segundo ano...

Investigadora - Hum...

Professora - ... e...

Investigadora - Mas estas não foram no âmbito da Educação Sexual. Não foi formação instituída pelo Ministério da Educação?

Professora - Não, não, não, não...

Investigadora - Foi só... (interrupção por parte da professora)

Professora - Exacto. Esta foi porque... e depois... tanto é que aquilo pelos vistos é uma empresa, digamos assim, privada... eles até me ficaram... se conseguissem a parceria aqui na região centro...

Investigadora - Hum...

Professora - ... então poder-nos-iam... facultar a formação que eu queria, eles inclusive mandaram-me o programa, a proposta de programa, com níveis diferentes, quer para o terceiro ciclo, portanto a intervenção do terceiro ciclo seria diferente da intervenção para o secundário...

Investigadora - Hum, hum. E o impacto da, desta ausência de formação. Qual foi o impacto que ela teve na sua experiência de intervenção, nesta temática?

Professora - ... Eu é assim, não sei a formação que houve especificamente para a Educação Sexual, porque eu também não dei especificamente Educação Sexual...

Investigadora - Hum, hum...

Professora – Participei.

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... Provavelmente... como colegas que fizeram formação e formação creditada, poderia... mas houve colegas que também deram bem e não, não sentiram... quer dizer, há sempre um acréscimo que a pessoa anda ali um pouco... à deriva, digamos assim, mas as coisas, pelo menos dos casos que eu conheço na minha turma, até correram bem ... e, e por outro lado, eu sempre que surge esta oportunidade, tal como foi pela igualdade de género...

Investigadora - Hum...

Professora - ... ou outros, como esse outro da Educação para a Saúde, que eram mais... Ciências... já foram há uns anos ... atrás... e eu sempre que tenho oportunidade eu... e o tema me interessa, vou.

Investigadora - Hum, hum. Então não sente grande influência por essa ausência de formação?

Professora - Não, mas como também tive esta intervenção pontual...

Investigadora - Hum...

Professora - ... digamos assim, que é uma participação... provavelmente se fosse uma coisa mais... se fosse algo que necessitasse de uma maior... elaboração... de, de maior profundidade, talvez... lá está, aquilo tudo o que eu acho, neste aspecto é o enriquecimento...

Investigadora - Hum...

Professora - ... que daí poderá... o enriquecimento que daí poderá advir e... e então o... mas... e... e que a troca de experiências... o que eu fiz, o que o outro fez, é, é extremamente enriquecedor. Portanto nesse aspecto, talvez sentiria falta de, de... de formação como noutras áreas.

Investigadora - Mas em quê, por exemplo? Uma área que pudesse ser uma área que achasse necessário?

Professora - Para mim, é sempre, era sempre uma... não, não sei assim especificamente... porque nós... em bem ou mal, não é?...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... nós agora com os acessos que temos à internet, não é? Se bem que, por exemplo, eu... não os ligue, sinceramente...mas... quando começaram a haver, tenho salvo erro, um livro... que comprei, que adquiri logo. Já o ano passado, quando surgiu um livro...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... sobre Educação Sexual, eu li, tal como apareceram sobre o Estudo Acompanhado, Formação Cívica, etc. eu comprei.

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... Portanto para... para essas dicas a nível, uma vez que tem já muitos anos e voltei a pedir à (nome da Técnica de Psicologia da escola onde teve lugar a entrevista) jogos de interacção na, na turma... ela facultou-mos.

Investigadora - Hum, hum...

Professora - Eu... haja tempo... e vontade para nós nos prepararmos, porque isso... o tempo agora é que eu sinto muita falta. Portanto esta sobrecarga que nós temos, em termos de escola... de, de... que eu às vezes... até ao ano passado dizia ao professor (nome do Director da escola onde teve lugar a entrevista), eu preciso de tempo para pensar...

Investigadora - Pois.

Professora - ... e não para preencher papéis e eu, como costume dizer, sou uma mulher de acção... não sou de, de, de papéis e tenho uma certa dificuldade, não há dúvida nenhuma que a pessoa tem que fazer... uma organização disso, não é? Mas... mas para todos os efeitos... mas eu acho que, que, que é num, num certo espaço de calma que as ideias nos... nos afloram...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... e, e não podemos estar neste turbilhão de ideias e depois fazer leituras... e nós realmente agora dispomos de toda uma série de... de informação e nesse aspecto, até para orientar os miúdos.

Investigadora - Hum, hum...

Professora - E não há dúvida nenhuma e não tenho problemas também de maior, se eles me suscitassem. Que acho que é esse o papel. Eles suscitarem dúvidas, nós... quererem se esclarecer de determinadas situações, não somos nós necessariamente que temos que lhes resolver, mas encaminhá-los... depois de encaminhados a tentarem encontrar as suas próprias respostas...

Investigadora - Hum...

Professora - ... que só assim é que eles as interiorizam... e, e servem... acho que é muito esse o papel da escola, na Educação Sexual.

Investigadora - Hum, hum. E a nível de conhecimentos, sente que tem conhecimentos suficientes para abordar a temática?

Professora - ...Tenho os meus (risos). É assim, depende de, de... aquilo que... aí lá está, poder-se-á por o facto de... de dizer assim: “é uma opinião pessoal” ... então como é que uma pessoa falando de... de... de valores, falando de afectividade, não é? Não tem que... provavelmente uma pessoa que seja fria, calculista vai achar que isso não tem importância. Daí mais um facto de... e aí pronto, aí poderei ter uma intervenção no sentido daquilo que eu acredito...

Investigadora - Hum...

Professora - ... e que acho fundamental... se for... que poderá ser perigoso... mas que eu acho que é fundamental o abraço... até desmontei isso anteriormente, que por vezes um aperto de mão poderá ter uma intenção muito... até mais negativa que um beijo...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... portanto, o tentar levá-los a reflectir sobre isso e a importância do afecto nesse sentido do contacto de, de... do abraço que não é necessariamente um contacto sexual...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... portanto tentar levá-los a isso. Aí é difícil, não é? Isto é a minha maneira de sentir. É a minha maneira de achar que ... que, que, que é, que é importante.

Investigadora - Hum, hum...

Professora - Se for uma pessoa que tenha dificuldade nesse contacto, físico até, com certeza que não lhes vai falar dessa maneira...

Investigadora - Pois.

Professora - ... e aí eu acho que é problemático... realmente! E eu questionei-me ... às vezes. Imagine que país, por exemplo, aquele miúdo... o ano passado o problema é que eles andaram a apalpar umas meninas... percebe? E depois eu disse: “isso não é afecto”, “Ah professora porque é um abraço” pegaram logo e eu assim: “não... não me venhas com histórias, porque quando tu chegas aí, já eu passei por aí há muito tempo, já tenho muita experiência disto”. Pronto e eu entendo, eu sei o que é, não é? Aquelas palermices daquela idade e mais não sei quê e eu assim: “Não é totalmente diferente...” eu assim: “tu já viste... porque há uma transmissão de energia se tu estás em baixo, se tu estás triste... a outra pessoa se estiver bem, a força de um abraço vai-te transmitir energia, vai... não tem que haver intencionalidade, outro tipo de intencionalidade nisso” ...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... e eu acho que a sociedade actual tá tão distante, tão fria, tão... carente de, dessas coisas, que... lá está, se eu tiver um pai que, que... poderei entrar em... sarilhos... não é? Aí acho muito difícil... a pessoa gerir estas situações. Se for um colega... que tenha uma postura de, de frieza, de, de ‘não, homem é homem’, como aquele que dizia que ‘um homem não chora’...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... não sei quê? Outro disse-me: “oh professora se eu for fazer isso perguntam-me quem é que veste calças lá em casa”...

Investigadora - Pois.

Professora - ... portanto, isto garotos de quinze anos, portanto foi todo este tipo de coisas que eu tive de desmontar... claro que se eles chegarem a casa e disserem: “não porque a minha professora disse que não, eu devo ajudar,” porque não sei quê.

Investigadora - Pois. E os assuntos... desses vários assuntos que foi abordando, quais os assuntos que se sente mais preparada para abordar?

Professora - (Silêncio)

Investigadora - Se é que existem. Claro.

Professora - ... Todos e nenhum, porque lá está, são coisas tão pessoais... não é? Eu tento-lhes transmitir e tento-lhes fazer reflectir sobre isso...

Investigadora - Hum...

Professora - ... e para eles fazerem uma reflexão, se forem eles a tentar encontrar as suas respostas, mesmo com as dicas... não vou fazer uma palestra...

Investigadora - Hum...

Professora - ... sobre isso... não é?... E... e portanto vou... lá está, portanto... e se não me sentir preparada...

Investigadora - Hum...

Professora - ... para abordar determinado... assunto, eu por exemplo tenho uma perspectiva relativamente à homossexualidade... mas para eles não fui entrar por aí ou dizer eu defendo, não defendo.

Investigadora - Hum, hum...

Professora - Foi levá-los a respeitar a diferença...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... tal como seja o respeito por uma pessoa negra, se de um cigano, seja o que for... não é?

Investigadora - Mas, então, não há assim... não sente que haja uma diferença de preparação, por exemplo um assunto... (interrupção por parte da professora)

Professora - Se por exemplo isso houvesse, eu iria encaminhá-los para alguém que efectivamente estivesse por dentro do assunto.

Investigadora - Até agora, não existiu nenhum que achasse...?

Professora - Não, porque são estas abordagens, digamos assim, ao fim ao cabo, pela rama.

Investigadora - Hum, hum. Ok. Agora assim, gostava de lhe perguntar, mais para finalizar, se sentiu algum tipo de dificuldade, para cumprir os objectivos da temática?

Professora - Não.

Investigadora - Hum...

Professora - Não, porque é assim, também foi tão restrita...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... e a maior parte do trabalho... é por isso é que eu tenho pena que não fique aí ... os temas que eles abordaram, porque a maior parte do papel, foi, foi delas...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... não foi propriamente minha... que foi na sequência precisamente de que foram coisas que surgiram espontânea e naturalmente, portanto não requereram grande preparação.

Investigadora - Hum, hum. E quer colocar alguma questão, fazer algum comentário, agora, para acabarmos mesmo?

Professora - Não, não tenho assim... acho que tudo o que tinha para dizer, o meu contributo que eventualmente posso dar... é este, e é o meu conceito, lá está ... tem... poderá ... discordar-se ou não, mas para já é o meu e como não me dei mal (risos) com o assunto... não... não sinto... assim necessidade de ... acho que em, em termos de... se bem que o programa e... e a lei é clara nas temáticas a abordar, não é?... Como isto foi assim imposto um pouco à pressa, as pessoas, devido à temática e o... não direi propriamente preconceito, mas o pré - conceito, assustaram-se um pouco, talvez para o ano... as coisas sejam mais ... mais fáceis, não é?...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... de, de... gerir, as pessoas já... já estão mais à vontade, que eu acho que sim, que são temáticas... pô-los particularmente a reflectir sobre o assunto...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... não é só reflectir quando começam a namorar, que não reflectem nada (risos) pelos vistos... ou que se vêm confrontados com um problema...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... não é? Em termos de... e eles ... o tentar, aquilo que eu lhes tento, é ver isso como uma coisa natural... como outra... como outra actividade, digamos assim, fisiológica e apontar-lhes muito para as mentalidades... pós... a importância dos afectos, etc. e então eles nesta fase da adolescência, que muitos deles tão... carentes disso, mas que podem ir... pelo lado errado...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... achar que o afecto é... é aquilo, é essencialmente isso.

Investigadora - Ok. Muito obrigada, pela colaboração.

Professora - Não... (risos)

Investigadora - Agora que já estamos a gravar, vamos dar início. Iniciava por lhe perguntar, qual o ano ou anos curriculares em que leccionou Educação Sexual este ano lectivo?

Professora - Oitavo e nono.

Investigadora - Hum. E ao nível de que disciplina?

Professora - Oitavo, Formação Cívica; nono, Ciências Naturais.

Investigadora - Hum, hum... a disciplina, qual a disciplina curricular que leccionou? Ciências é a sua disciplina de formação?

Professora - É, é.

Investigadora - Hum, hum. E como é que funcionou todo o processo de selecção dos docentes responsáveis por este tema, neste ano lectivo?

Professora - É assim, no programa do nono ano...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... eles têm os conteúdos científicos relacionados com a base da hereditariedade, têm o sistema reprodutor, as doenças... as infecções sexualmente transmissíveis, os métodos contraceptivos e foi por aí que nós fomos no nono ano.

Investigadora - Hum, hum...

Professora - No oitavo ano fomos mais pela via dos afectos e aí fizemos, primeiro... fiz um apanhado sobre a turma, mais ou menos o que é que eles queriam fazer...

Investigadora - Hum...

Professora - ... e depois mais ou menos em função daquilo que eles queriam... fizemos.

Investigadora - Sim, mas um bocadinho, antes disso...

Professora - Sim.

Investigadora - ... quando ficou responsável, por exemplo... a separação dos professores que iam fazer determinada (interrupção por parte da professora)

Professora - Pronto, aqui ficou, ficou decidido, na escola, que seriam os professores de Formação Cívica que iriam tratar, principalmente esse tema, depois 'haveriam' disciplinas que poderiam participar, no caso do nono ano as Ciências.

Investigadora - Mas foi por reunião, como é que foi?

Professora - Em, em reunião de Conselhos de Turma.

Investigadora - Hum. Decidiu-se?

Professora - Sim.

Investigadora - Mas porquê no seu caso ... Área de Projecto porquê... (interrupção por parte da professora)

Professora - Não, Formação Cívica.

Investigadora - Sim, Formação Cívica, porque é que ficou com essa e Ciências em relação ao... (interrupção por parte da professora)

Professora - Porque eu... no oitavo ano eu era a, sou Directora de Turma...

Investigadora - Hum...

Professora - ... e tenho a Formação Cívica. No nono ano eu não tinha a Formação Cívica...

Investigadora - Hum...

Professora - ...eu só era professora de Ciências e como estava já no currículo... a disciplina ficou automaticamente... ligada à, aos conteúdos de Educação Sexual.

Investigadora - Mas no nono ano ficou distribuído pelos vários docentes, pelas várias disciplinas? Ou... (interrupção por parte da professora)

Professora - Em algumas disciplinas...

Investigadora - Como é que foi feita ... (interrupção por parte da professora)

Professora - ... foi Formação Cívica... Ciências, por estar lá e creio que mais ninguém.... Traba...trabalharam um bocadinho em História...

Investigadora - Hum...

Professora - ... e penso que mais nenhuma disciplina trabalhou.

Investigadora - Como é que... (interrupção por parte da professora)

Professora - Quase nenhuma disciplinas quiseram trabalhar.

Investigadora - Exacto, foi voluntário. As pessoas é que se candidataram a intervir?

Professora - Em princípio sim.

Investigadora - Foi? Hum, hum. Ok. No seu caso foi voluntário, então?...

Professora - Foi.

Investigadora - ...de certa forma...

Professora - No oitavo, no nono ano estava no programa por isso... indiferentemente de querermos ou não, já que está no programa...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... vamos participar. No oitavo ano, Formação Cívica, mas eu também acho que... mesmo que não esteja esta obrigatoriedade, já antes se fazia...

Investigadora - Pois.

Professora - ...principalmente nos anos mais baixos, os afectos, que é muito importante para eles.

Investigadora - Hum, hum. Ok. No... então Formação Cívica foi quase que instituída a fazê-la?

Professora - Sim.

Investigadora - Hum. No caso de ser docente de Ciências... Ciências Naturais, acha, sente que tem alguma relação com o facto de estar a instruir esta temática? Ser Ciências?...

Professora - (Silêncio)

Investigadora - Está bem que está no currículo, ok, mas independentemente desse facto... a disciplina em si, acha que tem alguma relação directa para estar a leccionar, a abordar a temática?

Professora - Tem, tem, tem... logicamente. Provavelmente os conteúdos de Ciências, provavelmente virão um bocadinho tarde em relação aos miúdos, porque no nono ano, nós temos casos de miúdos que... já iniciaram... vida sexual, por exemplo, os meus nonos anos, eu penso que poucos alunos teriam... podem ter curiosidade e isso, mas creio que terem... iniciado vida sexual activa e...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - Não tenho! Ou poucos. No oitavo ano eu já não digo tanto isso...

Investigadora - Mas acha... (interrupção por parte da professora)

Professora - ...creio que já tenho... tive muitos alunos que... tinham uma vida sexual activa.

Investigadora - Mas isso influenciou directamente a sua abordagem?

Professora - É assim... influencia porque depois é assim, tinha no oitavo ano alunos já com uma vivência diferente, daqueles que ainda estão a leste ... de, dessa temática que ainda nem sequer lhes interessa.

Investigadora - Hum, hum. Mas porque é que considera que nesse oitavo ano possa haver alunos que já iniciaram a sua vida sexual?

Professora - Ah, pela... pelas, pelas conversas que tínhamos, pela... por certas, certas coisas que eles iam dizendo, que era sempre uma amiga ou um amigo que tinha feito, tinha visto, mas que provavelmente tinham sido eles.

Investigadora - E essas chamadas de atenção, se podemos chamar assim, influenciou os temas que abordou ou a forma como os abordou?

Professora - Sim, sim.

Investigadora - Hum. De que forma?

Professora - É assim, a nível do oitavo ano... no nono, no nono ano é assim, eles tiveram muita, muita curiosidade a nível das, das infecções sexualmente transmissíveis...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... chocou-os muito! Principalmente por causa das imagens, que eu gosto imenso de, de focalizar para os chocar mesmo, para que eles vejam que é muito bonito uma relação sexual, mas que pode trazer consequências se não forem... se não forem... convenientemente ... ou seja se não usarem preservativo e tudo isso. Mas, nos oitavos anos a curiosidade deles... a maior parte deles nem tinham, até porque eles diziam-me que a internet, tinham tudo na internet. Foi muito complicado no oitavo ano dar Formação Cívica.

Investigadora - Hum. Como é que decidiu abordar, tendo em conta essas... esses factores?

Professora - Algumas vezes com 'casos – problemas'...

Investigadora - Hum...

Professora - ... outras vezes com jogos, como fiz formação...

Investigadora - Hum...

Professora - ... e ainda vinha 'tenra', ainda, ainda apanhei o fim...

Investigadora – Hum...

Professora - ... apanhei... apliquei-lhes duas, duas... falei com, com a formadora, uma já tinha feito e perguntei-lhe como é que eu podia abordar aquilo e a outra fizemos mesmo lá e eu apliquei, e realmente aí, mas é tudo a nível dos afectos, aí realmente... tive respostas que não pensava nem... algumas parvas, outras...

Investigadora - Mas eram instrumentos, eram... esses materiais que usou?

Professora - Não eram materiais, eram, eram, por exemplo... era uma actividade, por exemplo, “eu quero, eu gosto, não tolero” ... e agora já não me lembro qual era a outra...

Investigadora - Hum...

Professora - ... e eles iam dizer o que é que, o que é que gostavam, o que é que mudavam. Aí houve respostas parvas no meio de tudo isso, não é?...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ...mas serviu-me para ver determinadas situações que ‘havam’ ali, de problemas e de conflitos a nível da turma.

Investigadora - Hum. Isso com base em que temática?

Professora - Na Educação Sexual para os afectos.

Investigadora - Para os afectos. Hum, hum...

Professora - Para os afectos, nós não votamos, no oitavo ano fizemos mesmo... não focar os aspectos fisiológicos e... e anatómicos da sexualidade.

Investigadora - Por alguma razão em especial? ou...

Professora - É que eles não ... pelo menos... eles não mostraram muito... interesse nessa área...

Investigadora - Hum...

Professora - ... e acho que, para eles os afectos, eles não têm noção... por exemplo, o, o, eles, os meus alunos achavam que violação era só prática de sexo entre duas pessoas que não se conheciam e que... tinham sexo contra a vontade de uma...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... eles ficaram admirados de eu lhes dizer que podia haver violação num casal... desde que um deles não quisesse... isso é uma violação. E eles ficaram

admiradíssimos. Por isso é, é... foi mais a nível dos afectos para que eles vejam o outro como uma entidade que tem de ser complementada com eles numa relação.

Investigadora - E a parte da fisiologia, por assim dizer... (interrupção por parte da professora)

Professora - Não, eu não foquei.

Investigadora - Mas por não achar pertinente ou por não se sentia tão à vontade?

Professora - Porque eles, eles também não ... eu tentei fazer aquilo que eles queriam...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... dentro do que eles queriam, que eles não queriam nada! Não os meus alunos foram muito claros de dizer que não precisavam de aulas de Educação Sexual, tinham internet para saberem e alguns disseram que a família tinha que... que era papel da família. É verdade! Mas, eu já, eu tinha lhes dito que ali poderiam tratar de outros assuntos que não, que não tratariam com a família, mas como eu tinha alunos de dezasseis e dezassete anos e tinha alunos de doze... é um bocado complicado, porque tinha alunos de doze que nem... isto passava-lhes ao lado... com esses, com esses fiz, por exemplo, entreguei-lhes poemas de amor, cartas de amor, o poema de Fernando Pessoa “As cartas de amor são ridículas”... e depois fi-los fazer uma carta de amor...

Investigadora - Hum...

Professora - ... em grupo, entre todos eles, fazerem uma carta... uma carta de amor. E fizeram e são giras e tudo isso, algumas giras outras menos giras, mas, mas vai por esse, por esse lado. Também a outra que eu fiz era, primeiro faziam um desenho...

Investigadora - Hum...

Professora - ... também foi uma técnica que eu vi... numa actividade que fizemos na formação. Um desenho... o desenho que nós quiséssemos, depois íamos ver com quem, que desenhos é que havia igual ao nosso...

Investigadora - Hum...

Professora - ... igual, igual a esse desenho, depois eles todos tinham que fazer uma história... em grupo...

Investigadora - Hum...

Professora - ... esse grupo, em que todos os desenhos participassem. Tinha coisas lindíssimas, sobre... a amizade... textos espectaculares que a formadora... isso fiz antes ... de... fiz, fiz durante a formação e ela achou... espectacular alguns temas, alguns textos dados pelos miúdos, mas é claro, havia miúdos que tinham doze anos, como dezassete no, no grupo.

Investigadora - Como é que anulou essa diferença?

Professora - Eu não anulei, foram eles que fizeram os textos. Eu deixei que eles fizessem tudo e depois leram.

Investigadora - Os temas eram para todos, independentemente... (interrupção por parte da professora)

Professora - Eles tinham, era tudo igual, independentemente. Quando faziam a história. A história, os desenhos todos tinham que estar patentes na história.

Investigadora – Hum, hum. Mas a questão da idade em si, não foi um factor de dificuldades?

Professora - Aqui não foi, aqui não foi. Por isso é que eu... tentei depois disso arranjar actividades... em que a idade não fosse... um factor que, que houvesse essa diferenciação.

Investigadora - Hum, hum. Falou-me da reacção dos alunos, pelos vistos, o que me deu a entender, não foi a tão ... se calhar desejada. Não a considerou, talvez ajustada, desajustada.... Como é que a viu?

Professora – É assim, a turma do oitavo ano, a turma onde eu dei... e... a temática da Educação Sexual é uma turma muito heterogénea, muito complicada, que não gosta nunca de fazer nada... ou seja, eles não querem fazer nada. Se nós lhe dissermos: “vamos trabalhar Matemática” eles não querem, dizem: “ai preferíamos Geografia”, se

lhe pomos Geografia eles já dizem que não querem Geografia que queriam História, se pusermos História... há sempre, eles nunca querem nada...

Investigadora - Hum...

Professora - ... e por isso tratar de um assunto numa turma como estas, é um bocado complicado.

Investigadora - O quê, esperaria talvez outra reacção da parte deles?

Professora - Eu esperaria! Um bocadinho mais de curiosidade, são alunos com doze, treze anos, tão a começar a despertar para... para a 'sombra', como eu costumo dizer, a ver o outro, os rapazes e as raparigas e não...

Investigadora - Porque é que acha que isso não aconteceu?

Professora - Eles são tão apáticos, estes miúdos do oitavo ano, são tão apáticos, tão apáticos, tão apáticos, que não há nada que lhes chame à atenção.

Investigadora - Hum...

Professora - Nem filmes.

Investigadora - E acha que a sua intervenção nesta temática surtiu algum efeito?

Professora - Para alguns sim...

Investigadora - Hum...

Professora - ... para outros não.

Investigadora - De que forma é que acha que... (interrupção por parte da professora)

Professora - Para uns chamou à atenção... alguns ficaram muito chocados com algumas... com alguns casos que...

Investigadora - Hum...

Professora - ... dei casos... 'casos – problema' em que ficaram chocados porque eram casos verídicos e que eles ficaram... e depois nunca se tinham dado conta de, de determinadas situações. Quando fazíamos o *brainstorming* para palavras...

Investigadora - Hum...

Professora - ... relacionadas com... com Educação Sexual, eles começaram a ver que havia... de tudo.

Investigadora - Hum, hum...

Professora - Para alguns a intimidade foi muito importante, para outros aquilo foi uma brincadeira... para passar o tempo.

Investigadora - E quando começou o ano lectivo, a leccionar, acreditou desde início que surtiria efeitos a sua intervenção?

Professora - No oitavo ano não.

Investigadora - Já tinha à partida essa ideia?

Professora - Já os conhecia.

Investigadora - Pois, já tem... já leccionou com eles antes... desde quando?

Professora - No sétimo, desde o sétimo.

Investigadora - Hum, hum...

Professora - E por exemplo, enquanto que no nono ano...

Investigadora - Hum...

Professora - ... os miúdos mostraram, também são... eram duas turmas, mas completamente diferentes as turmas, mas mesmo a turma mais fraca... era uma turma... que fez trabalhos, foi ao Centro de Saúde...

Investigadora - Hum...

Professora - ... pesquisou e tudo isso.

Investigadora - Hum...

Professora - A outra turma até fez... por exemplo, fizeram... representações teatrais de...de cenas entre um médico e um casal sobre uma questão relacionada com doenças... como uma doença sexual...

Investigadora - Hum...

Professora - ... perguntas e respostas, filmes com música e tudo isso, que se mostrou que estavam interessados. No oitavo ano e mesmo para o ano, se eles forem meus alunos...

Investigadora - Hum...

Professora - ... se fizermos...

Investigadora - Sim...

Professora - ... se continuarmos como até aqui, eles serão meus alunos, acho que mesmo na, na parte das Ciências vai ser... vou dar aquilo como um conteúdo normal e...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... não lhes vai chamar à atenção.

Investigadora - Mas a relação que... pedagógica que estabeleceu com eles ... (interrupção por parte da professora)

Professora - Ah sim, sim.

Investigadora - ...considerou-a boa?

Professora - Sim. Eu tenho miúdos que fizeram perguntas que... e depois é assim, como eles transitam de turmas por turmas... quando iniciámos isto, eu tinha uns alunos, quando acabámos eu tinha outros.

Investigadora - Pois.

Professora - E eu tinha a caixinha de perguntas e geralmente quem me fez as perguntas foram os que passaram para o A1 [uma das três sub-turmas onde os alunos transitavam conforme o seu rendimento e necessidade de maior apoio, sendo que o A1 era construído pelos alunos com maiores dificuldades e o A3, ainda que com dificuldades, estariam com melhor rendimento académico]...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... e que vinham muito aqui ao gabinete à, às enfermeiras e tudo isso.

Investigadora - Pois, porque há aquela transição, entre as turmas, no oitavo...

Professora - E esses fizeram-me perguntas, puseram na caixinha que...pronto, esses já estavam mais virados, talvez... talvez com... com o saber o que é que vai sair dali, do que é que pode aparecer, quando era a idade mais aconselhada... o que era um orgasmo... pronto estas questões assim que, que realmente era o que interessava...

Investigadora - Hum...

Professora - ... a estes miúdos... foram os que foram para o A1. Creio que no A1 surtiu muito mais efeito que no A2.

Investigadora – Porque houve essas, essas mudanças?

Professora - É.

Investigadora - Mas a relação pedagógica era boa?

Professora - Sim, sim, sim, sim...

Investigadora – Mas porque é que considerava boa?

Professora - É assim, eles tinham confiança para vir falar comigo do que quisessem...

Investigadora - Hum...

Professora - ... e alguns falavam em particular, não na aula...

Investigadora - Pois.

Professora - ... nem casos hipotéticos, nem punham perguntas nem nada.

Investigadora - Hum, hum...

Professora - Eles preferiam vir comigo ao lado, chamar-me e falar e perguntar... pronto, fazer uma pergunta... por exemplo se podiam engravidar com, com o período se tivessem relações sexuais. Estas coisas assim que não se sentiam muito à, à vontade, porque depois há aqueles mais infantis que se riem daquilo, depois há os mais velhos que são capazes de achar parvoíce...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - E então não faziam... nem sequer em, por escrito.

Investigadora - Então acabava por... as aulas em si de Educação Sexual... serem... da parte deles havia muitas questões ou era mais a professora em si que... orientava toda a?... (interrupção por parte da professora)

Professora - Era eu mais que orientava...

Investigadora - Hum...

Professora - ... por eles isso não havia problema...

Investigadora - Sim...

Professora - ... por eles isso era... deixar passar...

Investigadora - E já agora.... (interrupção por parte da professora)

Professora - ... se não houvesse era melhor.

Investigadora - Pois, e porque é que acha que se não houvesse era melhor?

Professora - Porque eles não querem nada.

Investigadora - Mas não vê assim uma razão aparente?

Professora - Não, estes miúdos não querem mesmo nada, não têm objectivos... eu fiz várias actividades, por exemplo, que fizessem objectivos a curto, a médio e a longo prazo...

Investigadora - Mas em relação à Educação Sexual ou?... (interrupção por parte da professora)

Professora - Em tudo, pra, pra, pra os poder levar a qualquer coisa.

Investigadora - Hum...

Professora - Eles não têm objectivos a curto prazo.

Investigadora - Não houve assim uma explicação possível para esse facto?

Professora - Não, são miúdos apáticos, em casa não os puxam... em casa não lhes exigem.

Investigadora - Pensa poder ser um factor que...?

Professora – É.

Investigadora - Ainda em relação à receptividade dos alunos, uma das questões que eu gostaria de lhe fazer, e o facto, por exemplo, de ser mulher, se acha que tem alguma influência na forma como eles foram reagindo à intervenção nesta temática?

Professora – Eu penso que é mais o à vontade que uma pessoa possa ter para falar com eles de determinados... não de ser homem ou mulher.

Investigadora - Hum, hum...

Professora - Não, o ano passado, por exemplo, houve aqui um professor de... novito de... o ano passado não, há dois anos...

Investigadora - Hum...

Professora - ...de, de Ciências... foi colocado, tinha vinte e quatro anos, vinte e sete, vinte e cinco. Vinte e quatro, vinte e cinco anos... relativamente jovem e houve algumas temáticas nestas que eu, eu pedi-lhe para ele falar com eles. Era mais jovem...

Investigadora - Hum...

Professora - ... era mais ou menos a mesma... não era da mesma idade, mas a diferença de idade era muito menor, poderia... o vocabulário podia... mais ajustar-se e tudo isso e eu vir que... depois, nas minhas aulas não houve grande diferença entre ser ele, que eu estive presente...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... houve só uma parte dele que não estive, porque eu achei que se eles queriam ter... com ele... eu disse: “se vocês querem que eu saia?”... eles pediram-me para sair e eu saí. Não sei que perguntas fizeram...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... mas notei que... à minha frente foi-lhes perguntado se eles tinham iniciado a vida sexual e houve alunos que... que disseram que sim... à frente da turma e tudo isso e não se inibiram, ninguém se riu, ninguém gozou, nem nada disso. E quando eu estive com eles na própria aula, não notei. Tem a ver mais com o à vontade que um pessoa tem, se uma pessoa começa a ter problemas em... dizer determinados termos, de... determinados assuntos, aí sim.

Investigadora - Mas acha que no seu caso isso existiu?

Professora - Não, não tenho problemas para falar disso com alunos, se não sei não sei.

Investigadora - O que é que acha que pode ter acontecido neles, para se calhar com esse professor terem mais à vontade?

Professora – Não, não, eles não tiveram mais, simplesmente... foi... eu é que achava que por ser mais jovem...

Investigadora - Hum...

Professora - ... eles poderiam chamar... podia ter mais uma... um factor de... de influencia sobre eles...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... não mais do que isso.

Investigadora - Então acabou por ajustar a sua abordagem às necessidades que eles foram? ... (interrupção por parte da professora)

Professora - Sim, há dois anos foi.

Investigadora - Neste ano também?

Professora - É assim, no programa do nono ano temos que dar aquilo, é aquilo que ali está.

Investigadora - Hum...

Professora - Vamos sempre para a parte dos afectos e nisso não há problema nenhum e eles sabem perfeitamente que estão à vontade para falar comigo. O oitavo ano é

extremamente complicado falar com eles, não sei se por estarem no início da adolescência, se por estar naquela fase... foi, não... não, não, não foi normal. Com os que estão no nono ano também nunca tive esta... de, de 'fogalar' nem no oitavo nem no sétimo...

Investigadora – Pois, pois.

Professora - ...por isso também não sei se eles reagiriam assim ou não.

Investigadora - Esses de oitavo ano de Formação Cívica já está com eles desde o sétimo ano, não é?

Professora - Já e os outros que estavam no nono também estava, só que não havia a abordagem da Educação Sexual.

Investigadora – Pois. Nesta da Formação Cívica teve mais... pode-se dizer liberdade para escolher o que queria abordar?

Professora - Sim.

Investigadora - Quais foram assim... já me falou dos afectos e alguns temas, mas quais foram os temas, em si, que abordaram?

Professora - Falámos da gravidez em adolescentes...

Investigadora - Hum...

Professora - ... e que para o ano vou voltar a... se tiver alguma acção com eles... vou fazer, até porque tenho uma actividade muito gira que a formadora nos deu...

Investigadora - Hum...

Professora - ... que acho que deve ser muito gira para eles verem... a responsabilidade. É com pintos, com pintainhos. Dá-se a cada, a cada um, um pintainho... durante uma semana eles vão ter que o manter vivo e tudo isso, ou seja... também há uma com um ovo...

Investigadora - Hum...

Professora - ... mas eu acho que o ovo é muito fácil de trocar se for.... tudo isso, com um pintainho, o ovo é mais fácil, durante a noite ele não faz barulho, mas um pintainho eles têm de estar com eles como se fosse um filho...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... e aí vão ver, que podem não dormir de noite, fazer muito barulho de noite e tudo isso... e não deixá-lo morrer, é uma responsabilidade. Quero ver se a vou fazer para o ano com eles para que eles vejam o que implica uma... a responsabilidade de não terem cuidado... e ter surgido uma, uma coisa que é natural numa relação sexual...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ...uma gravidez, não na idade deles, mas é, é uma das finalidades.

Investigadora - Claro.

Professora - Mas... abordámos então a, a gravidez na adolescência, a parte do... das relações... o género... os miúdos eram muito homofóbicos, vi que havia muito... o termo 'gay', 'maricas' ...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... eles não eram capazes de dizer homossexual... eram os 'maricas', os 'larilas' ... eram estes termos assim... muito homofóbicos, não... eu notava que alguns alunos tinham uma...uma aversão. No nono havia mas era menos...

Investigadora - Hum...

Professora - ... havia um ou dois mas... afirmavam em público e tudo isso. Estes eram mais dissimulados e com... vi depois que também, por exemplo, em relação a dois, a um aluno... chamam-lhe... tem tendência a isso ou seja tem tendência... os colegas...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... pela maneira de ser dele e tudo isso, que não quer dizer que seja e se for, eu já lhes disse: "isso é uma opção sexual da pessoa que ninguém tem nada a ver... e por isso só temos é que respeitar"...

Investigadora - Claro...

Professora - ... não é por isso que ele vai deixar de ser... mas vejo que aí... e além da, da, da questão do género... falámos um bocadinho nas, na violência das relações...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... mas muito...

Investigadora - Mas essa selecção dos temas foi feita... porquê esses temas e não outros, por exemplo?

Professora - Isto... isto teve muito em base o programa que há de Educação para a Saúde daqui da escola...

Investigadora - Hum...

Professora - ... que eles têm num caderno de actividades...

Investigadora - Hum...

Professora - ... não sei se é deles ou vem feito ou não, e aí fomos ao oitavo ano e tirámos, entre as que lá estavam, aquelas que...

Investigadora - Exacto, mas porquê essa selecção? Tinham mais conteúdos, certo? Mais, mais alguns conteúdos...

Professora - Tínhamos.

Investigadora - E porquê esses e não outros?

Professora - Sei lá, porque achámos que provavelmente naquela idade ou porque já também já poderíamos ter notado algumas... algumas ideias deles a nível de, do género...

Investigadora - Hum...

Professora - ... da, da homossexualidade e tudo isso... mas... não sei, foi... entre os temas que lá estavam, porque talvez achamos que aqueles fossem os melhores e mais fáceis de tratar.

Investigadora - Hum. Acha que esse “mais fáceis de tratar”... o que é que quer dizer com isso?

Professora - Materiais.

Investigadora - Ah, a nível de materiais. Ok. E acha que essas características influenciaram as suas escolhas no que respeita à intervenção neste âmbito? Essas características que assinalou?

Professora - Sim.

Investigadora - Hum. De que forma?

Professora - (silêncio) É assim... é que isto depende muito das turmas...

Investigadora - Hum...

Professora - ... e depende muito dos alunos e do interesse e da manifestação que eles têm. Se eu conheço os alunos perfeitamente e conhecia as duas turmas ou seja os níveis que eu tinha...

Investigadora - Hum...

Professora - ... a maneira de ser deles... também fez com que uma pessoa fizesse certas opções... tratasse de, de, de ver essa, essas situações e ver que, por exemplo, tratar de outro tema, agora também não me estou a lembrar que outros temas é que, é que havia...

Investigadora - Hum...

Professora - ... mas, por exemplo, se tivéssemos que falar de doenças... de infecções sexualmente transmissíveis, no meu oitavo isso não... entrava a cem, saía a trezentos.

Investigadora - Hum, hum. Então a selecção acabou por ser feita, pelo que me deu a entender, de acordo com o que achava que se adequaria a eles?

Professora - Sim, sim.

Investigadora - Hum, hum. Ok. E em relação ainda aos temas, sente-se confortável na generalidade dos temas que puderam ser escolhidos desses que me falou?

Professora - Não tenho problemas em... em falar deles, é claro que... também depende muito do, do que o aluno responde...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... se os alunos nos... nos chamam à atenção ou seja há um diálogo normal, eu não tenho nenhum problema, começo a ter problemas se eles começam no gozo...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... que aí já não sei... algumas vezes o que é que hei-de utilizar.

Investigadora - Isso acontece com frequência?

Professora - Não. Nos meus nonos não aconteceu, nos oitavos... havia lá alguns que... que tendem muito para 'o gozo' e estão aqui muitos deles, há muitos alunos que... é assim, eles têm curiosidade, mas ao mesmo tempo... não o querem mostrar e então levam-no para 'o gozo' ... e depois é... isso a mim dá... levarem-me para 'o gozo' numa coisa, para mim... sobe-me aqui a 'pimenta ao nariz' e... e... mas não tenho nenhuma, não tenho... sinto-me à vontade a falar disto.

Investigadora - Hum. Mas, por exemplo, esse factor deles estarem 'no gozo' como disse, acaba...? (interrupção por parte da professora)

Professora - Algumas vezes posso gozar, só que eu depois, eu já tive muitas experiências... com o gozar... más, por não saber o que é que estava por detrás do gozo, por exemplo, a prostituição, eu tive um aluno, não tinha nada a ver com este contexto, mas, isto ensinou-me a que, muitas vezes tenho de pensar duas vezes no gozo... ou, ou, ou como é que dou a, a mensagem contrária... a essa situação. Eu sabia que ele vivia com a avó...

Investigadora - Hum...

Professora - ... e que a mãe, ele não falava quase com a mãe, que a mãe não estava muito presente na vida dele... e uma vez ele começou a apalpar as miúdas e as miúdas vieram... e eu era a Directora de Turma e elas vieram-me fazer queixa que ele estava a apalpar e eu disse assim: "tu gostarias que algum homem apalpassse a tua mãe?" e ele

começou-me a chorar... e já não sabia o que é que havia de fazer... ou seja eu estava a tentar chamar à atenção, porque nenhum miúdo que lhe digam, chamarem ‘filha da puta’, por exemplo, à mãe eles ficam... danados e tudo isso, pensei que ele... só que a mãe é uma das que estava ali há muitos anos na estrada (nome da estrada) ... ou seja... da (localidade) até, até (nome de outra localidade) ...

Investigadora - Hum...

Professora - ... havia ali uns sítios onde havia... e ela era uma delas. É claro que essa é apalpada... por homens a torto e a direito.

Investigadora - E o que é que sentiu com essa intervenção?

Professora - É assim eu só soube, ele começou a chorar e ele não quis dizer nada e os colegas também não sabiam de nada... ninguém. Eu vim, eu vim para a sala de professores e comecei a dizer: “então aconteceu isto”, foi quando me disseram: “eh pá, olha o que tu foste dizer”.

Investigadora - E isso mudou alguma coisa na sua intervenção em relação...? (interrupção por parte da professora)

Professora - A seguir, sim, tenho muito cuidado... antes de falar, penso e olho e vejo como é que tenho que dizer, porque senão... ou seja o miúdo... depois eu fui-lhe pedir desculpas...

Investigadora - Sim...

Professora - ... mas... podia ter reagido de outra maneira, em vez de tar a chorar, ter reagido... de uma forma violenta.

Investigadora - Pois. E isso, entretanto, acabou por influenciar o seu desempenho no contexto deste tema em si?

Professora - É assim, eu... algumas vezes sai e, e... pronto já está, já está, mas penso, muitas vezes penso antes de, de ir dizer aquilo, quando estou para o gozo ou que quero dizer alguma coisa digo: “pensa bem antes de...de dizeres alguma coisa que possa ofender a outra pessoa”.

Investigadora - Hum, hum. Já me falou um pouco do processo das suas aulas e eu gostava de lhe perguntar... imaginemos que eu estou a assistir a uma aula sua, como é que ela decorre? Como é que é feita? Como é que aborda? Como é que.... (interrupção por parte da professora)

Professora - Um tema?

Investigadora - A dinâmica da aula, como é que se depara?

Professora - Depende, depende da actividade que tivermos... tivermos planificada...

Investigadora - Hum...

Professora - ... pode ser uma aula individual, pode ser uma aula em grupos de dois, de três ou de quatro, não mais do que isso que eu não gosto de grupos maior... depois... segundo a actividade vou passando pelos grupos, vou vendo o que é que estão a fazer e depois tira-se as conclusões.

Investigadora - Mas é, é você que orienta, por assim dizer a, a forma como é dada a aula?

Professora - No oitavo ano tem que ser...

Investigadora - Hum...

Professora - ... que eles não têm autonomia... esta minha turma não tinha autonomia.

Investigadora - Hum, hum...

Professora - No nono ano não era preciso.

Investigadora - E quais, como é que é... materiais como é que prepara as suas aulas? Como é que as orienta?

Professora - É assim, na Formação Cívica no oitavo ano, geralmente fiz muita pesquisa... de actividades e... e de materiais e tudo isso e muito de revistas e entre os três professores de Formação Cívica...

Investigadora - Hum...

Professora - ... íamos trocando materiais e tudo isso, por exemplo, tivemos uma ... para enunciado, um artigo da *visão júnior*...

Investigadora - Hum...

Professora - ... sobre as relações... miúdos a comentarem de doze aos quinze anos, comentar aquela coisita na barriga e tudo isso, retirámos excertos e eles foram comentando se isso era verdade se não era, o que é que isso significava... outras vezes... depois eu, eu gosto muito de fornecer material...

Investigadora – Hum, hum...

Professora - ... tiro, ponho bonequinhos e tudo isso para, para eles verem, por exemplo, uma, uma, uma das actividades que fiz, o António Gedião...

Investigadora - Hum...

Professora - ...tem um poema sobre o coração, em que aborda a parte anatómica dele, mas também a parte... da paixão, tudo isso. Depois, fiz isso, pus lá uns corações e tudo isso, com uma série de questões...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... para eles verem, depois e depois respondem em voz alta ou por escrito, isso... isso agora depende depois muitas vezes do que eles querem. Se eles não se sentem à vontade com um tema para responder em voz alta eu deixo que seja... individual, eles escrevem e eu leio e depois eu comento...

Investigadora - Hum...

Professora - ...sem dizer nomes sem nada. Se eles se sentem à vontade, eu digo: “olha vai ser em voz alta” e depois se eles ao longo da actividade acharem que não é, fazemos por escrito e individual...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... e depois na aula seguinte... fazemos. No nono ano já, já nem é tanto assim, muitas vezes eles é que... traziam já certos assuntos para serem tratados.

Investigadora - Acabavam por ser eles a orientar as aulas?

Professora - Era.

Investigadora - Hum. E em relação ao tempo, costumava... como é que organizou o tempo?

Professora - O tempo não foram aquelas seis ou doze horas que eram previstas, levámos muito mais.

Investigadora – Hum. Foi?

Professora - Foi.

Investigadora – Mas mais ou menos, tem assim uma ideia de como é que foi organizada a distribuição do tempo, neste caso?

Professora – É assim, nós começamos isto, no primeiro período nós... na Formação Cívica no oitavo ano...

Investigadora - Hum...

Professora - ... levámos isto ao longo do ano...

Investigadora - Hum...

Professora – ... que achámos que tratar todo seguido era muito cansativo e depois então tratámos uns assuntos no primeiro, outros no segundo e concluímos no terceiro.

Investigadora - Mas o espaçamento, não me sabe dizer, mais ou menos, quanto tempo é que demorou no primeiro, no segundo, no terceiro?

Professora - Eu demorei mais no segundo.

Investigadora - Mas não tem assim uma ideia? Não contabilizou?

Professora - Não, mas demorámos muito mais horas do que as que estavam...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... previstas para isso.

Investigadora - Então distribuiu-se ao longo do, do ano?

Professora - Sim. No nono ano foram as aulas previstas para Ciências na, na disciplina, mas mesmo assim eu levei mais horas... ou seja, não foram aquelas previstas, levei mais algumas. Depois tive uma ajuda muito importante no Estudo Acompanhado e na Área de Projecto... no nono ano...

Investigadora - Hum...

Professora - ... eles, parte dos trabalhos, porque Área de Projecto depois também serviu de isco para, para fazer os projectos lá...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... e eles fizeram no nono ano, uma das turmas... fez muitos... fez um, um trabalho a nível das infecções sexualmente transmissíveis que foi avaliado em Ciências...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... nesta temática e foi avaliado em Área de Projecto, muito giro e por isso algumas vezes eu tinha estes dois apoios que me serviam de muito... para isso. Na outra turma do nono ano, foi só mais a nível da... do Estudo Acompanhado.

Investigadora - E houve temas que exigiram mais tempo ou foi-lhes dado mais tempo?

Professora - É assim eles... a parte no nono ano a nível da... do programa, a parte que mais lhes interessou e que mais tempo demorou foram as doenças... as infecções sexualmente transmissíveis.

Investigadora - Mas uma carga muito maior de horário ou foi só? ... (interrupção por parte da professora)

Professora - Não, não. Foi... demorámos mais um tempo ou outro...

Investigadora - Hum...

Professora - ... em vez de dar, por exemplo, em duas demorei... quatro, por exemplo.

Investigadora - Em duas?

Professora - Dois blocos de noventa...

Investigadora - Ah.

Professora - ... passei a quatro...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... um bloco de noventa passei a dois blocos de noventa.

Investigadora - Por exemplo em relação ao nono ano que dá Ciências... que adapta ao currículo de Ciências, quais são os conteúdos da, do programa curricular que acha que são adaptáveis a esta temática?

Professora - Toda a base morfológica e fisiológica da reprodução...

Investigadora - Hum...

Professora - ...que é o sistema reprodutor: masculino e feminino, as hormonas, os caracteres sexuais primários e secundários...

Investigadora - Hum...

Professora - ... os métodos contraceptivos... as infeções sexualmente transmissíveis... e é isto aqui, mas depois também há outras que voltamos a falar deles... por exemplo... os contraceptivos... métodos contraceptivos, a palavra diz contraceção, mas eles também são muito mais para evitar as, as infeções sexualmente transmissíveis...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... e depois também o que lhes chama muito à atenção é os caracteres sexuais secundários...

Investigadora - Hum...

Professora - ... ou seja quando começam a manifestar-se... a homossexualidade, se é... é daí que começa, se há alguma diferenciação de hormonas, a transexualidade, no nono ano eles tiveram muita... curiosidade por falar em transexuais, no oitavo nem sequer...

Investigadora - Hum...

Professora - ... quiseram isso. Mas o programa está perfeitamente adaptado a esta parte fisiológica.

Investigadora - Não houve então uma adaptação específica?

Professora - Não.

Investigadora - Pronto, foi simplesmente a abordagem dos conteúdos que estavam...?
(interrupção por parte da professora)

Professora - Sim, sim, mas eu apesar de ser só uma parte científica...

Investigadora - Hum...

Professora - ... eu nunca deixo de falar dos afectos...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... porque acho que é importantíssimo os afectos.

Investigadora - Como é que faz essa ponte?

Professora - É assim, por exemplo, quando, quando começámos a falar na base morfológica, depois aparece a parte da gestação, o lado sexual, gestação e tudo isso...

Investigadora - Hum...

Professora - ... costumo dizer que... quando eles... muitas vezes ... uma curiosidade dos miúdos é saber qual é a idade que se deve começar e eu costumo dizer-lhes: “a idade é a que uma pessoa quiser, quanto mais tarde melhor... porque somos uma máquina, a máquina ainda está a começar ali...” e depois nesse momento eu falo, por exemplo, de que há maior incidência de, de crianças com mal formações... em miúdas jovens e em mulheres adultas...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... precisamente como a ‘máquina’ ainda não está afinada, ainda a usa a ‘máquina’, coitadita já está pouco desafinada (risos) ... mas, sempre dizendo que nunca se devem, nunca se deve forçar, não, não ter relações só pelo facto do outro querer...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... falo muito nestas partes. Quando e muitas vezes... eu falo sempre, mas algumas vezes isto vai dar a esses assuntos e desenvolve-se um bocadinho mais, dependendo da turma...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ...que para o ano os meus oitavos, se eles forem meus, acredito que não... não vai... vamos dar a matéria e já está.

Investigadora - É?

Professora - É.

Investigadora – Já me falou em relação à homossexualidade. Considera que é um... qual é a sua posição acerca desse tipo de... de abordagem, desse tema em si? Acha que é um tema que se deve abordar em si ou?... Por exemplo a homossexualidade, quem diz homossexualidade, diz abuso sexual, que são temas considerados mais sensíveis, por assim dizer.

Professora - É assim, a homossexualidade e o abuso sexual, eu acho que... eu creio que a nível... o abuso sexual a nível do terceiro ciclo eu creio que eles não têm grande... curiosidade a menos que eles tenham consciência de algum caso que passasse aí...

Investigadora - Hum...

Professora - ... caso contrário, não. A homossexualidade, eu creio que é mais por curiosidade do que saber o que é ou se eles têm. O, o que acontece é que eu acho que, se há homossexuais ali, ou ainda não são assumidos, ou têm medo de, de assumir e depois retraem-se um bocado e, por isso, eu geralmente esses temas falo se... houver algum...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ...alguma coisa que dê para ali, senão não falo, porque realmente eu não sei o que é que está por lá, do outro lado...

Investigadora - Hum...

Professora - ...e que possa... apesar de que, para mim a homossexualidade eu já convivo com ela há muitos anos, há mais de trinta anos que eu convivo com homossexuais... assumidos...

Investigadora - Hum...

Professora - ... ainda há um... para mim foi um problema chegar a Portugal e ver que a homossexualidade era um problema, que admito que se os meus pais soubessem que eu tinha colegas... homossexuais e que eu ia de carro com elas para a faculdade eles não me deixavam ir (risos). Acredito que se eles soubessem... mas como eles nunca souberam. Porque era uma coisa tão normal que ninguém ligava nenhuma a isso. A mim chocou-me muito chegar cá a Portugal e ver... esta, este tema que para mim era... tive professores homossexuais, colegas homossexuais assumidos, com, com, com par...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... e, e a aqui a mim chocou-me e por isso eu não gosto muito de falar na turma se a turma não, não chamar. Tenho medo de dizer alguma coisa, que eu não sou contra eles, nem tenho nada... contra, mas que possa chocar ou que possa chocar algum pai, que eu aviso sempre aos pais no nono ano, que vou tratar essa...

Investigadora - Hum...

Professora - ... e, e no oitavo ano avisei que íamos tratar a Educação Sexual.

Investigadora - Não houve qualquer problema?

Professora - Não, mas digo, já tive...

Investigadora - Hum...

Professora - ...já tive muitos pais que se opuseram.

Investigadora - E condicionou a abordagem?

Professora - Condiçionou.

Investigadora - Como é que reagiu a essa? ... (Interrupção por parte da professora)

Professora - Tive que dar só com... pronto, no início do ano disse aos alunos que só nos íamos cingir, foi no nono ano, que nos íamos cingir apenas e só ao conteúdo do, do programa, porque aí os pais, mesmo que estavam contra, não podiam fazer nada.

Investigadora - Pois, mas havia alguns que se calhar não se opunham, não é? Alguns pais de alunos que havia nessa turma.

Professora – Eram, eram só os pais, não eram os alunos...

Investigadora - Sim.

Professora - ... os pais é que se opuseram... foi um ou dois, no mesmo ano...

Investigadora - Hum...

Professora - ...que se opuseram à... a que isso fosse tratado e eu disse: “olhe se está no programa, tem de ser dado, se... se eles quiserem sair, eles saem, depois quando for a avaliação têm zero... não sabem, não sei como é que vai ser”. Mas os miúdos assistiram, mas cingi-me, automaticamente, só e só ao que estava no programa, porque os pais foram revisar todos os cadernos isso eu, eu soube, pela Directora de Turma e que eles perguntavam de que é que eu falava.

Investigadora - Mas em relação aos outros, aos outros pais que não se opuseram, acha que os seus filhos ficaram a perder por essa oposição dos outros pais? Sentiu isso?

Professora - É capaz, creio que sim, creio que sim porque os miúdos têm sempre... necessidade de saber algumas coisas e alguns miúdos não se sentem em, em... com, com o à vontade suficiente para falar disto com os pais.

Investigadora - E acabava por ser um, um... (interrupção por parte da professora)

Professora - Era um inimigo.

Investigadora - ... um momento privilegiado para eles conseguirem...

Professora – É.

Investigadora – e acabaram por não conseguir?

Professora - Exactamente. Em alguns casos acho que sim.

Investigadora - Hum, hum. E... falou-me há pouco das doenças sexualmente transmissíveis e por aí fora. E em relação aos contraceptivos, qual é a sua posição sobre a informação que é dada sobre os contraceptivos? Por exemplo, a colocação de preservativos. O que é que acha em relação a isso?

Professora - É assim, eu nunca faço, há uma coisa que eu aqui nunca faço é, é emitir juízos de valor...

Investigadora - Hum...

Professora - ... eu só transmito e cada um... quando eles me perguntam o que é que eu acho, eu digo assim: “eu não acho nada, cada um faz aquilo que melhor entende”.

Investigadora - Hum, hum...

Professora - Também não quero que os pais... há pais que podem ser mais religiosos, por exemplo, nos métodos contraceptivos, acharem que só se devem utilizar os naturais... apesar da eficiência ser muito baixa, mas pronto, os pais são... não querem que faça por questões religiosas e tudo isso... ou lá porque seja... eu dou... colocação, geralmente o único que eu ensino é o preservativo masculino, que é o mais fácil de fazer. (risos)

Investigadora - Hum, hum. Mas faz?

Professora - Faço.

Investigadora - E não acha que esse comportamento, em si, pode desencadear comportamentos sexuais neles ou acha que, pelo contrário, têm mais tendência a prevenir?

Professora - Nunca pensei, nunca, nunca pensei que pudesse desencadear.

Investigadora - Hum...

Professora - Mais para a prevenção e creio que alguns é mais para a prevenção, porque alguns nem sequer sabiam como é que isso se fazia.

Investigadora - Hum, hum...

Professora - Então eu já tive um aluno que diz que usava uma saca plástica.

Investigadora - Como é que reagiu em relação a isso?

Professora - Eu fiquei assim... pronto.

Investigadora - Mas, por exemplo, quando dá a sua aula... diz que não toma partido por nenhuma parte. Então em que é que se baseia para falar com eles para?... (interrupção por parte da professora)

Professora - É assim, eu simplesmente tento... falar muito de casos...

Investigadora - Hum...

Professora - ... de coisas que aconteceram, mas dizer: “é assim ou...”... É assim, nos métodos contraceptivos ao iniciar eu costumo dizer: “eu não estou aqui a dizer para vocês iniciarem ou não iniciarem, a idade depende de cada um. Agora quando o fizerem têm de ter atenção a que ... pode acontecer isto”.

Investigadora - Hum...

Professora - Não... e nem criticar se algum... por exemplo, este que me disse que usava a saca plástica... tinha doze anos, mas é uma família extremamente disfuncional... como ele dizia, a mãe trocava de homem como quem troca de camisa... os fulanos que estavam com a mãe levavam-no ... às prostitutas, pronto e quando não tinha preservativos era, era isso que fazia. Também um miúdo com doze anos, também não sei que mulher é que... pronto... mas isso são... o que eu lhe disse é que havia outras maneiras de o fazer de, de utilizar em vez de uma saca plástica, não lhe disse: “olha isto está mal” porque eu nem sequer sei se ele também me estava a dizer isso sobre uma forma de que realmente utilizava porque ainda, ainda hoje me pergunto como é que se utiliza uma saca plástica... não sei, mas pronto... ou, ou se estava mesmo para ‘o gozo’...

Investigadora - Hum...

Professora - ... mas... de que ele já era sexualmente activo, já era!

Investigadora - Pois.

Professora - E por isso não sei se, até que ponto é que ele estava a gozar com essa parte do plástico, por isso eu não crítico dou sempre a opção de outras coisas. Nos métodos contraceptivos não digo: “este é o melhor”, dou as eficiências...

Investigadora - Hum...

Professora - ... que vêm cientificamente, a nível da reprodução e das, das infecções sexualmente transmissíveis...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... porque são duas, duas coisas diferentes.

Investigadora – Pois. Ainda há pouco falou-me da sua... quando fazia a selecção dos temas, disse-me que tinha mais em conta os alunos em si ou que... pelo menos foi isso que depreendi... (interrupção por parte da professora)

Professora - Na, em Formação Cívica sim.

Investigadora - Sim, em relação ao oitavo ano...

Professora - Sim.

Investigadora - ... fazia a escolha em relação mais aos alunos que tinha, mas eu queria perguntar se acha que, no seu caso, se a sua, a sua posição acerca de um assunto é uma condicionante ou um desencadeador para a escolha de determinados temas a abordar ou, pelo contrário, não?

Professora – Pode ser, se eu vejo que... eles estão, alguns alunos querem um tema e que esse tema não é... não ou que eu não esteja também muito ou seja os meus conhecimentos não sejam também assim tanto... provavelmente eu tento não ir tanto por esse e ir mais por outro, mas em regra geral ... vou por aquilo que eles, que eles querem.

Investigadora - Hum. E acha que isso se ajusta à realidade objectiva da Educação Sexual ou que se propõe em si à Educação Sexual?

Professora - Penso que sim.

Investigadora - Hum. Ok. Agora ... já falámos muito sobre a Educação Sexual, neste contexto escolar, mas ainda não lhe perguntei a sua opinião em relação a este tema. A Educação Sexual, em meio escolar o que é que, o que é que entende? O que é que considera?

Professora - Eu acho que é muito importante...

Investigadora - Hum...

Professora - ...mas não sei se é assim como está ... como está actualmente... é assim, também não creio que deva ser uma disciplina...

Investigadora - Hum...

Professora - ... acho que sim, que deve em toda, que deve ser transversal a todas as disciplinas, porque todas as disciplinas podem dar o seu contributo...

Investigadora - Hum...

Professora - ... agora ... algumas vezes é difícil fazer com... querem a planificação com as disciplinas, com os conteúdos, com as actividades... quando uma pessoa pode até, num determinado momento, não estar ... planificado e o tema surgir, por exemplo, em História eu acho que, por exemplo, quando se fala na emancipação das mulheres no final do século XVIII... do século XIX, início do século XX... é importante para a Educação Sexual...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... as mulheres nem sequer tinham voto, muitas vieram a ter... em alguns países ainda nem sequer têm voto... neste momento. E creio que essa temática não devia ser assim tão... ou seja fazer uma planificação, dizer: “é agora, a disciplina de História tem que entrar agora aqui, porque estamos nessa hora”. Não! Quando calhasse entrava...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... e não devia ser só uma disciplina, é claro que, por exemplo, as Ciências têm uma base científica, muito mais para tratar disto, mas eu acho que qualquer disciplina... pode entrar, no Português tem textos, tem poemas... a Filosofia, a parte da,

da evolução, da, da, das emoções, da entidade sexual...a História com, com a evolução da, da mulher ao longo do... de todo o período da História... e acho que devia ser assim... mais transversal do que, propriamente fazer a dizer: “olha a Formação Cívica vai ter que ter...”, porque é essa...

Investigadora - Hum...

Professora - ... nas indicações, “a Formação Cívica tem que ter esta preponderância porque é... daqui de onde se pode fazer”. É claro que se pode fazer, porque temos as relações interpessoais, temos toda esta parte onde se poderá tratar isto... mas por tratar a Educação Sexual, eu deixei de tratar, por exemplo, outros temas importantes, dentro da Educação para a Saúde...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... como a alimentação...

Investigadora - Hum...

Professora - ... porque também já não tinha horas...

Investigadora - Pois.

Professora – Conta todos os temas... isto torna-se complicado. No nono ano... prontos está lá no conteúdo do programa é mais fácil inserir, mas acho que... e tem aquele período, que tem que ser dado naquele período, pronto que está ali no conteúdo...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... mas acho que... deve ser muito mais flexível do que aquilo que é.

Investigadora - Hum, hum. E conteúdos? Já me falou em alguns conteúdos que acaba por abordar, mas o que é que acha que deveriam ser os conteúdos, os tipos de conteúdos que deviam ou não ser dados nesta, nesta temática?

Professora - Eu creio que desde que, desde que o aluno, os alunos queiram...

Investigadora - Hum...

Professora - ... devem ser tratados todos os assuntos, até que eu acho que deveria ser os próprios miúdos que deveriam escolher... salve raras excepções, pois no nono ano têm que, têm que ter aquilo, mas salve raras excepções e principalmente no Secundário... já para outro... já, já, já encaminhado para outra situação, porque creio que no terceiro ciclo devemos, a parte dos afectos e a parte da fisiologia e as consequências de uma relação sexual não protegida e tudo isso...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... devem ser muito focadas no... no terceiro ciclo, só que... a parte que, que vai dar essas consequências são no nono ano...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... quando muitos já iniciaram... e, e temos miúdos cada vez a iniciar mais cedo a sua vida sexual, quando chegarem ao nono ano já muitos já iniciaram...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... e com gravidezes... pelo meio... e abortos, por exemplo, eu sei de miúdas que abortaram... este ano. Este ano lectivo não sei...

Investigadora – Sim, sim.

Professora - ... mas já tiveram abortos.

Investigadora - Mas mesmo assim, na sua opinião, acha que existem benefícios sociais que possam justificar a abordagem desta temática, no meio escolar?

Professora - (silêncio) Como obrigatória não, mas acho que facultativa na Educação para a Saúde, sim.

Investigadora - Mas porque, porque é que considera isso assim?

Professora - Porque acho que se for uma questão obrigatória, os miúdos não vão... “olha é mais outra, é mais outra coisa que temos que aprender” e tudo isso, se forem eles a dizer: “olha hoje vamos tratar este assunto”... chama-lhes mais à atenção e fica-lhes mais, do que ser imposto.

Investigadora - Hum, hum. Então, à partida, quando... sabia que ia ter que leccionar ou falar, abordar o tema, já pensava que ia ter este tipo de reacções, os resultados que ia obter pensava que ia ser assim deste género?

Professora - É assim, no nono, no nono ano foi aquilo que eu esperava, no oitavo como eles nunca querem nada, também já estava à espera disso.

Investigadora - Hum. Pois. E em relação ainda... já falámos em muitos temas e da sua perspectiva em relação a eles, mas existem alguns temas que se sente menos confortável?

Professora - Dos que eu tenho tratado não.

Investigadora - Aqueles que me falou, certo?

Professora - Sim.

Investigadora - E existem?

Professora - É assim, eu não tenho tratado outros assuntos, por isso também não sei se me vou sentir muito...

Investigadora - Hum...

Professora - ... desconfortável a falar dalguns outros, talvez, mas não sei.

Investigadora - E motivada?

Professora - Hã?

Investigadora - Motivada?

Professora - Depende, depende de quem está do outro lado. Depende de quem estiver do outro lado, com o meu oitavo ano não... não apetece fazer nada ... eles são apáticos, eles são completamente apáticos, uma característica deles, é um adjectivo dos professores para a turma: apatia... e falta de autonomia.

Investigadora - E para si é complicado ultrapassar essa questão?

Professora - Como é que uma pessoa vai trabalhar com alguém que não quer?...

Investigadora - Pois.

Professora - ... e que não está interessado, e que não está interessado em nada. Espero que com a, com a adoles... com a... com mais um ano eles mudem, mas duvido.

Investigadora - Mas em relação ao nono ano?

Professora - Não, dos de nono ano eu não tenho razão de queixa...

Investigadora - Hum. Esta, esta questão do conforto e motivação é ultrapassado de que maneira? Acaba por... a sua reacção em relação a isso? O seu conforto e a sua motivação...? (interrupção por parte da professora)

Professora - É assim, se os alunos são... querem saber, querem participar, estão interessados, não tenho nenhum problema, agora quando eles começam ali “não quero, não quero, não me interessa”... eu começo-me a sentir um bocado frustrada.

Investigadora - E o que é que acaba por acontecer?

Professora - Faço a actividade, mas fico... ou seja não lhe tiro nenhum proveito.

Investigadora - Hum. Emotivamente se calhar altera-se...

Professora - Exactamente.

Investigadora - Pois. Hum, hum...

Professora - Eu tento procurar, eu creio que alguns pais estavam mais interessados nas actividades que eu dava aos filhos do que os filhos. Não, porque eu via a reacção dos pais! Alguns pais diziam assim: “ah, ai vi no outro dia aquela ficha que deu tão interessante” e eu dizia assim: “porque é que o filho não é assim”. É mais os pais que reagiram... neste caso...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... não todos, era aqueles pais que viam ... que se mostravam um bocado interessados nas actividades dos filhos, que, que achavam que as actividades eram giras, mais do que os filhos.

Investigadora - Isso é um factor que poderia ser interessante a considerar?

Professora - É... talvez.

Investigadora - A inclusão dos pais no, no processo... acha que poderia ser interessante?

Professora - Não sei, é assim depende dos pais e depende dos alunos e do à vontade que estejam os pais. Por exemplo, eu, eu trazer o meu marido para um assunto destes quando os filhos andavam, acho que para ele era ... era uma situação ... muito... muito complicada para eu falar, tanto é que ele... tenho uma filha e um filho...

Investigadora - Hum...

Professora - ... e algumas vezes dizia assim: “olha que as conversas de pai para filho entre homens, é diferente que entre uma mãe... entre mulher e homem, entre mãe e filho”, mas eu era a que acabava por ter a conversa com ela.

Investigadora - E acha que esse facto, de ter um à vontade diferente com os seus filhos, pode ter influenciado também a sua abordagem em contexto escolar?

Professora - É capaz.

Investigadora - Sente isso ou não acha que possa ser um factor importante?

Professora - Eu nunca tive problemas de falar destes assuntos com, com os meus filhos...

Investigadora - Hum...

Professora - ... se eles... é claro que nunca impus...

Investigadora - Hum...

Professora - ... sempre... é sempre com... a coisa, até que... com ele algumas vezes, eu, eu achei-lhe piada, quando ele tinha catorze, quinze anos eu disse: “cuidado, tens duas cabeças, vê lá se a cabeça de baixo pensa mais do que a de cima”, ele vira-se para mim e diz assim: “será que todas as mães tiraram... a altura para falar nisto e todas dizem o mesmo” e eu disse assim: “mas o quê?”, “é que a mãe do João, a mãe não sei quantos, também disseram o mesmo”.

Investigadora - Mas considera isso um factor até positivo, não?

Professora - É, é, mas, por exemplo, enquanto que eu vi que, havia miúdos, colegas do meu filho, que falaram determinados assuntos com, com o pai...

Investigadora - Hum...

Professora - ... o meu filho, tenho a certeza que nunca falou nenhum destes assuntos com o pai.

Investigadora - Porquê? Porque acha que se calhar a abordagem do pai...? (interrupção por parte da professora)

Professora - Eu penso que o pai não se sente à vontade em falar disto, por isso é que eu digo que muitas vezes o, o ...o falar, trazer os pais, pode ser bom, mas também pode ser... inibidor para os miúdos.

Investigadora - Pois. Em relação, por exemplo, ao... a objectivos? Já falámos em relação a vários factores, mas para si, qual será o objectivo da Educação Sexual?

Professora - Para mim?

Investigadora - Hum.

Professora - O principal objectivo é evitar que... ou seja haver uma, uma, uma sexualidade mais pensada, mais responsável por parte dos miúdos... não haver tanta gravidez na adolescência...

Investigadora - Hum...

Professora - ... não é o não terem relações sexuais, que até isso é agradável, costumamos a dizer: “é agradável, temos é que saber fazer e, e não ser sobre pressão”... claro que não digo isto aos do oitavo.

Investigadora - Mas porquê? Aquela questão do, da reacção deles, certo?

Professora - É, porque muitas vezes eles acham que o sexo é assim uma coisa obscura, que não... é assim uma coisa que não, não devemos, eu digo: “é uma coisa agradável”...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... “nós somos os únicos que podemos tirar... prazer da relação sexual, os outros animais não.... os outros animais é para fins de procriação”, esta noite, esta manhã creio que uma cadela minha andou a fazer cãezinhos... eu a protegi-la do meu cão de casa, entra-me um cão lá em casa! E eu disse assim: “então andei-te a proteger daquele e agora vem-te ali outro...” (risos) ou seja enquanto que os animais só têm... o acto sexual para reprodução...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... nós não! Nós podemos tê-lo para prazer...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... e sem pensar na reprodução, só que no caso deles, eles não pensam numa coisa nem noutra, eles pensam só: “vamos ter e já está”, mas não, não... é nessa parte de ser mais responsável, de ver o que é que pode trazer as consequências de uma sexualidade não responsável...

Investigadora - Hum...

Professora - ... e se for isso já é bom!

Investigadora - Era uma base então, posso depreender, mais informativa, neste caso?

Professora - Sim.

Investigadora - Será mais exposição da sua parte para... condicionar-se, se se pode assim dizer, a acção deles?

Professora - É.

Investigadora - Em relação à formação, já me falou que teve formação. Mas foi formação como? Voluntária? Imposta? Como é que foi?

Professora – Pelo centro de formação... tinha uma acção de formação nesta área, eu inscrevi-me...

Investigadora - Hum. Foi por sua iniciativa, então?

Professora - Foi.

Investigadora - E em que é que, em que temáticas é que ela se baseou?

Professora - Todos os aspectos, desde a fisiologia, à morfologia, aos afectos.

Investigadora - Mas era uma formação para a Educação Sexual... (interrupção por parte da professora)

Professora - Sim.

Investigadora - ... ou na área das Ciências?

Professora – Não, chamava-se “*Educação Sexual em contexto escolar*”

Investigadora - Hum. Ok. Então inscreveu-se, foi então generalizada?

Professora - Foi.

Investigadora - Desde a... (interrupção por parte da professora)

Professora - Havia para todos, todos... havia professores de Ciências, de Electrotecnicia, de Matemática, de Física, de Inglês, havia ... os professores que se quiseram inscrever e que foram seleccionados, é claro!

Investigadora - Mas seleccionados? Como é que era esse processo, já agora?

Professora - Pelo mais velho ao mais novo. Começaram pelos mais, pela, pela meia-idade.

Investigadora - Ah! Mas tinha número de vagas para assistir?

Professora - Tinha, tinha, tinha um número de vagas, porque é assim, parece que aquilo funcionou um bocadinho ao contrário...

Investigadora - Hum...

Professora - ... aquilo era para o... para o Secundário só, para o Terceiro Ciclo e o Secundário...

Investigadora - Hum...

Professora - ...só que o centro de formação não pôs essa informação e pôs: “todos os professores” e então houve os do Primeiro Ciclo...

Investigadora - Pois.

Professora - ... e a nossa formadora disse: “eu não posso meter Primeiro Ciclo com Terceiro Ciclo e Secundário”...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... porque as temáticas, os temas a, a, a... a, a, a tratar são de outra maneira...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... então tiveram que fazer duas turmas, uma para o Primeiro Ciclo... apesar de na turma onde eu estava que eram Terceiro Ciclo e Secundário, também haver primários...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... e haver Educação Especial e tudo... para miúdos deficientes, a sexualidade também, mas claro, foi mais abordado para nós...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... e, e eu era, eu era a vigésima suplente e entrei... na turma de vinte. Mas foi espectacular, realmente a formadora... muito bem preparada, em todos os aspectos, era médica...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... quando eu vi que era médica pensei: “pronto isto vai ser aqui uma, uma descarga de conteúdos científicos”, mas não, por acaso foi mais dados... material...

Investigadora - Hum...

Professora - ... para podermos tratar isto na sala de aula. Praticamente fizemos quase todas as actividades.

Investigadora - Que estavam propostas à partida?

Professora - E que eram, e que eram e que as podemos utilizar ... no contexto de aula.

Investigadora - Hum, hum. E o impacto que essa formação teve na sua intervenção?

Professora - Ah, foi, foi porque muitas vezes eu nem sequer pensaria em determinados assuntos. Em primeiro lugar nem sequer sabia algumas coisas... vim a saber, não sabia o que era 'uma espanholada', não sabia o que era 'uma segóvia', não sabia o que era 'uma chuva dourada'... coisas dessas assim. E depois é assim, ela, ela fez uma... uns saquinhos e tivemos aquilo filmado...

Investigadora - Hum...

Professora - ... para ver qual era a nossa reacção, o nosso à vontade e tudo isso... alguns saíam-se perfeitamente, havia lá um professor de Inglês que era espetacular pra... creio que o impacto dele nos alunos deve ser... excepcional, porque ele sabe... ele levava muito para a brincadeira e...e, por exemplo, determinados assuntos ele... ele chegava lá, mas através da, da brincadeira.

Investigadora - E acha que assim é mais fácil chegar até eles?

Professora - No Terceiro Ciclo é capaz...

Investigadora - Hum...

Professora - ... no Secundário não, mas no Terceiro Ciclo acho que sim.

Investigadora - No seu caso acha que não é possível esse tipo de dinâmica?

Professora - É assim, com, com os... eu não, eu não... em primeiro lugar eu não, não sou daquelas pessoas que tenho muita... que tem muita piada... não! E há pessoas que são naturalmente... da própria natureza deles, são muito mais... levar isto de outra maneira, ter um sentido de humor, que eu não tenho!

Investigadora - Então vai, vai um pouco de si? Pode-se depreender isso?

Professora - É, é. Por exemplo, na, na acção de formação, nós tínhamos dois professores que eram aqueles que chamavam mais à atenção, um da nossa escola (local onde teve lugar a entrevista) outro de (cidade próxima da escola onde decorreu a entrevista) ... era esse de, de Inglês e era um professor daqui (escola onde teve lugar a entrevista) que é das madeiras...

Investigadora - Hum...

Professora - ... o professor (nome do docente) que é... pronto, sabe levar aquilo sobre outra situação, sobre outra... apesar de levar ao, ao objectivo final, mas com mais... com mais humor e tudo isso que, por exemplo, comigo não dá... não dá!

Investigadora - Hum, hum. E sente que tem conhecimentos suficientes, se se pode dizer assim, para abordar esta temática?

Professora - Eu não digo que tenha muitos conhecimentos, mas alguns tenho, pra, para já não tenho tido... problemas, quando não sei, das duas, uma: ou mando-os pesquisar ou vamos pesquisar os dois.

Investigadora - E quais são os assuntos que se sente mais preparada para abordar?

Professora - A parte fisiológica e anatómica sem me levar a dúvidas.

Investigadora - Porquê?

Professora - Porque é da mesma área, eu já tive formação...

Investigadora - Pois.

Professora - ... tenho a morfologia, a fisiologia... os métodos, as doenças, tudo isso... sinto-me muito mais à vontade.

Investigadora - Hum, hum. E formação adicional, já teve... (interrupção por parte da professora)

Professora - Sim, já.

Investigadora - ... dava-lhe jeito ou, ou não sente necessidade?... (interrupção por parte da professora)

Professora - É assim, eu, eu ando sempre... portanto, em qualquer tema eu ando sempre à pesquisa das últimas coisas, por exemplo, no meu computador, se abrirem, tenho lá uma revista "*A, B, C sexual*" que é da, da ... área adolescência...

Investigadora - Hum...

Professora - ... creio que se chama assim, área adolescência, uma coisa assim, que é uma revista, nem sequer sei de onde é que ela é, mas tem lá muitos assuntos... relacionados com a... também com, com a Educação Sexual.

Investigadora - Hum, hum...

Professora - E vou lá tirando algumas ideias, vou, vou pesquisando noutras sites, vou tirando informação de outras actividades que noutras escolas foram feitas.

Investigadora - Mas a nível de formação mesmo... (interrupção por parte da professora)

Professora - Formação só tive esta.

Investigadora - Mas sente necessidade de uma outra ou acha que está segura?

Professora - É assim, se houver eu, eu tento sempre actualizar-me...

Investigadora - Hum...

Professora - ...há sempre coisas que vão sendo... saindo e nunca, nunca acho que a formação seja demais.

Investigadora - Essa formação que teve foi do Ministério da Educação? Foi, foi dada através... (interrupção por parte da professora)

Professora - Do centro de formação.

Investigadora - Hum, não foi instituída pelo Ministério da Educação? Obrigatória como... (interrupção por parte da professora)

Professora - Não.

Investigadora - Foi voluntário da sua parte?

Professora - Sim.

Investigadora - Pronto. Ok. E dificuldades em cumprir os objectivos da temática? Sentiu assim alguma?

Professora - Senti a nível do oitavo ano, por esta minha turma ser... muito apática...

Investigadora - Hum, hum...

Professora - ... aí senti bastante.

Investigadora – E o que é que poderia modificar? Acha que poderia modificar alguma coisa?

Professora - Eles!

Investigadora - Os alunos em si?

Professora - Eles é que se podem modificar, agora... eu, eu, eu tentei de tudo... até filmes... e eles adormeceram.

Investigadora - Pois.

Professora - Nós tentámos-lhes passar o ‘Filadélfia’...

Investigadora - Hum...

Professora - ...em todas as turmas.

Investigadora - Hum...

Professora - Na minha turma foram os professores que contaram... que adormeceram, no A1 foi eu que passei no Estudo Acompanhado o filme, era: “é uma seca, pode passar à frente? Passe à frente isso é uma seca”... pronto. Por isso eles é que têm que mudar muito a curiosidade deles em relação... provavelmente para o ano já poderão ter outra curiosidade, mas a minha turma é muito apática.

Investigadora - Essa de oitavo? Então teve algumas dificuldades em cumprir os objectivos?

Professora - Sim, sim.

Investigadora - Exactamente, pelo que posso perceber, em relação à reacção que os alunos foram tendo.

Professora - É, eles tinham internet, era uma das coisas que eles me diziam, que não precisavam da Educação Sexual, porque tinham internet para lhes explicar.

Investigadora – Mas eles explicavam o que é que a internet tinha que os completasse?

Professora - Ah têm uns sites, eles iam lá procurar... para quê, para quê que eu estava ali se eles têm sites? (simulando a atitude e o discurso dos alunos para com a docente em relação à temática) Claro que os sites não são os mais confiáveis, provavelmente pornografia e... e...

Investigadora - Se calhar o conceito de Educação Sexual deles... (interrupção por parte da professora)

Professora - É um bocado diferente.

Investigadora – Pois. Ok. Para finalizar, pretende colocar alguma questão, fazer algum comentário?

Professora - Não.

Investigadora - Ok.

Professora - Gostei de estar aqui a conversar.

Investigadora - Muito obrigada. Eu também gostei muito e agradeço-lhe muito a disponibilidade.

Investigadora – Agora que está a gravar, podemos então dar início. Começava por lhe perguntar qual o ano ou anos curriculares em que leccionou Educação Sexual neste ano lectivo?

Professor - Oitavo ano.

Investigadora – Só, unicamente, o oitavo ano?

Professor - Sim, oitavo turma A3, nível A3.

Investigadora - Pronto. Ao nível de que disciplina?

Professor - Formação Cívica.

Investigadora - Exclusivamente na Formação Cívica?

Professor – Sim, sim.

Investigadora - Ok. E como é que funcionou o processo de selecção dos docentes responsáveis por este tema, este ano lectivo?

Professor - Como é que funcionou?

Investigadora - Como é que funcionou, desde início? Como é que ficou responsável e não outro? Como é que funcionou esse processo?

Professor - Quer dizer eu não fui o responsável. Sou responsável como Director de Turma...

Investigadora - Hum...

Professor - ... mas, mas o projecto... veio aprovado superiormente, não é? Uma equipa de... acho que era a professora (nome da professora) e... e mais alguém.

Investigadora - Sim, mas como é que foi? Imaginemos que estamos no início do ano...

Professor - Sim...

Investigadora - ... quando isto tudo apareceu, da Educação Sexual ter que ser abordada e por aí a fora. Explique-me mais ou menos esse processo, como é que ocorreu?

Professor - Ora bem, eu acho que, o primeiro, o primeiro período, logo no primeiro Conselho de Turma houve uma abordagem logo do assunto em termos de... de... do que é que a Lei previa, como é que... prontos, em que é que seria este ano, pelo menos... em relação ao meu, ao meu caso pessoal, foi a primeira vez que leccionei.

Investigadora - Hum, hum...

Professor - Pronto. Em termos de planeamento, os temas, não há propriamente o tratamento de temas.

Investigadora - Hum...

Professor - Houve o programa, não é? Que nós elaborámos em termos da ... e introduzi-lo na Formação Cívica, neste caso foram convidados vários colegas, logo no primeiro Conselho de Turma, foi feito uma abordagem do assunto...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ...alguns colegas, dentro das temáticas das disciplinas deles, conseguiram-se integrar, uns mais do que outros.

Investigadora - Hum...

Professor - Por acaso no oitavo A3, a disciplina que mais colaborou com, com a Formação Cívica, porque nós na Formação Cívica tínhamos essa temática, não é? Para desenvolver...

Investigadora – Hum, hum...

Professor - ... foi a Área de Projecto...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... que... desenvolveu mais... trabalhos a nível da criação de textos, da criação de... de pesquisas... desses assuntos assim mais... burocráticos digamos.

Investigadora – Mas, como me falou das disciplinas...

Professor – Hum, hum...

Investigadora -...existiram... como é que foi instituído? Tal disciplina vai dar Educação Sexual ou vai abordar algum tema porque ... por algum motivo especial? Como é que foi distribuído?... (interrupção por parte do professor)

Professor – Não. Eu acho que foi mais em relação ao... ao próprio currículo da disciplina.

Investigadora - E no seu caso, Formação Cívica... (interrupção por parte do professor)

Professor – Foi porque estava também já no currículo da disciplina, já em condições normais, na Formação Cívica, nas relações interpessoais...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... que é um tema que a gente desenvolve muito... todos os anos nós fazemos uma pequena abordagem desse tema. Este ano foi mais desenvolvido, precisamente porque... por sugestão do tal projecto da Educação para a Saúde, que havia na escola.

Investigadora - E a sua disciplina curricular, é qual?

Professor – Educação Tecnológica.

Investigadora - Educação Tecnológica.

Professor – Aí não...

Investigadora - Não acha que existe algum tipo de relação por estar... a sua disciplina com... a leccionar ou melhor a abordar a temática?

Professor - Quer dizer, no limite poderá haver, mas assim, aquilo que estava planeado logo no início não era muito difícil, não foi difícil, impossível integrar.

Investigadora – Não havia associação no seu ponto de vista?

Professor - Quer dizer, havia na parte da investigação, nós fizemos alguns projectos de pesquisa a nível das tecnologias e há sempre qualquer coisa que pode também... aflorar, digamos, esse, esse tema...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... mas nunca foi... oportuno ir por aí, prontos não... foi mais na Formação Cívica.

Investigadora - Em relação à sua opinião, relativamente à Educação Sexual nas escolas, o que é que pensa sobre isso?

Professor - Eh pá, eu acho que é oportuno...

Investigadora - Hum...

Professor - ...só que também depende um pouco da... da, da classe etária dos miúdos, não é?...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... da... se é do primeiro ano, se é do segundo, se é do terceiro, décimo, décimo primeiro, décimo segundo. É tudo muito relativo. Mas eu penso que sim, que é oportuno, eu por acaso na, na neste projecto da Formação Cívica deste ano, integrado no projecto de Educação Sexual, eu tive, uma das coisas que nós também combinámos entre nós, Directores de Turma, foi auscultar a opinião dos pais.

Investigadora - Hum...

Professor - E no A3, penso que isso não aconteceu nas turmas todas, penso, não sei se é verdade. No A3 não houve grandes oposições, quer dizer, acharam que, sim senhor, que era conveniente e acharam o papel importante da escola... prontos, houve... e aí também me... digamos, como Director de Turma e como professor de Formação Cívica, acabou também por me facilitar um pouco a vida, porque eles, os alunos tavam um pouco... preparados para o tema e não tinham... não havia assim graves problemas... de, de digamos de interacção e diálogo com os pais nesse tema, pareceu-me...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... não é? Porque houve ali um episódio ou outro que...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... num grupo tão grande de vinte e cinco alunos, não é?

Investigadora - Mas falou-me que... (interrupção por parte do professor)

Professor - Mas a opinião dos pais foi positiva...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... por acaso foi uma das coisas que eu fiz, não sei se as outras colegas chegaram à mesma conclusão, mas na minha, na minha... todos os pais, todos os Encarregados de Educação foram. Essa questão foi abordada e eu pessoalmente, maior parte deles até na presença dos filhos e senti que... uma ligação muito, muito... agradável dos pais com, com os miúdos e isso ajudou, digamos, depois também ao debate das ideias na, na própria disciplina, na apresentação dos trabalhos.

Investigadora - Mas, falou-me que a sua opinião era positiva, por assim dizer... (interrupção por parte do professor)

Professor - Sim, também por este, por este, por este grupo, por este grupo.

Investigadora - ... e de acordo com determinadas... características, por assim dizer, que me falou?

Professor - Sim, exactamente, exactamente.

Investigadora - Até que ponto é que essas características o condicionam a dizer que é bom, ou melhor, que, que tem uma opinião favorável? Percebe o que é que eu quero... eu percebi o seu ponto de vista, mas o porquê de achar que... os níveis etários e por aí fora, deles condicionavam?

Professor - Eu quando falei nisso, até a nível dos temas a desenvolver...

Investigadora - Hum...

Professor - ... adequados ao nível etário...

Investigadora - Hum...

Professor - ... outras vezes é a questão que pode... digamos, complicar-se se nós quisermos abordar temáticas para níveis etários, que não são os adequados, não é?

Investigadora - Hum, hum...

Professor - Foi nessa perspectiva. Prontos, os temas que nós abordámos foi mais a nível dos afectos, do... das ligações, digamos não foi para a parte, não foi propriamente a parte... digamos... física ou metabolismo ou...

Investigadora - Hum...

Professor - ... a questão da reprodução ou...

Investigadora - Hum...

Professor - ... a questão de, digamos, não foi esses temas que nós abordámos este ano no oitavo ano, foi mais a parte dos afectos, a parte das relações interpessoais, porque isso também tava já na própria disciplina.

Investigadora - Hum, hum. Da Formação Cívica?

Professor - Da Formação Cívica, por isso é que se encaixou muito bem na...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... na disciplina do oitavo ano. No nono ano já será necessariamente diferente, não é?..

Investigadora - Hum...

Professor - ... já entram várias disciplinas, Ciências, que é a parte do metabolismo do corpo humano, associado aos órgãos genitais e essas coisas, pronto, mas isso já é um desenvolvimento mais científico dessa parte, pronto, essa parte não foi abordada no oitavo ano...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... foi um pouco mais, foi mais pela parte dos afectos, da, das, das amizades, das... não sei se era já esta a resposta que queria, mas... a nível do trabalho prático, o que eles fizeram, foram escrever cartas a amigos... fictícios, a pessoas, podia ser o namorado, podia ser o amigo, podia ser uma mulher, podia ser um homem, podia ser um rapaz, uma rapariga, quer dizer, foi assim esse tipo de exercícios e depois houve

debate, tipo... foi provocado muitos debates na turma, eles abordaram... foi positivo, a abordagem foi muito positiva.

Investigadora - Mas esses, esses debates como é que era a... a perspectiva em que eram feitos, por exemplo, o professor fazia a questão, o professor levantava a questão?... (interrupção por parte do professor)

Professor - Havia sempre um tema geral.

Investigadora – É? Por temas?

Professor - Havia um texto. Normalmente havia textos...

Investigadora - Hum...

Professor - ... que nós professores levávamos, não é? E eles depois a partir do texto, eles... discutiam entre eles e depois criava-se ali o debate entre eles, às vezes os quarenta e cinco minutos esgotava-se rapidamente...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... e ...

Investigadora – Mas, ainda em relação à opinião, à sua opinião...

Professor - Sim...

Investigadora - ... considera uma mais-valia ou, pelo contrário, prejudicial em determinados aspectos? A abordagem, neste caso.

Professor – Eh pá, falando sempre na Formação Cívica, acho que é uma mais-valia...

Investigadora - Hum...

Professor - ... agora nas outras temáticas, das outras disciplinas, quisemos... por isso é que também, realmente o projecto do A3 ficou só pela Formação Cívica e pelo... e pela Área de Projecto...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ...porque, no fundo, nós abordámos os assuntos e depois eles desenvolveram o trabalho de pesquisa, sobre esses assuntos em Área de Projecto, foi... o projecto foi este, não foi mais do que isto. Eh pá, eu acho que é positivo, agora tentar alargar isto para todas as disciplinas... fazer com que todas as disciplinas contribuam para ali... é um bocado mais difícil, é capaz de não ser adequado, em termos do ensino complica-se um bocado.

Investigadora - Uma visão mais transdisciplinar?

Professor - Sim, sim, sou mais, assim mais numa de, tem de ter, sei lá... Físico-química, depois as Ciências, depois a Língua Portuguesa, depois a Língua Estrangeira, depois, quer dizer, fazer, tentar fazer um projecto, levá-lo como... não sei se é isso que a Lei prevê...

Investigadora - Hum...

Professor - ... também desconheço (risos), porque eu sou sincero e sei que posso ser também culpado da minha parte. Eu tive a dar formação à Educação Sexual, sem formação específica como docente e existem acções de formação...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... à qual eu não tive, não tive...

Investigadora - Mas não teve acesso?

Professor - Não tive acesso.

Investigadora - Mas não teve acesso porque não aconteceu? ... (interrupção por parte do professor)

Professor - Não aconteceu, mas eu não fui seleccionado... que eu por acaso fiquei muito aborrecido com isso, quer dizer, houve colegas que andaram a fazer... formação específica e não, não, não deram nem se calhar nunca vão dar e eu que até dei e que se calhar no próximo ano ficando com... uma questão de continuidade, e em princípio serei o Director de Turma desta turma, vou ter essa dificuldade acrescida também.

Investigadora - Porque é uma questão de vagas? Isso como é que se processa, esse? ... (interrupção por parte do professor)

Professor - Eh pá, é assim, existem formação... oferta pública, paga...

Investigadora - Hum...

Professor - ...prontos e isso também, quer dizer, temos, temos de ter prioridades.

Investigadora - Não é pelo Ministério da Educação, não é?

Professor - Pronto, esta que eu estou a falar é aquela que, que é facultada pelo, pelo, pelo, pelo nosso centro de formação, que é o centro de formação (nome do referido centro de formação), aquilo criaram-se duas turmas e eu não fui seleccionado em nenhuma delas...

Investigadora - Mas o que é que acha?... (interrupção por parte do professor)

Professor - ... porque o critério, o critério foi o critério, foi a idade.

Investigadora - A idade? Como assim? A idade de profissão, a idade de?...
(interrupção por parte do professor)

Professor - Os professores mais avançados na carreira, tiveram prioridade.

Investigadora - Experiência profissional?

Professor - Sim.

Investigadora - E no seu caso foi excluído porque tinha muita ou pouca?

Professor - Porque tenho só vinte anos e os outros têm mais do que eu (risos), vinte e dois, vinte e três vá.

Investigadora - E acha que devia ser abrangido?... (interrupção por parte do professor)

Professor - Eu acho que sim, eu acho que, por exemplo, na entrada de uma disciplina destas ou disciplina ou pelo menos numa área que tanto se fala e que tanto se tem falado e que se tornou corrente digamos, obrigatória no currículo dos alunos, não é?...

Investigadora - Hum...

Professor - ... a partir de agora e a partir da altura em que se faz formação, principalmente nos centros de formação, era aí que as pessoas, devia ser dado prioridade

e não foi. Eu escrevi isso no relatório de Direcção de Turma... não, não se percebe, quer dizer eu tive, eu tive que andar, por acaso... tenho alguma experiência, por acaso a vivência pessoal de cada um também pronto, estas, estas temáticas acabam por ser transversais na nossa vida, não é?...

Investigadora - Pois.

Professor - ... mas, mas tive uma outra disciplina daquela altura, do meu, do meu trajecto como professor, que foi desenvolvimento pessoal e social, I.P.S.

Investigadora - Hum...

Professor - Prontos, em que nós abordámos muito estas temáticas, pronto e aí também nós deu alguma, deu-me alguma capacidade para lidar com estas, com estas temáticas na presença dos alunos.

Investigadora - Por exemplo, mas foram temas que se ... como se pode dizer, que foram semelhantes em algum aspecto ou são completamente distintos?

Professor - Tocam-se sim em alguns assuntos, não é?

Investigadora - E isso, agora neste ano, mudou em relação a esses anos?

Professor - Não, é assim, isso que eu tou a falar do I.P.S. já acabou há muito tempo... era uma disciplina que havia em opção, a moral...

Investigadora - Hum...

Professor - ... não sei se... se é do conhecimento... não sei. Na altura houve ali uma disciplina que se tornou, no currículo dos alunos, opção a moral, os alunos ou iam para moral ou iam para a de I.P.S.

Investigadora - Hum...

Professor - Quer dizer o desenvolvimento pessoal e social... no fundo. Depois isso terminou quando surgiu a Formação Cívica.

Investigadora - Hum. Ok.

Professor - Pronto e como eu fiz essa formação de I.P.S., na altura, prontos por, por opção... até acabou por ser... os elementos que eu lá tinha, de actividades, de tarefazitas, de coisas, pronto que a gente podia colocar em ambiente de aula, é que me serviu de apoio...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... que eu tinha já... digamos adquirido há algum tempo, essas, essas coisas, esses conhecimentos.

Investigadora – Hum. E o impacto que esta ausência de formação teve na sua intervenção? Neste caso, na Educação Sexual.

Professor - Eu penso que é sempre negativo, porque no fundo a gente, eu tive de fazer tudo um pouco à custa da minha... da minha, da minha... digamos da minha privação pessoal, da minha formação pessoal, do meu tempo, da minha dedicação, quer dizer coisas... sendo eu um professor da área científica, ainda por cima, que não sou da área da Psicologia... traz-me ainda... digamos dificuldades acrescidas, não é? Como é evidente.

Investigadora – E como é que se defendeu dessa questão? Como é que fez para preparar as aulas?

Professor - Isso foi, é como eu lhe disse desde início, foi facilitado pelo grupo...

Investigadora - Hum...

Professor - ... o grupo reagiu muito bem, não havia ali... prontos... não havia ali oposições em termos de... de opinião dos pais, por exemplo essa, essa dos pais foi muito importante, porque a dada altura um ou outro aluno que dizia... aquelas... coisas divagantes, não é? “Ah, falar disto para quê? Ah, não sei quê? A gente ah, não sei quê”, quer dizer esse tipo de... de atitude em aula que surge, então temas destes, não é? Leva muito a isso... eu tava sempre a à vontade porque sabia que os pais achavam oportuno que a gente falasse daqueles assuntos.

Investigadora - Isso tornou-se um factor importante?

Professor - Isso tornou-se um factor de apoio e de retaguarda que me ajudou a resolver as coisas. E depois é a questão de, de abordar a questão na Formação Cívica, sendo Director de Turma.

Investigadora - Hum...

Professor - Muitas coisas cruzou-se, estes assuntos cruzaram-se, com coisas do diário dos alunos, que normalmente também acontecem no cargo de Direcção de Turma...

Investigadora - Pois.

Professor - ... aí a facilidade. Agora se, se me pedissem a mim para desenvolver isto na Educação Tecnológica ou na, na, na disciplina técnica, também é possível! Eh pá, mas teria que fazer um esforço muito maior. Isso é uma questão de esforço, não é?

Investigadora - Hum, hum...

Professor - Teria que, que ser uma coisa muito mais pensada, muito mais trabalhada ainda.

Investigadora - Essa questão da preparação, era isso que eu queria saber, por exemplo, quando soube que ia, que ia abordar a temática como é que preparou as aulas? Como é que pensou nelas? Com que conteúdos?

Professor - Ah, isso é assim, isso nós trabalhamos muito em equipa eu e os, os oitavos anos, a professora (nome da professora), penso que também já foi ouvida e a professora (nome de outra professora), pronto isso foi organizado em... em conjunto. Nós fizemos uma comunicação inicial...

Investigadora - Hum...

Professor - ...os textos eram os mesmos, os que provocavam o debate...

Investigadora - Hum...

Professor - ... prontos, foi mais trabalho de conjunto e aí também me facilitou a vida um pouco, não é verdade? Depois no dia-a-dia da aula tinha que ser eu a... não é? A aula de uma turma, numa sala, não é igual à da outra sala, pode partir do mesmo sítio mas... a temática e a forma como se lida na aula é diferente, não é? Mas o arranque da

aula, a demarcação da aula, foi sempre... realmente com elementos do conjunto do oitavo ano.

Investigadora – Mas era... estes textozinhos eram retirados de que... de que lugar?

Professor – Pá, de revistas, por acaso eu tenho aqui algumas, não sei se será muito bom... não interessa, não tem interesse, mas pronto, eram textos de revistas juvenis, eram... publicações de... pronto e tem os preparados também, no, até já no âmbito da Formação Cívica...

Investigadora - Hum...

Professor - ... que há textos, não é? Preparados, em termos de, de expressão e de debates dentro de turma, das relações interpessoais, que depois foram, digamos, foram pegados, não estavam propriamente preparados para este tema, mas foram...

Investigadora - Hum...

Professor - ... adaptados. Foi. Prontos, a vida foi um pouco facilitada por aí.

Investigadora – E a escolha desses textos em si, teve em base algum tipo de característica ou?... (interrupção por parte do professor)

Professor - Partiu sempre do tema geral que era os afectos...

Investigadora - Hum...

Professor - ... e a, e as relações interpessoais e a partir daí eles foram formando grupos, eles próprios é que foram debitando... mensagem, as mensagens foram, foram, foram fluindo a partir deles.

Investigadora - E então o intuito... (interrupção por parte do professor)

Professor - E depois desses temas é que eles trabalharam na Área de Projecto também...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... os próprios temas é que eles trabalhavam e depois discutíamos em, em Formação Cívica.

Investigadora - Mas era essa a questão. Por exemplo, quando escolheram uns determinados textos... o que é que tiveram, por base, para escolher aquele texto em detrimento de outro texto? Por exemplo.

Professor - Isso é mais iniciativa nossa, do professor (risos).

Investigadora – Hum. Não teve assim numa característica por trás disso que?... (interrupção por parte do professor)

Professor - Não, tinha que responder ao tema.

Investigadora - Em relação à temática?

Professor - Tinha que responder ao tema, à temática, claro!

Investigadora - Ainda em relação à temática, já me falou em alguns temas que abordaram. Fora os que me falou, ainda existe mais algum que tenha se esquecido que falaram, que abordaram ou não?

Professor - Eh pá, era as cartas, cartas aos amigos, era...

Investigadora - Não, os temas, os assuntos que foram tratados!

Professor – Pois os assuntos, eram mais os afectos, o amor...

Investigadora - Hum...

Professor - ... digamos... a forma como expressar o amor perante... prontos, do mesmo sexo e sexo oposto...

Investigadora - Hum...

Professor – ...prontos, a relação familiar, até também a relação pai e filho, filho... filho... prontos, recíproca... irmãos, amor entre irmãos, quer dizer foi mais este tipo de relações assim. Depois, prontos, na altura, como o tema era Educação Sexual também se vai aflorando a questão... da própria, digamos, vivência sexual das pessoas, dos miúdos...

Investigadora - Hum...

Professor - ... prontos e eles... iam explicando episódios. Depois, havia uma aluna na turma que tinha já... um bocadinho mais idade que os outros e depois, na altura, foi uma confusão, quando ela começou a falar em... em situações de consultas de planeamento e coisas desse género. Quer dizer, prontos, ali... as, as coisas... foi um dos tais temas que... pôs ali uma certa confusão, porque os miúdos, a grande maioria não sabia, não é? Então teve-se de ir buscar então a parte... não é? Que tem a ver com, com o assunto em si e prontos e divagou-se ali um bocado em relação ao amor e aos afectos, mas pronto, foi uma coisa... que tá interligado.

Investigadora – Mas foi um assunto que eles aceitaram, relativamente bem?

Professor - Sim aceitaram, quer dizer, é evidente... repare, é evidente, há sempre um ou outro aluno que fique um pouco incomodado, não é? Quando se dizia assim: “vamos fazer um texto”, a questão, a preocupação deles era: “e tem que ser identificado ou pode ser anónimo?”.

Investigadora - Hum...

Professor - Pronto, há sempre aquele princípio básico... “ah não quero que saibam o que é que eu penso”, não é? Prontos... outros nem por isso, não, não...

Investigadora - Não tinham pudores?

Professor - ...não tinham problema, pudores a esse nível, não.

Investigadora - E agora perguntava-lhe porquê a escolha desses temas, em detrimento de outros temas que podiam ser escolhidos? Por exemplo.

Professor - Repare isso teve a ver com a tal planificação que nós falámos...

Investigadora – Hum, hum...

Professor - ... em termos dos três, pelo menos eu, eu não sei se as minhas colegas divergiram...

Investigadora - Hum...

Professor - ... e depois eu não divergi, porque também sou sincero. Também naquela altura a turma teve alguns, começou a ter alguns problemas de... comportamentais...

Investigadora - Hum...

Professor - ... e tive que interromper o projecto com outro tipo de sessões, sessões de, de chamadas de atenção, de... depois não dei quarenta e cinco minutos por semana também, porque esses minutos passam muito rápido... houve duas ou três aulas que nós tivemos, tavam planeadas para isso, eu tive, tive que substituir por outras actividades, pronto... aí também foi um pouco dispersa no tempo e eles também foram... digamos, desligando o assunto... ah eles tinham os gabinetes... também, que eles poderiam... colocar aqui na escola. Olhe mas é assim eu... nós nas nossas sessões falámos muito dos gabinetes... e alguns alunos, eu depois também não fiz o *feedback*... fiquei com a ideia que eles não foram. Mas eu fiquei com a ideia que... alguns tinham manifestado muito interesse inicial.

Investigadora - Mas se calhar... o que é que os se calhar não os levou ao gabinete?

Professor - Olhe, pode haver, um dos factores, é a questão de tempo... prontos, a questão do horário...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... era muito complicada, eu acho que a principal causa foi essa... mas foi mesmo, quer dizer, se fosse um gabinete de apoio encaixado no horário deles, eu penso que isso que era... uma boa opção de pedagogia.

Investigadora - E acha que o gabinete podia ter sido um auxílio para eles?...
(interrupção por parte do professor)

Professor - Sim, sim, sim, porque...eles, primeiro uma, uma grande maioria de alunos, falando em grupo, assim tão alargado... é um pouco inibidor, como é natural, não é? Em grupo, em grupo mais restrito eles... e eu, eu sentia que eles, entre eles, por exemplo, o grupo eram uns quatro, eles dialogavam, dialogavam e quando nós queríamos passar aquilo para o grupo grande... ficava ali.

Investigadora - Pois.

Professor - É isso... era o mais fácil, até porque eles, eles escolheram o grupo à vontade. Isso foi um dos pressupostos porque senão era uma confusão, se eu impusesse grupos...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... não é? Eles criavam os grupos à vontade deles... e mais, houve uma dada altura, houve, houve grupos que... que mudaram e também não houve, quer dizer, também foi minha preocupação não ter a ir contra isso, porque... da forma como... e até para eles era salutar, eles... ter a dialogar, agora com uns e agora com outros, era importante e eles fizeram isso... dialogaram nos grupos e isso funcionou muito bem, mas... mas eu senti que se calhar... tendo um técnico... mais à vontade, na área da Psicologia, que não é o meu caso e... e se calhar para um ou outro... aluno, teria sido proveitoso. Eu tentei fazer esse, esse, esse... esse incentivo... tentei, agora naquela altura “oh professor, então mas se a gente for, depois faltamos às aulas, depois o professor justifica as faltas?”. “Pá, pontualmente posso justificar, mas tem que ser caso a caso”, quando eu falei “caso a caso”, eles: “não, então não vamos!”, prontos.

Investigadora – Ainda em relação às escolhas, então a escolha dos temas foi feita em conjunto pelos três professores de? ... (interrupção por parte do professor)

Professor - Sim, sim, sim, sim, os temas principais! Depois, os pequenos temas de debate entre eles. Eles iam escolhendo, a tal pesquisa que eles faziam.

Investigadora - Hum... Pronto, ok.

Professor - E colocavam depois à... consideração... eles tinham cuidado, “oh professor, olhe podemos falar disto” e eu: “pois...”... havia alguma discussão entre eles, houve alguns episódios... não vale a pena referir, não é? Um bocado...

Investigadora - Mas o quê? Temas que eles queriam abordar?

Professor - Sim. “ah então e nós não podemos falar disto?”. “Não isso não é bem agora... mais” pronto a questão de, sei lá, da Sida, e não sei quê...

Investigadora - Hum...

Professor - ... que é uma situação que até se fala muito. Mas não era provavelmente aquilo que nós queríamos, este ano desenvolver “então não pá, depois para o ano a gente trata mais isso”, pronto...

Investigadora – Hum, hum...

Professor - ... e eles aí acataram e continuaram para outros lados.

Investigadora - Ok. E a nível de conforto? Sente-se confortável com a generalidade dos temas que poderiam ser escolhidos ou, pelo contrário, nem por isso?

Professor - É o que eu lhe digo, eu também... pronto, tendo essa base de I.P.S.,e pronto, nessa altura ainda custou-me um bocado e não sei quê e prontos... mas, sendo da área científica, da área... das, das Ciências, não, não é propriamente dos temas que eu gosto mais de abordar em aula, mas, mas adapto-me bem, não... tá a falar em relação a mim pessoalmente?

Investigadora - Sim, sim.

Professor - Não tenho grande problema em abordar essas... as questões...

Investigadora - Hum...

Professor - ... embora não preferia fazê-lo, porque tenho uma preparação para além disso, não é? Para além disso quer dizer, diferente dessa.

Investigadora - Hum, hum. Mas mesmo assim, dentro dos vários temas que existem, quais os que não se sente mesmo tão confortável assim?

Professor - Ah, é mais temas a ver com o conhecimento científico, por exemplo, da reprodução, dessas coisas...

Investigadora - Hum...

Professor - ... isso aí se calhar mais a ciência, a professora de Ciências é que está mais à vontade para fazer isso, agora na parte psicológica, também na... na parte da Psicologia, isso aí, o lidar com eles o... ter uma palavra no momento certo ou... que a gente pense, outras vezes pode não ser, não é? ...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... não tou... penso que estou à vontade.

Investigadora - Hum. E motivação para leccionar estas temáticas?

Professor - (risos) É evidente que se for Director de Turma terei que... em princípio, pela Formação Cívica, terá que haver sempre, não é? Motivação, mas não... mas não é grande, não é motivante, voltando à história de que sou da área das Ciências, não é?

Investigadora - Só exclusivamente por isso ou por mais, por uma questão mais própria?

Professor - Eh pá, também não, não... em termos pessoais, também não me chateia muito, isso não, não me aborrece.

Investigadora - Mas também não, não, o põe, por assim dizer, feliz?

Professor - Não me põe eufórico, não, não, não, não.

Investigadora - Mas por alguma razão específica ou simplesmente porque não?...
(interrupção por parte do professor)

Professor – Não, porque... pá, porque lá está, porque também requer um bocadinho mais de... de base de formação...

Investigadora - Hum...

Professor - ... de auto-formação... ainda hoje em dia... prontos, em termos pessoais, isso é, pode ser dito aqui, em termos pessoais de escola ... estou absorvido com tanta coisa... tou a dar cursos de EFA, tou a dar CEF'S, quer dizer... quer dizer, estes temas também acabam por... nesses cursos a gente também tem que ter um pouco de Psicologia para tratá-los, para tratar estes miúdos, são miúdos com vícios, até tou a tratar adultos, tou a fazer adultos e adolescentes...

Investigadora - Hum...

Professor - ... quer dizer... a Psicologia trabalha muito aqui...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... mas é mais a parte tecnológica, não é?

Investigadora - Hum, hum. Então sente que não tem conhecimentos suficientes para abordar a temática?

Professor - Não tenho, tenho mesmo necessidade de formação...

Investigadora - Hum...

Professor - Eu penso que... eu escrevi isso no relatório de Director de Turma.

Investigadora - Hum. Em que tipo de áreas sentiria mais necessidade?

Professor – Não. Disto, da área da Educação Sexual.

Investigadora - Em relação a todas as temáticas ou em alguma temática específica?

Professor - Sim um pouco de tudo, um pouco de tudo.

Investigadora - Tudo! Ok. Ainda em relação... falou-me que motivação, pronto, não está mal, mas também não, não está espectacular, por assim dizer, não é?

Professor - Pois, exactamente, exactamente.

Investigadora - E, tendo em conta a característica do conforto e da sua motivação, como é que se ultrapassa essa questão, para ter uma intervenção? Não é? Para intervir com os alunos? Como é que ultrapassou essa questão do conforto e da motivação?

Professor - É assim, eu não senti muito essa parte, porque as sessões também eram, eram também muito rápidas...

Investigadora – Hum...

Professor - ... os temas eram desenvolvidos, nós fazíamos conclusões, muito... muitas vezes... simplistas, eles faziam conclusões...

Investigadora - Hum...

Professor - ... eh pá, e prontos, mas como depois há... há! Depois como as tarefas eram terminadas na Área de Projecto, aí depois era o meu colega que compilava aquilo. Os trabalhos acabaram por ser gravados num DVD, ele é que os têm, quer dizer, acabei por não, não ver assim grande *feedback* disso. A motivação... pronto se fosse, se fossem mais sessões, se calhar essa, esse problema surgiria... tornar-se-ia mais complicado gerir, no fundo.

Investigadora - É? Mas em relação ao tempo que você fez, como é que distribuiu, mais ou menos, o tempo da temática, em si, pelo ano lectivo?

Professor – Olhe a temática, tinha-se falado que havia um número X de sessões, nós ultrapassámos esse número...

Investigadora - Hum...

Professor - ... de sessões, completamente, em termos de sumariados...

Investigadora – Mas sessões, como? Refere-se a quê? A horas ou? ... (interrupção por parte do professor)

Professor - A horas, a horas. Acho que haviam... eram doze horas, não é? Doze...

Investigadora - Hum, hum. E como é que foram espaçadas ao longo do ano?

Professor - Começámos no segundo período só.

Investigadora - Hum...

Professor - No primeiro período, foi a elaboração do projecto, no primeiro período também falei muito com os pais, foi o período que eu, que eu trabalhei mais... saber a opinião dos pais, saber também a opinião dos alunos...

Investigadora - Hum...

Professor - ... pronto, também... também auscultei os alunos.

Investigadora - Mas isso ia ser determinante na abordagem, ou não, do tema?

Professor - Não, eu queria só tar mais ou menos à vontade... digamos, na abordagem dos assuntos. Quis então fazer um inquérito, disse: “olha gostas deste tema, vamos fazer...” quer dizer, o aluno, tem que ser sincero, claro! Vamos partir do pressuposto que são sinceros... preparam-nos depois também a planear as coisas, não é? Convenientemente.

Investigadora – É, entre aspas, ver as necessidades deles?

Professor - As necessidades deles, exactamente. Primeiro foi isso, essa, essa abordagem foi a do primeiro período...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... foi uma sessão ou duas. Foram duas, depois com os pais. Os pais é fora da aula, prontos foi esse trabalho. Depois no segundo período é que demos então a maior parte das, das sessões. No terceiro período divergimos muito, porque eles tiveram problemas comportamentais, eu também tive necessidade de falar noutros temas, noutras situações, depois também tivemos umas actividades aí, extracurriculares, nos absorveu ali algumas, algumas, algum tempo e o projecto ficou assim um pouco... amputado.

Investigadora - Então foi mais no segundo período... (interrupção por parte do professor)

Professor - Sim no segundo período, concentrou-se no segundo período.

Investigadora – No terceiro ainda teve algumas horas?

Professor - Mas muito pouco, e éramos suposto ter mais, que era para concluir alguns debates, algumas coisas e não se fez! Não se fez por, por falta de tempo...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... não foi por falta de vontade, eles próprios chegaram a dizer-me no final das sessões, no final do ano “professor nós não chegamos a concluir... o projecto de Educação Sexual”.

Investigadora - A aceitação foi boa, então?

Professor – Essa foi, essa foi uma reacção até...

Investigadora - A receptividade deles...

Professor – Foi! Ficou neles a vontade de terminar ainda mais qualquer coisa e então aí desenrasquei-me dizendo: “nós para o ano vamos ter outra vez e nessa altura nós vamos abordar a questão”.

Investigadora - Mas em relação às temáticas, houve alguma temática que teve mais... reteve mais tempo? Foi preciso mais tempo para abordar? Por alguma razão incidiu mais tempo nessa ou... mais ou menos equitativamente?

Professor – Foi a situação, quando... das cartas, escreviam uma carta e depois trocavam as cartas uns com os outros...

Investigadora - Hum...

Professor - ... e depois um lia a carta dos outros, mas depois aquilo, a questão do anonimato... era difícil de conseguir e depois divergimos ali um bocado nesse tema.

Investigadora - Mas era um tema em específico?

Professor - Sim, sim, sim, sim.

Investigadora - Qual era o tema?

Professor - Não, eram cartas de amor escritas.

Investigadora - Ah, eram os afectos?

Professor - Eles é que escolhiam, se era de amor... de namorados, se era amor de pai, se era amor de filhos.

Investigadora - Então o tema era o amor?

Professor - Era o amor, exactamente.

Investigadora – Ah, pronto, ok.

Professor - Pronto e o tema ainda ficou assim... ainda um pouco no ar...

Investigadora - Hum...

Professor - ...quer dizer... precisou ali de mais uma sessão ou duas de debate, de debate, quer dizer, de pelo menos de exposição dos assuntos, depois também fiquei um pouco na dúvida de como é que iria ser apresentado ao grupo alargado e depois foi rematado, olhe, “no próximo ano a gente tratamos disso e do resto”. (risos)

Investigadora - Quando diz sessão, fala em quê?

Professor – Aula, aula.

Investigadora - Mas é quê, quarenta e cinco, noventa?... (interrupção por parte do professor)

Professor - Quarenta e cinco minutos, quarenta e cinco.

Investigadora - Pronto, ok. Já falou-me, assim por alto, também da, da abordagem da homossexualidade, pelas diferenças...

Professor - Sim, sim, sim, sim.

Investigadora - ...qual é a sua posição em relação a temas, por exemplo, como a homossexualidade, abuso sexual, o que é que pensa em relação a essas temáticas?

Professor - Está a pedir a minha opinião?

Investigadora - A sua opinião, sim.

Professor - Aí a minha opinião, pensei que era a opinião de como, como professor.

Investigadora - Não, a sua opinião, claro que está implícita, de certa forma, na sua...
(interrupção por parte do professor)

Professor - Mas colocar isso no currículo dos miúdos?

Investigadora - Não, o que, o que é que acha de abordar essas temáticas...

Professor - Ah, de abordar.

Investigadora - ... de, da abordagem dos conteúdos com, com os seus alunos?

Professor - Eu penso que são, eu penso que são importantes, não é? Nos dias de hoje, lógico que isso é importantíssimo, acho que é por aí que até o ensino também deve... deve ir, não é?

Investigadora - E acabou por acontecer no seu caso?

Professor - Não aconteceu muito, não aconteceu muito.

Investigadora - Hum. Por alguma razão em especial?

Professor - Não, porque... prontos, como eram... os, os afectos também levaria a isso...

Investigadora - Hum...

Professor - ... só que... se calhar a relação dos pais, entre eles, não... prontos, inibiu-os um pouco disso, não é?

Investigadora - Não veio ao tema? Não calhou falar?

Professor - Não veio, não veio. Pontualmente falou-se, assim muito... de fugida...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... falou-se. Mas é como eu disse, digamos os grandes debates de confronto entre o grande grupo, eles, eles dialogaram entre eles e depois eu andava tipo... junto deles, também...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... e quando eu juntava-me a um grupo... eu via a realidade daquele grupo, depois juntava-me a outro, prontos foi trabalhos assim de, de grupo, grupos restritos e depois o, o trabalho final ficou um pouco incompleto...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... foi... não deu para aferir dessas necessidades deles próprios, porque se calhar num debate alargado...

Investigadora - Hum...

Professor - ... essas coisas viriam mais... com mais... com mais frequência, digamos.

Investigadora - Apesar de eu saber que não tem formação e que não abordou a temática, gostaria de falar um pouco sobre a sua posição, acerca da informação sobre contraceptivos, por exemplo, a colocação de um preservativo...

Professor - Exactamente.

Investigadora - ... o que é que pensa em relação a isso?

Professor - Eu acho que é oportuno fazer isso.

Investigadora - Hum... mas pode ser desencadeador ou, pelo contrário, prevenir comportamentos sexuais precoces?

Professor - Eu acho que pode servir como, como prevenção... exactamente.

Investigadora - Hum, em que sentido?

Professor - Acho que tem que ser, tem que ser abordado dessa, dessa forma, não é?

Investigadora - Hum...

Professor - E eu acho que isso, acho que no nono ano que isso se torna... pelo menos, pelo que eu soube, no nono ano isso é abordado de forma mais... lá está a tal classe etária... diferente, penso eu.

Investigadora - Hum, Hum. E benefícios sociais, encontra, na sua opinião? Encontra algum benefício social que possa justificar esta temática... a temática da Educação Sexual? A prática desta temática em contexto escolar?

Professor - De uma forma transversal, acho que em termos... da temática em si, acho que é positiva colocá-la no ensino e em termos sociais também, penso.

Investigadora - Hum. Até que ponto é que vê como bom, positivo, como disse?

Professor - Pá, quer dizer... a relação, a relação entre, a ligação entre... entre as, as... isso no, no debate entre eles, não é? No fundo.

Investigadora - Benefícios sociais, na sua opinião, o que é que pensa acerca do assunto?

Professor - Não tou a perceber, não tou a ver qual é.

Investigadora - Benefícios sociais, vantagens... se acha que tem vantagens ou não tem vantagens a nível social, lá fora, como cidadão ou como cidadãos.

Professor - Eu penso que se a escola é, digamos, é um meio, a escola é o motor da sociedade, eu acho que, essa temática sendo abordada no ensino, poderá, poderá ser enriquecedor da sociedade...

Investigadora - Hum...

Professor - ... em termos sociais, de relação entre as pessoas.

Investigadora - E algum dia mais tarde... (interrupção por parte do professor)

Professor - Vão ser confrontados com essa realidade em termos sociais e se calhar, e se calhar é mais fácil eles conseguirem reagir perante, perante... essas... esses, digamos, esses obstáculos, esses desafios que lhes são colocados no dia-a-dia.

Investigadora - Então o que eles levam daqui nesta área... (interrupção por parte do professor)

Professor - Sim, sim.

Investigadora - ... pode ser benéfico para a vida deles? Posso entender assim, não é?

Professor - Eu penso que sim, penso que sim. Sim, sim.

Investigadora - Ok. Ainda em relação à preparação... disse-me que tinha em base alguns documentos, por assim dizer, algumas revistas...

Professor - Sim, sim.

Investigadora - ... fora isso, pensando... já sei que foi feita em conjunto, e por aí fora, mas por exemplo, quando ia para a sua aula, ia com os objectivos... com algum objectivo definido ou, como é que fazia?

Professor - O objectivo geral tava sempre definido...

Investigadora - Hum...

Professor - ... tá sempre definido à partida, faz parte da planificação.

Investigadora - Hum...

Professor - O objectivo específico da abordagem do objectivo geral... às vezes era um pouco... digamos, por, por experiência, digamos de... também de ensino (risos) ...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... da abordagem da... digamos, da dinâmica da aula e outras coisas, era por aí que eu ia fazendo também, era forçado, fui forçado a fazer, não é?

Investigadora - Mas imaginemos que chegava à aula e, e falava aos alunos: “hoje vamos falar de...” um tema. Como é que se processava? Imaginemos que eu tava a ir a uma aula sua, como é que fazia? Desde o início até... não digo para me descrever

especificamente o que é que fez, mas, imaginemos que eu ia assistir, o que é que eu ia ver? Era o professor a fazer as perguntas e a lançar as questões, eram... como é que se processou?

Professor – Não, não. Muitas vezes funcionou ao contrário, o professor passou a ser... a ser o espectador e os alunos é que eram os interlocutores da, do, dos debates...

Investigadora - Hum...

Professor - ... isso aconteceu com muito mais frequência do que o contrário, a partir da altura em que foi introduzido o tema geral...

Investigadora - Hum...

Professor - ... e algumas dinâmicas de desenvolvimento de grupo, não é? A partir daí...

Investigadora - Da parte do professor?

Professor - ... da parte do professor, depois a partir daí funcionaram os grupos e foram muito autónomos nisso, e foram sempre muito críticos... construtivamente e foram desenvolvendo o produto final em si.

Investigadora - Eles fizeram muitas questões ou foi mais o professor que teve de ajudar?

Professor – Não, eles faziam questões.

Investigadora - Faziam questões?

Professor - Faziam questões...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ...às vezes com alguma... com algum acanhamento, depois já se empurravam uns com os outros, mais no grupo restrito. No grupo alargado, como eu lhe disse, era, é difícil!

Investigadora - Hum...

Professor – No grupo turma, é difícil, porque sei lá, há sempre uma referência qualquer de alguém que não tá... não quer que alguém oiça ou sei lá, digo eu, não é? Que é normal. (risos) Mas, nos tais grupos que eles foram fazendo, por vontade própria deles...

Investigadora - Hum...

Professor - ... não é? A única coisa que eu pedi, não foi que isso... fosse condição, como se diz em termos acadêmicos, *sine qua non*, não era condição necessária de ser, é que... que, que, que os grupos não fossem...totalmente masculinos ou totalmente femininos, que houvesse, digamos, uma mistura...

Investigadora - Hum...

Professor - ... mas isso... aconteceu no início, um pouco por minha imposição, mas depois foi, foi divergindo ao longo das sessões.

Investigadora - Mas decidi distribuí-los assim rapazes e raparigas?... (interrupção por parte do professor)

Professor – Não, eu disse assim: “olha eu quero grupos de quatro e vocês de quatro agora escolham, dois/dois, três/um, mas que tenham...”

Investigadora - Mas misturados...

Professor – Mas misturados.

Investigadora - ... por sexos.

Professor - Sim. E eles, a abordagem deles foi muito positiva, mas depois houve algumas coisitas ali que eles...

Investigadora - Hum...

Professor - ... senti que eles não estariam à vontade, se calhar se tivessem entre... pares.

Investigadora - Mas porque é que decidiu ser assim? Ser... (interrupção por parte do professor)

Professor - Pá, foi uma estratégia, foi falado assim com eles.

Investigadora - Por alguma razão especial ou...? O que é que lhe... o que é que imaginou com essa ideia?

Professor - Quer dizer, pela minha experiência própria percebi que seria uma forma deles estarem mais à vontade uns com os outros...

Investigadora - Hum...

Professor - ...e que sairia daí mais frutuoso o seu debate.

Investigadora - Hum, hum...

Professor - Entendi assim e... e pontualmente funcionou. Não funcionou sempre.

Investigadora - Não?

Professor - Penso que não.

Investigadora - Falou-me da receptividade, já percebi pelo que disse, não... que até foi adequada, foi boa. E considerou essa reacção neles, ajustada, desajustada... imaginaria outro tipo de reacção deles? O que é que pensa sobre isso?

Professor - Pá, com miúdos desta idade, de oitavo ano, eles... às vezes eles criam... e então esta turma, este, este ano, nessa, nessa parte dos comportamentos e atitudes, também se revelou um pouco difícil...

Investigadora - Hum...

Professor - ... e isso também se projectou um pouco no projecto em termos de... na altura eles... não havendo problemas de conflitos graves, porque nunca houve, mas houve, houve algumas reacções negativas em termos de... mas que não tem a ver propriamente com o tema, foi mesmo... eu penso que tem a ver com a idade, o oitavo ano é o ano que parece que não... costuma-se dizer: 'nem são peixe nem são carne' (risos), são assim um pouco as duas coisas misturadas e aquilo há ali um turbilhão... de, de... de sentimentos e de pensamentos e de, e de... e digamos de guiões que, que muitas vezes... se calhar houve pontualmente alguns... se me perguntasse assim: "olha

se fosse há um mês, escolhias estes coisos”, se calhar dizia que não, penso eu. Não, mas não cheguei a constatar isso completamente...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ...mas senti pontualmente algumas ... até porque, na, na perspectiva de quando eles mudavam de grupo, eles faziam um determinado debate hoje e depois “ah professor hoje não...” quer dizer, também um pouco essa liberdade, não é? “Eu agora não quero falar com a Patrícia ou com a Maria, agora quero falar com...” e depois mudavam, quer dizer também aí... podia ser um pouco na experimentação, mas também podia ser... conclusão de outras coisas, não é?

Investigadora - Hum. E o facto de ser homem, acha que tem alguma influência ou teve, neste caso, alguma influência no modo como os alunos foram reagindo à sua intervenção, nesta temática?

Professor - Não, não senti isso.

Investigadora - Hum...

Professor - Não.

Investigadora - Não viu isso, como um factor que pudesse importar?

Professor - Não. O facto de eu ser homem?

Investigadora - Sim.

Professor – Não, não. Se calhar se fosse noutra tipo de turma era capaz, mas eu não senti, por acaso...tenho, tenho... penso que consegui criar uma boa empatia com os alunos...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... já tou com a turma deles, desde o ano passado e isso também me favoreceu.

Investigadora - Hum. E há quanto tempo é que já leccionava com estes alunos?

Professor - Com estes alunos é o segundo ano, estamos no segundo ano.

Investigadora - Hum, hum...

Professor - Foi o segundo ano de leccionação.

Investigadora – O quê, desde o sétimo ano? Sétimo e oitavo?

Professor - Sétimo e oitavo, sétimo e oitavo.

Investigadora - Então considera que a sua relação pedagógica com os alunos... é favorável?

Professor - Sim, favorável a este tema. É.

Investigadora - E em relação... o que é que para si são os objectivos da Educação Sexual?

Professor - Olhe eu sou sincero, não conheço os objectivos gerais da disciplina...do projecto em si...

Investigadora - Hum...

Professor - ... sou sincero, confesso.

Investigadora - Mas para si, neste caso, se é para si, não... não pense nesses... no que está instituído... (interrupção por parte do professor)

Professor – Ah, no que está legalmente instituído.

Investigadora - ... para si, para si quais os objectivos da Educação Sexual? Qual é assim o intuito?

Professor – Eu acho que os objectivos é preparar o miúdo pró... para os obstáculos do dia-a-dia que ele vai ser confrontado.

Investigadora - Mas preparar em que sentido? Pode-me explicar um pouco melhor?

Professor - Preparar... (risos)

Investigadora - Para eu perceber melhor, “preparar” fica um pouco, para mim, um bocadinho vago.

Professor - Ter conhecimento científico das coisas que acontecem...

Investigadora - Hum...

Professor - ... das reacções, do... digamos de... e... perante os factos, conseguir ter alguma... ter algum conhecimento de causa que lhe permita tomar aquela atitude ou outra, não é? ...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... que será necessariamente a correcta ou... aparentemente é... poderá ser a mais correcta ou menos correcta.

Investigadora - Hum, hum...

Professor - Penso que, em princípio terá que dar resposta a esses... grandes desafios, não é? Que são grandes desafios, não é?

Investigadora - Então será, por assim dizer, mostrar aos alunos a realidade, a informação que existe sobre os temas? Por aí?

Professor - Exactamente, e a facilidade com que eles chegam aos temas... a história da... digamos da parte da pornografia...

Investigadora - Hum...

Professor - ... da exposição que existe, mediática, não é? No fundo. Toda a gente tem computadores, toda a gente... quer dizer, eu acho que, o grande desafio da disciplina é passar por aí.

Investigadora - É dar a conhecer?

Professor - Dar a conhecer que realmente as coisas estão ali, mas é preciso estarmos prevenidos e tentar, digamos, separar 'o trigo do joio', não é?...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... daquilo que, que, que contribui para a nossa formação e aquilo que só contribui para a nossa deformação, não é?... e é assim que eu falo... que eu, por acaso falei muitas vezes com eles, quando eles começaram com, por exemplo, essa questão da... da miúda que era mais adulta e que já teve vivências e tá com o namorado, e não sei quê...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... isto foi tudo também um pouco abordado, falaram da questão do amor, da relação entre... e esse tema foi abordado com o miúdo e até foi muito positivo para os outros, porque se calhar, como nunca estiveram com namorados, penso eu...

Investigadora – Hum...

Professor - ... e se calhar também nunca se abriam a esse nível, não é? Mas ela foi clara nisso e acabou por ser proveitoso, porque... tem as suas vantagens, do conhecimento e da formação da pessoa, mas tem que tar prevenido para isso, não é? ...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... e isso aí...

Investigadora - E conteúdos, já me falou de vários conteúdos que deu, mas para si, quais seriam os tipos de conteúdos que devem ou não ser dados na Educação Sexual?

Professor - Eh, pá, eu penso que isso que falou, da, da questão... este ano não falámos da questão da... das, das prevenções, não é? Da... e da homossexualidade...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... da relação com, com, com os pares, não é? Isso acho que... prontos...

Investigadora - Hum...

Professor - ... não sei, os temas também não... do projecto em si, eu penso que há temas gerais a desenvolver, não é?...

Investigadora - Hum...

Professor - ... que têm a ver com tudo isso, não é? Mas eu acho que todos eles são... devem ser abordados numa forma... digamos, não digo profissional, é um termo técnico muito... mas numa forma responsável.

Investigadora - Hum, hum...

Professor - Todos eles são passíveis de serem abordados, que os miúdos mais tarde ou mais cedo vão ser confrontados com isso.

Investigadora - Então considera que qualquer um... (Interrupção por parte do professor)

Professor - Qualquer um dos temas pode ser, nesta área pode...

Investigadora - Nenhum deles pode, por assim dizer... (interrupção por parte do professor)

Professor - É evidente que adaptado à... à idade, não é? ...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... não é? Eu acho que...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... mas se eu fizer um catálogo de temas se calhar todos... pode, pode ser explicado de uma forma genérica os temas todos...

Investigadora - Hum...

Professor - ... agora, desenvolvidos... tem que se ter um bocadinho mais... de cuidado, não é?... de critério, digamos.

Investigadora – Esses que “teremos que ter mais cuidado” seriam, por exemplo, quais?

Professor - Pá, que tenha a ver com a, com a reprodução sexual... prontos, tentar não saber só a parte... física, não é? Ou a parte da reprodução em si, mas o que isso... pode acarretar como questão de formação da própria pessoa...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... a parte psicológica, não é?...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ...e foi aí que, embora não sendo esse tema... foi, foi... foi abordado algumas vezes... a questão das consequências, da parte psicológica da formação...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... pronto e isso aí pode ser falado sempre, penso que desde muito cedo, penso eu, não é? Eu não, não falo, porque não tenho miúdos pequeninos, mas... mas ao nível do oitavo e nono ano já é completamente possível fazer isso e... e, e a questão da, das respostas são, até porque como eu lhe digo, já falámos nisso na questão da I.P.S. ...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... não estando lá agarrado à ideia de qual é os tipos de preservativos que existem, como é que se colocam ou não colocam, não quer dizer que isso não seja importante...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... é uma informação... quase catálogo, não é? Uma pessoa... quase no catálogo vê, não é? Mas a questão, digamos, das consequências e das prevenções é que devem ser bem explicadas, muitas vezes não... não tão lá, não é?

Investigadora - Hum, hum. E a sua posição acerca de um assunto, é um condicionante ou um desencadeador para a escolha dos temas a abordar?

Professor - Claro que é, então. (Risos)

Investigadora - É?

Professor - É.

Investigadora - Mesmo? Porquê? Só para saber...

Professor - É evidente que nós temos... como tudo na vida, não é? Os temas que nós, que a vida nos trouxe, que nos preparou mais afincadamente, é aquela que nós temos mais à vontade para... para abordar, não é?...

Investigadora - Hum...

Professor - ... perante os outros, não é?

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... aquilo que nós tivemos também mais à vontade e mais vontade de o fazer, em termos de abordagem, é aquilo que também nós nos sentimos à vontade quando tamos a passar aos outros a mensagem...

Investigadora - Hum, hum...

Professor – ... isso agora, sem estar a particularizar, é evidente!

Investigadora - Mas acha que isso é ajustado à realidade objectiva da Educação Sexual?

Professor - Olhe eu diria que, prontos, a minha... se eu pensar na minha vida...na minha vida como pessoa...

Investigadora - Hum...

Professor - ... se calhar a minha vida como pessoa não se adapta muito bem à realidade dos dias de hoje, embora eu não quisesse... não quero ir por aí, mas a realidade é mesmo assim, prontos, cada um... analisa por si...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... se, se é isso que me quer... quer saber de mim... mas, mas eu acho que a, a, digamos, o meu tipo de trajecto de vida ajuda-me a abordar essas questões.

Investigadora - Hum, hum...

Professor - Ajuda porque, prontos, não fiz uma vida de, de... como muitos outros fizeram ou como os outros fazem, tenho uma vida... tenho feito e isso também me dá alguma... como é costume dizer, dá-me... como é que é o termo... dá-me... direito de falar dos assuntos com, com, com justa causa, não é por conhecimento de causa, que às vezes é conhecimento porque alguém falou...

Investigadora - Sim...

Professora - ... do assunto, não é? Mas a vantagem de, digamos, de ter tido uma vida, digo eu, normal, não é? Sem grandes desvios em termos dos princípios... permite-me abordar os assuntos de uma forma simplista, não é? De uma forma aberta, não é simplista, aberta, numa forma desprendida.

Investigadora - Mas condiciona-o, isto é, deixa de falar de determinados assuntos porque não se sente... (interrupção por parte do professor)

Professor - Ah, pontualmente também acontece, sem dúvida...

Investigadora - Hum...

Professor - ... porque tenho conhecimento de causas, só por ler ou por ouvir falar...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ...não é? Se calhar se tivesse utilizado noutras situações...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... mas isso mais na área da toxicodependência, prontos, também é um tema que a mim custa-me um bocado abordar quando...na aula de I.P.S. também falamos nisso...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... e que não é propriamente uma consequência deste tema, mas também poderá vir a ser, não é? Uma consequência, não é? De... pelo menos das consequências da... digamos, do dia-a-dia da sexualidade, não é? ...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... e isso pode também nos trazer, acarretar, isso aí é mais difícil, porque o meu contacto com essas coisas foi, foi mínimo ou zero...

Investigadora - Pois...

Professor - ... felizmente!

Investigadora - Ainda em relação à reacção dos alunos, falou-me que eles foram tendo uma aceitação boa, não é?

Professor - Sim, sim, sim.

Investigadora - E essa reacção que eles foram tendo, alterou o modo como foi intervindo, isto é, ia com uma ideia para uma aula... (interrupção por parte do professor)

Professor - Sim, sim, sim isso acontece.

Investigadora - ... e a forma como eles iam reagindo... (interrupção por parte do professor)

Professor - Isso é verdade.

Investigadora - ... as necessidades... (interrupção por parte do professor)

Professor - É! Ah isso foi sempre, foi sempre.

Investigadora - ...que eles iam mostrando, iam mudando de acordo com o que eles mostravam?

Professor - Até porque, há bocadinho quando tava a dizer para descrever um... quase tipo um plano de aula... nunca foi, nunca foi possível, não era, eu acho que não é possível...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... pelo menos na dinâmica de aula que eu abordei... que eu abordei agora e penso que a quem abordasse... o desafio que me foi colocado... pensar em fazer um planozinho de aula linear, como eu faço, por exemplo, numa aula de Educação Tecnológica ou numa aula de Matemática, é impossível...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ...então eles vão achar aquilo uma chachada... penso eu! E... e isso, isso constatou-se até a altura em que foram definidos algum... algumas regras, eles quiseram foi logo trabalhar juntos e ... porque isso é que interessou...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... por isso não... não se consegue, não se consegue. Eu acho que nesta temática é muito difícil conseguir... uma linha muito, muito direita, em termos de planificação.

Investigadora - Hum, hum. E em relação aos resultados, considera que obteve resultados?

Professor - Eu acho que obtive, obtive alguns resultados, mas fiquei aquém em termos do, da satisfação do público-alvo, já disse há bocadinho que eles... no final “então...”, prontos, faltou levantar, levantar umas conclusões ...

Investigadora - Hum...

Professor - ... que ainda tenho hipótese de as fazer no próximo ano... pelo menos foi essa a expectativa que eu dei ao grupo.

Investigadora – Sim, mas imaginemos para o ano, imaginemos que estes alunos não tenham aulas... ou melhor abordem este tema consigo, acha que o que eles levaram das suas aulas modificou-os em alguma coisa?

Professor – Pá, eu penso que sim, pelo menos fiz, dei o meu máximo.

Investigadora – Mas acha que, neles, notou que estava a fazer algum efeito?

Professor - Sim notei, notei, notei porque, mesmo em algumas sessões que nós interrompíamos... sem ser estas, eles diziam: “oh professor... vamos falar de... do projecto da Educação Sexual, porque isto estar aqui...” , houve ali uns episodiezecos que eu tive que parar...

Investigadora - Hum...

Professor - ... e, e também porque alguns tiveram que ‘levar nas orelhas’, e então eles... se calhar por aí também, não é? ... mas eu senti que havia uma vontade maior de ir para o outro tema, do que estar ali a falar daquelas coisas... pronto. Senti satisfação do lado deles em abordar o tema, sem dúvida!

Investigadora - Hum. E desde início, isso aconteceu, desde início pensou... (interrupção por parte do professor)

Professor - Eu, eu no início não...

Investigadora - ... “tenho que ter resultados”... (interrupção por parte do professor)

Professor - Ah, eu próprio?

Investigadora - Sim, se achava que ia conseguir obter resultados da sua intervenção ou...

Professor - Eh pá, eu, eu fui sempre muito céptico... (risos)

Investigadora - Hum....

Professor - ... nessas coisas, fui!

Investigadora – Hum? Ficou apreensivo em relação? ... (interrupção por parte do professor)

Professor – Fiquei muito apreensivo e contínuo um pouco apreensivo, porque nunca cheguei a ter resultados finais efectivamente, não é? Como eu acabei de dizer, não é?

Investigadora - Sim, mas quando pensou, por exemplo, “este ano vou abordar esta temática”, o que é que pensava nesse momento? “e se calhar vai correr bem ou se calhar vai correr mal”. À partida o que é que pensava?

Professor – Não eu quando... é assim, quando havia alguma pergunta menos oportuna ou que levasse a um desenvolvimento... para além...

Investigadora - Hum...

Professor - ... eu tive sempre hipótese de, de, do principio básico inicial...

Investigadora - Hum...

Professor - ... foi sempre dada a informação que este ano no oitavo ano era o tema das relações interpessoais, do amor, de, de... digamos, de actividades dos pares, mas não havia parte de... digamos da parte física, que não íamos falar nisso...

Investigadora - Hum...

Professor - ... nem da, da, nem da, da, dos, dos dispositivos, nem dessas coisas, quer dizer, isso ficaria para o nono ano...

Investigadora - Hum...

Professor - ... e aí eles também... entenderam logo.

Investigadora - Sim, mas ao pensar que os temas seriam aqueles que me falou, o que é que pensou em relação a eles? Que este tema com eles ia correr bem, que ia correr mal? O que é que pensou à partida? Ou se é que pensou alguma coisa. Quando foi abordar este tema pensou o que é que ia resultar daí?

Professor - Já não, já não me lembro eu bem o que é que pensei na altura, mas, mas se calhar...

Investigadora - Mas pensou?

Professor - Pensei, com certeza, mas se calhar pensei que... fiquei um pouco apreensivo... qual era a reacção...

Investigadora - Hum, hum...

Professor - ... deles, não é?

Investigadora - Ok. E em relação a dificuldades, sentiu algum tipo de dificuldade para cumprir os objectivos desta temática?

Professor - Ah, eu penso que isso já ficou um pouco subentendido daquilo que eu disse, no fundo eu não, não cheguei a fazer grandes, grandes conclusões na perspectiva...

Investigadora - Sim mas objectivos que tinha definido à partida... (interrupção por parte do professor)

Professor - ... objectivos foi, falou-se, isso foi, confirmou-se.

Investigadora - Sim, mas teve dificuldade em cumprir, de certa forma, esses objectivos que foram?... (interrupção por parte do professor)

Professor - Não, não, não, não, não.

Investigadora - Era isso que eu queria saber.

Professor - Não.

Investigadora - E modificava alguma coisa em todo o processo?

Professor - Eh pá, isso como tudo na vida a gente, há coisitas que a gente pode sempre melhorar, não é? Mas se calhar não modificaria muito...

Investigadora - Hum...

Professor - ...se calhar se tivesse tido uma formação mais específica...

Investigadora - Hum...

Professor - ... podia ter abordado o assunto de outra forma e até poderei abordá-lo numa perspectiva diferente numa próxima, depois desta experiência.

Investigadora - Mas é mais em relação a um facto pessoal...

Professor – Pessoal.

Investigadora - ... e não a nível da instituição...

Professor - Não, não, não.

Investigadora - ... ou do projecto em si?

Professor – Não, não, não.

Investigadora - Não mudaria nenhum aspecto?

Professor - Não mudaria, não, não mudaria.

Investigadora - Para finalizar, pretende colocar alguma questão, algum comentário?

Professor - Eu, a única coisa que eu hei-de dizer, é que realmente foi, foi importante esta... este... acabou por ser, para mim pessoalmente, acabou por ser importante também porque... também nos ajuda às vezes a pensar, porque às vezes... e é, por exemplo, esta temática com as minhas colegas do oitavo ano, nós ainda não fizemos este, este, este, este resumo e podíamos ter feito... e... pronto, acho que foi proveitoso... esta entrevista, pelo menos em termos pessoais.

Investigadora - Ah, obrigada. (risos)

Professor - (risos)

Investigadora - Mais alguma questão que queira colocar?

Professor – Não, não.

Investigadora - É? Então muito obrigada.

Professor - Espero que não utilize isto para, para...

Investigadora - Não se preocupe, que eu já lhe disse que isso está salvaguardado, não se preocupe. Muito obrigada. (risos)

Professor – De nada. (risos)